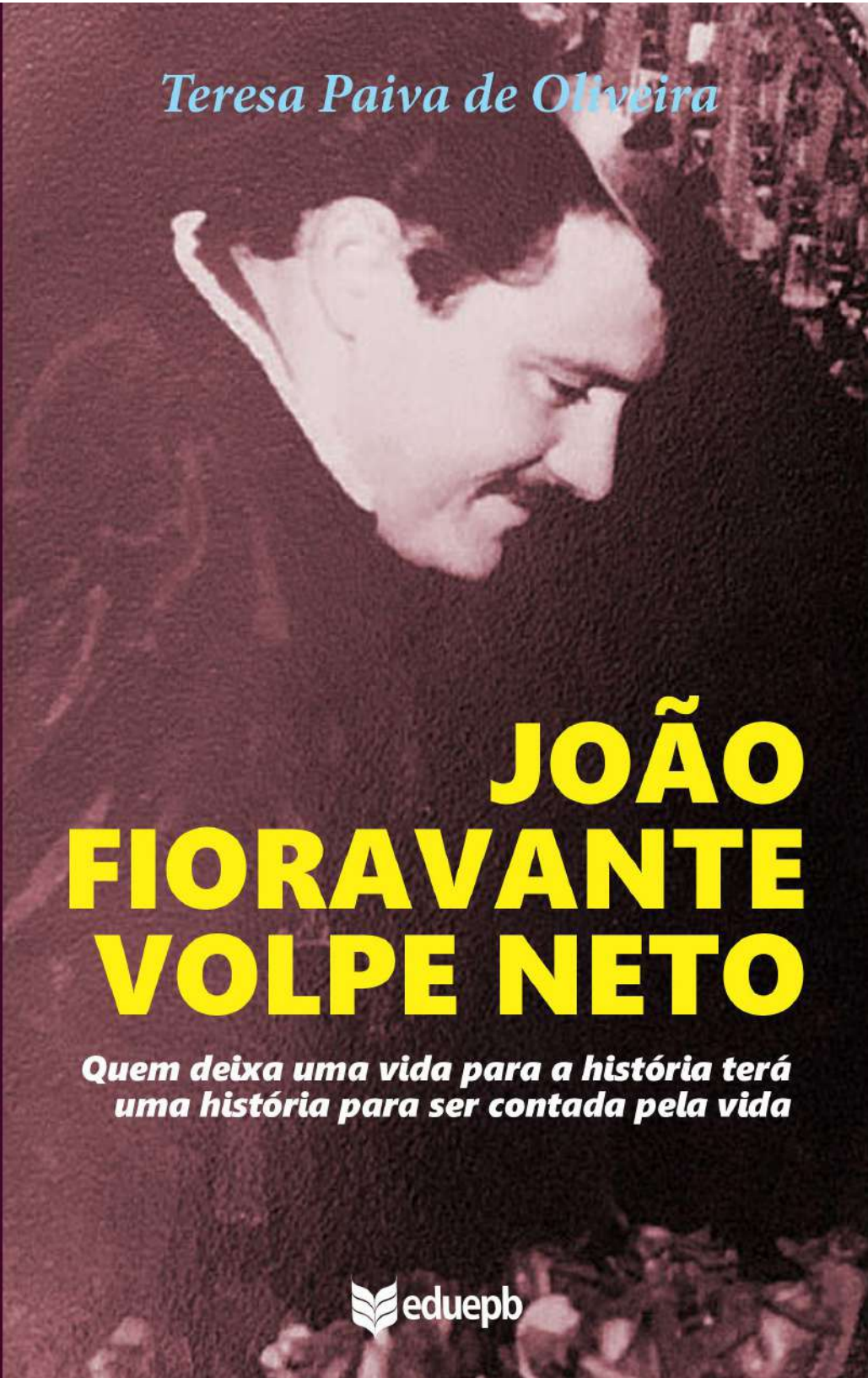


Teresa Paiva de Oliveira



JOÃO FIORAVANTE VOLPE NETO

*Quem deixa uma vida para a história terá
uma história para ser contada pela vida*



Universidade Estadual da Paraíba

Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*

Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)

Alberto Soares de Melo (UEPB)

Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)

José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)

José Luciano Albino Barbosa (UEPB)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Teresa Paiva de Oliveira

JOÃO FIORAVANTE VOLPE NETO

***Quem deixa uma vida para a história terá
uma história para ser contada pela vida***



Campina Grande-PB

2025

Expediente EDUEPB***Design Gráfico e Edição***

Erick Ferreira Cabral

Jefferson Ricardo Lima A. Nunes

Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire

Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Editorial

Eli Brandão da Silva

Assessoria Técnica

Thaise Cabral Arruda

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

O48j Oliveira, Teresa Paiva de.
João Fioravante Volpe Neto [recurso eletrônico] : quem
deixa uma vida para a história terá uma história para ser contada
pela vida / Teresa Paiva de Oliveira. – Campina Grande :
EDUEPB, 2025.

131 p. : il. color. ; 21 x 29,7 cm.

ISBN: 978-65-5221-071-5 (Impresso)

ISBN: 978-65-5221-070-8 (2.970 KB - PDF)

ISBN: 978-65-5221-072-2 (1.250 KB - Epub)

1. Biografia - João Fioravante Volpe Neto. 2. Trajetória de
Vida - João Fioravante Volpe Neto. 3. Personalidade Pública -
João Fioravante Volpe Neto. I. Título.

21. ed. CDD 923.4

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © EDUEPB

*A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou
parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.*

A Francisco, aquele que projetou em mim a
arquitetura dos amores desprezíveis;

A Sérgio Vilar, por ter me ensinado que
os grandes medos sucumbem às pequenas
coragens.

A Dr. Gentil, dele herdei a ousadia de encarar
os fracassos com reticências...

A vida é uma só: a costura entre riso e dor

UMA TRAJETÓRIA DECENTE não cabe em baús. Não deve ter torres de tombos. Não há biblioteca ou, para aportar em 2017, um HD com muitos *gigabytes*, uma nuvem. E é bom que assim seja. Se não fosse dessa forma, a genialidade dos grandes homens perderia um pouco do romantismo que guarda. Acho que grande parte do encantamento que as petições e crônicas de João Volpe exercem sobre um rebanho de súditos nordestinos se deve à impossibilidade de ter os arquivos salvos nos computadores. A nostalgia de serem inalcançáveis dá ao mundo uma substância que mistura eternidade e infinitude. As letras alcançadas pelo nobre colega em sua velha máquina de datilografia, além de não terem começo, certamente não têm fim.

Nesses casos, a poesia existe por insistência. Não é fácil ter tempo para o belo diante de uma militância tão aguerrida e, carregando nos ombros a responsabilidade de educar sete filhos.

A presente narrativa chegou ao meu conhecimento através de Teresa, filha de Gentil, meu amigo, meu irmão, companheiro de militância e de carteados. Aquilo que a ideologia uniu, a covardia política separou. O Alain Delon nascido no Sítio Carnaubau, Município de Alexandria – RN sucumbiu após doze disparos de arma de fogo. Morreu o homem. Nasceu o mito. A escritora cresceu debaixo das lutas populares ouvindo os sábios conselhos dados por seu pai. Mesmo sem nunca ocupar cadeiras no executivo ou legislativo, carrega no sangue o talento comover multidões. A retórica da jovem faz gosto de ver. O olhar aguçado sobre a vida e a diplomacia própria de sua essência complementa as lacunas deixadas pelos silêncios de Ricardo quando dos meus convites para uma partida de pôquer na minha casa. São opostos que se atraem. Penso eu que o amigo da autora não deva estar preparado para tolerar as irreverências dessa galega linda que sorri com os olhos perante uma trinca de ases.

E é essa interação improvável que deixou tudo mais bonito. Fui o primeiro leitor dessa biografia. Ajudei na construção do projeto. De frente para o mar, puxei a cadeira para João Volpe, acendi um cigarro e o trouxe para a capital do sol em grande estilo. Sem qualquer demérito às outras vezes que o avô da menina de olhos buliçosos esteve aqui, asseguro que agora é diferente. Assim como ele, passei das sete décadas, perdi o filtro, não guardo nem segredo, tampouco dinheiro. Guardo lembranças doces de lugares amargos e tenho sempre uma dose de uísque, uma mesa de baralho, um maço de cigarros e um punhado de histórias para contar. Duvido que a partir de então, eu seja preterido por quem quer que seja.

Pois bem, estamos diante de uma leitura honesta até demais. A autora é detentora de uma mente limpa e livre de padrões e, em sendo assim, conseguiu captar a singularidade estética e sintética da trajetória de João, fazendo uso de digressões metalinguísticas diversas e transformando o enredo numa verdadeira lira ao vate por esse livro eternizado. Aqui ou na Índia, para Paulo Buranga ou para Osho, a vida é uma só. Costura de riso e dor.

É um livro cheio de novidades. Até os mais ávidos leitores de nossas besteiras na Tribuna do Norte se encontrarão com fatos comuns do cotidiano que ainda não estão registrados no balaio das letras. Bom de ler no balanço de uma rede com o bucho cheio, devendo até a alma, pensando na vida e espantando a morte.

E legado? Legado não é herança. Legado é o que se deixa, não se pode tocar ou trocar. Aqui, Teresa deixa o refletor bem aceso e direcionado para não correr o risco de deixar passar batido os registros de uma família que até hoje estava à margem da cena. Inclusão, generosidade, partilha. Nobre legado. A atitude dos amigos de Ariano Suassuna em compor essa empreitada reafirma que a luz divina se revela para todos em qualquer lugar. O resto é consequência das circunstâncias temporais.

Simplicidade e verdade. Não consigo enxergar duas ânsias maiores na humanidade. E do pequeno se induz ao gigante. A revolução nossa de cada dia se faz como o de erigir ao bonito patamar de um livro o rico e despretenso legado de um advogado com pensamentos empiricamente filosóficos. Muitos sequer se atreveriam a tal feito. Não cabe perder tempo na urgência

prática do mundo contemporâneo. Teresa foi até ele. Foi buscá-lo dentro do anonimato apenas para ver o mundo melhor. Coisa pouca. Nada mais. Só para ver a prosa poética tirando o chão das pessoas de um lugar e transportando para outro bem melhor que o anterior. Só para ver um descendente de imigrantes italianos sentar na mesma mesa de Nietzsche pelo simples motivo de serem exatamente iguais em suas geográficas diferenças. Só para isso. Para ensinar ao mundo que a vida é tranquila, mesmo com esse ou aquele aborrecimento, e que, no fim, todos, advogados, poetas, escritores, filósofos, Ph.D.s ou arigós, terminarão inevitavelmente iguais, descansando a matéria.

E se é para misturar profundidade filosófica com simplicidade e conhecimento empírico, se é para jogar luz sobre a verdade real e equipará-la à oficial, termino essa minha impressão com um antigo conto oriental, uma lenda, uma história também não registrada. Sobre pessoas que não sabem o que são, que sabem sem saber, que não conhecem seu valor e isso as valoriza muito mais. Pessoas que falam das curvas da vida com propriedade. Não do saber, mas do ser. Pessoas que são exatamente o que dizem porque não lhes foi permitido nenhum hiato de fraqueza entre o discurso e a prática... Eis o conto:

Depois de uma imensa caminhada atravessando todo o país, três monges budistas, tidos como os homens mais sábios de suas aldeias, chegaram ao topo da montanha mais alta, onde há muitos anos vivia em meditação o monge mais velho e respeitado do oriente. Quando o encontraram, perguntaram ansiosos, prontos para receberem a mais valiosa lição de suas

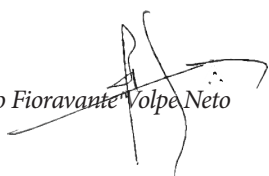
caminhadas rumo ao Nirvana. Mestre! Grande Iluminado! Chegamos sedentos por tua sabedoria!. Responde-nos! O que fazer para inflamar a alma da mais intensa iluminação? Respondeu o Mestre: Sei disso não!

Se João Neto não sabe, imaginem eu!

Com admiração integral,

Henrique Eduardo de Lyra Alves

Brasília, 26 de setembro de 2024


João Fioravante Volpe Neto 15



*"Pelo que aprendi, espero ser, na
distancia do tempo, exemplo e
eterna saudade."*

João Fioravante Volpe Neto

Entre outras mil, és tu, Teresa

FUI APRESENTADO A TERESA POR MEU PAI, Paulo Marconi, num desses encontros que só o sertão é capaz de arrumar com jeito. Foi ele quem colocou nas mãos dela meu livro sobre Seu Luiz Gonzaga — e ali, sem pressa, nasceu uma ponte feita de admiração e afeto. Nordestina como eu — ela do alto oeste do Rio Grande do Norte, eu da terra quente da Paraíba — a gente logo se entendeu nos silêncios, nas memórias e na forma de olhar o mundo com emoção.

Em 2022, Teresa lançou a obra *“Gentil, verás que um filho teu não foge à luta”*, uma homenagem sensível ao seu pai. Mais recentemente, publicou *“Esmeraldas ao Vento”*, onde retrata com delicadeza o cotidiano de vinte médicos que atuam no SUS, em terras potiguaras.

Advogada por formação, com um currículo acadêmico que, além de dispensar comentários, não faz inveja a nenhum livre-docente desse Brasil, é também escritora, servidora da justiça e, acima de tudo, mãe de Francisco — Francisco é mais que filho: é farol, é

chão, é continuação. Teresa escreve com os dois pés fincados na realidade e o coração sempre atento às sutilezas da vida.

Agora, Teresa nos entrega *João Fioravante Volpe Neto*: quem deixa uma vida para a história terá uma história para ser contada pela vida — uma obra que é carta, despedida e bênção. Uma travessia silenciosa entre o que se foi e o que fica. Teresa se senta diante do papel como quem se senta diante de um velho amigo: com respeito, memória e emoção. Escreve para o Dr. João Volpe não como quem se despede, mas como quem ainda conversa. Como quem segura a mão pela última vez, mesmo sabendo que certas mãos ficam pra sempre na gente.

O texto final é de cortar o peito. Ela fala dos filhos que o acompanharam — com um olhar de ternura, gratidão e aquela esperança bonita de quem vê nos gestos de hoje os ensinamentos que ele deixou. Fala do silêncio como última linguagem. Fala da tristeza que caminha de braços dados com a felicidade. E fala de fé... não a fé gritante, mas a fé que se revela no gesto, no cuidado, no familiar que leva a Eucaristia, mesmo quando a voz já não responde.

Teresa escreve com a alma de quem carrega o Nordeste na pele, no sotaque e no jeito firme de sentir. Suas palavras têm a cadência da terra, o ritmo do silêncio e a coragem de quem sabe atravessar a vida com poesia.

Paulo Vanderley Tomaz

Escritor, palestrante, pesquisador e curador do legado de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião

Prefácio

EM MEIO À VASTIDÃO da experiência humana, raras são as trajetórias que conseguem entrelaçar, com tamanha harmonia, as virtudes da probidade, da dedicação familiar e do compromisso inabalável com a justiça. A vida de João Fioravante Volpe Neto representa um desses raros testemunhos - um monumento erigido não em mármore, mas na substância mais perene que existe: o exemplo moral que resiste à corrosão do tempo.

Esta obra que o leitor tem em mãos não é meramente uma biografia. É, antes, uma cartografia da dignidade humana traçada através dos passos de um homem que, nascido do sacrifício e da esperança de imigrantes italianos, soube honrar suas raízes transformando-as em frondosa árvore que hoje abriga gerações de frutos e flores.

João Volpe nasceu na confluência de duas grandes correntes históricas: de um lado, a diáspora italiana que, fugindo da guerra e da miséria, atravessou o Atlântico em busca de um futuro possível; de outro,

a formação de uma nação brasileira que se construía também pela mão desses estrangeiros que aqui plantaram mais que café - plantaram esperanças e sonhos que floresceriam em seus descendentes. Se “há um tempo para todo propósito debaixo do céu” (Eclesiastes 3,1), o tempo da família Volpe foi justamente o de semear em terra estrangeira para que gerações futuras pudessem colher os frutos da justiça e da dignidade.

O jovem que começou organizando frascos de medicamentos na farmácia do Senhor Manoel transformou-se no advogado que, com “mãos que se ferem nessa busca”, como belamente descrito nestas páginas, rasgava “a dureza da injustiça em busca da pedra preciosa”. Sua jornada profissional foi marcada não pelo acúmulo de bens ou posições, mas pela defesa intransigente daquilo que considerava justo, tornando-se um verdadeiro garimpeiro de dignidade humana.

Contudo, seria insuficiente retratar João Volpe apenas pela dimensão de sua atuação jurídica. O homem que emerge destas páginas é multifacetado: filho dedicado, esposo amoroso, pai exemplar, amigo leal, cidadão atuante. A relação com sua esposa Lenice, narrada com singular sensibilidade, revela-nos o significado profundo do amor conjugal, especialmente nos momentos de adversidade, quando a demência o acometeu e “ela foi sua voz”, “emprestou seus olhos”, foi “chão, caminho e horizonte”. Naquela casa brilhou o ensinamento paulino: “O amor é paciente, o amor é bondoso... Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais findará” (1 Coríntios 13,4-8).

Os capítulos que compõem esta obra, escritos com a reverência de quem compreende estar diante de

algo precioso, capturam não apenas os fatos de uma vida, mas seu espírito, sua essência. Teresa Paiva de Oliveira, em sua prosa poética e reflexiva, convida-nos a enxergar, para além da narrativa biográfica, as lições universais que dela emanam. Seu estilo narrativo vivo e cativante - que nos transporta das planícies do Vêneto até as ruas de Franca em uma jornada envolvente - transforma o que poderia ser mero registro histórico em uma experiência quase sensorial. A biógrafa não apenas documenta, mas pinta com palavras, permitindo-nos sentir o aroma do café torrado pelos imigrantes italianos e o peso emocional das petições jurídicas redigidas por João Volpe. Em suas reflexões sobre o amor e a existência, a autora nos oferece pérolas de sabedoria como “o amor embeleza qualquer sacrifício”, e nos recorda: “A vida nasce da dor. O amor mais amado surge depois de uma dor prolongada. Amor de mãe!”

Este livro, portanto, transcende o gênero biográfico para tornar-se um manual sobre como enfrentar as adversidades sem perder a fé, um poema sobre o amor que persiste mesmo quando “a cadeira ao lado fica vazia”. A maestria com que Teresa entrelaça memória pessoal e contexto histórico, reflexão filosófica e narrativa factual, confere à obra uma dimensão raramente encontrada em biografias contemporâneas. Seu talento para capturar a essência dos momentos cruciais - seja no ambiente doméstico da família Volpe, seja nos embates forenses - transforma esta biografia em documento humano de valor perene. Sua escrita vibrante e cativante nos transporta para dentro da história, fazendo-nos partilhar das emoções e experiências de seus personagens com intensidade rara.

Sua pena é a ponte entre passado e presente, entre memória e eternidade, garantindo que a voz de João Fioravante Volpe Neto permaneça viva e pulsante em cada leitor. É uma obra necessária em tempos de relativismo moral e individualismo exacerbado.

João Volpe representa um exemplo de dedicação à profissão jurídica, exercendo-a com a dignidade e o compromisso ético que caracterizam os verdadeiros cultores do Direito. Benquisto por todos, sua vida profissional foi marcada pela simplicidade no trato e pela firmeza de propósitos: “Combateu a injustiça com firmeza, trabalhou com simplicidade, guiou destinos”. Sua trajetória nos ensina que a advocacia, quando exercida com integridade, vai além da mera aplicação técnica de dispositivos legais e é capaz de transformar a realidade.

Que o exemplo de João Fioravante Volpe Neto, cristalizado nestas páginas com tanta sensibilidade, possa iluminar novos caminhos de justiça e humanidade. Que sua memória permaneça não apenas como consolação para aqueles que o amaram, mas como inspiração para todos que acreditam que o Direito deve estar sempre a serviço da Justiça e da dignidade humana.

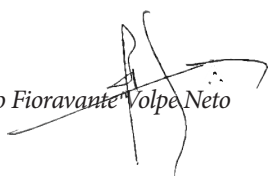
Finalmente, não posso deixar de enaltecer a sensibilidade literária da autora, cuja pena parece dançar entre o rigor histórico e a comoção poética com uma desenvoltura admirável. A biógrafa demonstra rara habilidade ao descrever tanto o contexto histórico da imigração italiana quanto os momentos mais íntimos da vida familiar do biografado, fazendo-o sempre com um equilíbrio preciso entre objetividade e emo-

ção. Seu texto, ao mesmo tempo erudito e acessível, constrói pontes entre o leitor e a *vida extraordinária de um homem comum*, tornando palpável o legado de João Fioravante Volpe Neto para as gerações futuras.

Fortaleza(CE), 24 de março de 2025.

André Dias Fernandes

Doutor em Direito do Estado pela USP. Mestre em Direito pela UFC. MBA em Poder Judiciário pela FGV Direito Rio. Professor do Mestrado em Direito da UNI7 e de outros cursos de pós-graduação. Juiz Federal em Fortaleza-CE. Ex-Procurador da Fazenda Nacional


João Fioravante Volpe Neto 25

Remando contra a maré

PARA TUDO HÁ UM TEMPO debaixo do céu, já dizia Salomão. A vida não sai do compasso, eis a ordem natural das coisas. O personagem central deste enredo nunca se preocupou em organizar uma narrativa própria ou até mesmo escrever sua autobiografia. A demência chegou antes que ele sequer expressasse o desejo de ter sua história registrada para a posteridade. Todavia, a vida segue por caminhos tão incertos quanto perfeitos e aquela vontade tantas vezes por nós desconhecida nos conduz a lugares onde encontramos aquilo que é essencial à nossa existência. Ou seja, nada desvia o destino e estamos todos onde verdadeiramente deveríamos estar.

As paredes do meu escritório abrigam uma fotografia quando de minha formatura em Ciências Jurídicas emparelhada com um certificado de aprovação no exame de ordem, emitido pela OAB – Seção Paraíba há mais de duas décadas. Contemplo o passado com nostalgia e prometo mais uma vez enfrentar a covardia e apostar na contingência. Percebo-me traindo a

mim mesma quando reconheço que um contracheque com a rubrica do Poder Judiciário adormeceu o sonho de uma menina que tropeçou na morte em plena sala de estar.

Advogada tão somente por formação, professora por vocação, escritora por paixão, integrante dos quadros efetivos do Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba por obrigação há mais de duas décadas. Prédios imponentes, salas bem equipadas, computadores de última geração e pisos de mármore travertino nunca me encheram os olhos. O cargo que exerço é o que menos importa nessa trajetória. A relevância de minha labuta é diuturnamente rebaixada pela frustração de exercer uma função incompatível com a advocacia.

Enxergando-me vazia e sem sentido, fiz da escrita meu depósito de esperanças. Em cada linha, retalhos de minha alma, em cada obra, o prazer inenarrável que acompanha o nascimento de toda grande paixão.

Em um dos balanços do rio da vida, conheci Ricardo Augusto Garcia Volpe. Eu havia acabado de lançar um livro cujos personagens eram vinte médicos anônimos com atuação exclusiva do Sistema Único de Saúde. Honório Henrique, um dos homenageados da obra, é nosso amigo comum e foi responsável por presentear o colega com um exemplar autografado por mim.

Em meio ao silêncio das minhas madrugadas insones, eis o nascer deste trabalho. Já passava da meia noite quando Dr. Ricardo, nessa época, em viagem à Franca - SP para assistir ao casamento de um sobrinho, enviou-me uma mensagem avisando do regresso para Natal, oportunidade que gostaria de marcar um

café para conversarmos sobre saúde pública, política local, educação infantil e outros temas.

Conversamos sobre quase tudo e ele me confessou o desejo de registrar a história do pai em livro. Aceitei o encargo. Nunca havia escrito nada sobre nenhum colega de profissão. Seria uma excelente oportunidade de ampliar meus horizontes. Agradei a confiança e comecei o trabalho.

Um humanista escondido por detrás de meia dúzia de atrevimentos balanceados por um sarcasmo pra lá de genial como recurso retórico atravessou meu caminho. João Fioravante Volpe Neto, advogado, simplesmente advogado.

Enquanto a vida do Dr. Ricardo estava por desconhecer a diferença entre ordem e caos, ressurgiu uma figura desenhando o equilíbrio, devolvendo a serenidade. Em outubro de 2023, o médico paulista enfrentaria talvez seu maior desafio: a morte de Esther, sua amada esposa e mãe dos seus dois filhos. Ambos residiam há mais de uma década em solo potiguar, tendo escolhido a terra de sua consorte para ter acesso a um novo estilo de vida: largar o cotidiano louco de São Paulo e a chefia do Pronto Atendimento do Hospital Santa Marcelina para dedicar-se à família numa rotina de trabalho mais suave e mais tranquila. Entretanto, nem sempre conseguimos alcançar os ideais planejados. A vida, por incontáveis vezes, de forma democrática, puxa o nosso tapete, vira nossa vida pelo avesso e nos obriga a redirecionar a rota. Foi assim que aconteceu com o Dr. Ricardo Augusto. Exatamente um ano após o dia no qual Esther perdeu a luta para um câncer devastador, ele precisou fazer o caminho inverso.

Havia outra variável na vida do Dr. Ricardo. O professor João Volpe, também em outubro de 2023, sofrera um acidente e a pancada na região do córtex pré-frontal lhe rendeu a perda total da consciência e da autonomia. Portanto, Ricardo precisava voltar, seja para encontrar na família uma rede de apoio eficaz para ajudar com as crianças, seja para acompanhar a finitude dos dias de vida do pai. A força de duas saudades latentes fez com que aquele menino, que aos sete anos de idade decidira seguir seu pai após o divórcio, regressasse à capital do café. As roupinhas entulhadas dentro da fronha que cobria o travesseiro da criança que acompanhou o pai desde sempre, guardam as memórias e reminiscências construídas em meio à cumplicidade de dois olhares cruzados e eternizados no amor de dois corações batendo no mesmo compasso.

Durante a tessitura desta obra aprendi e vivenciei sabores, mas também alguns poucos dissabores. Conhecer-se é, socraticamente, o início árduo da Filosofia.

Do fim de janeiro até o início de março, fui obrigada a conhecer-me mais. Descobri-me muito humana. Amigos leais e parceiros desta empreitada preencheram meus vazios. Síldilon Maia prometeu não me deixar regressar à Franca sem ele, mas exigiu contrapartida: continuar respeitando meu trabalho, não negligenciar os meus talentos e, em reverência ao nosso personagem e colega, fazer do exercício de um perdão genuíno a maior demonstração de afeição, respeito e referência a Dr. João Fioravante Volpe Neto. As cordas do violino já estavam afinadas e esticadas, esperando apenas que eu tomasse o arco e as fizesse soar. Meu arco permaneceu sobre o aparador imaginário...

Lembrei-me de um poema lido na época de minha juventude: “Le vase brisé” (o vaso quebrado), de Sully Prudhomme. O poema narrava que um vaso fora quebrado. E que, apesar de não ser perceptível aos olhos do mundo, não poderia mais ser tocado. No poema francês, as relações eram como um fino vaso que poderia ser colado, mas que suas rachaduras permaneceriam e que, um dia, ao simples toque, revelariam a fratura. O vaso era o coração humano. O poema, lido trinta anos antes, voltava com força. Seria possível refazer o vaso?

Prudhomme ganhou o Nobel de literatura em 1901. Seus versos voaram na minha mente muitas vezes. Metáforas são boas? Vasos são inertes, pessoas são orgânicas. Seria válida a comparação? Qual o limite da reconstrução da confiança?

São questões muito humanas. Este livro, de forma honesta, verdadeira e respeitosa, trata de todas essas matérias. É uma jornada pelos valores e pelas respostas dadas a esses valores. Viver é sempre perigoso, envolve acidentes de percurso. Afinal, como termina essa história? prossigam na leitura e tão logo saberão.

Em 8 de março, Dr. João Volpe descansou a matéria. A vida prossegue e a morte ao nosso redor nos mostra a brevidade da existência.

A grandeza dele alcançou todos os recantos da Terra de Santa Cruz. É patrimônio nosso, imortalizou-se através da minha caneta e conquistou o coração do Brasil por ter alcançado aquilo que dizia Luigi Provenzano: a genialidade na simplicidade.

O entusiasmo voltou, a vontade de jogar este livro no mundo também. Portanto, vamos a ele, afinal, a maior virtude de um ser humano é erguer sua obra em meio à devastação.

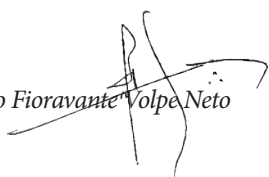
Teresa Paiva de Oliveira
Parahyba, março de 2025.

Com a palavra, Elvis!

PARAFRASEANDO OSWALD DE ANDRADE quando dizia querer a contribuição milionária de todos os seus erros, cá estou, fazendo o mesmo exercício desde o início da construção desta obra, olhando-me no espelho, reconhecendo meus fracassos, mediocridades e imperfeições.

O brilhantismo, a genialidade, a sagacidade, a inteligência e a astúcia do Dr. João Fioravante Volpe Neto são fato incontroverso. Em quase meio século de exercício pleno da advocacia em Franca e milhares de clientes, não seria nada além do esperado se acaso repousasse sobre ele qualquer questão ética fruto da insatisfação de alguma parte insatisfeita com o desfecho de uma demanda específica. Dr. Volpe, não diferente dos demais mortais, também era humano, portanto, inadequações e imprecisões fazem parte da trajetória de qualquer vivente e isso não deixa de ser um recorte real da nossa condição humana.

Entretanto, fugindo da regra, assim como sempre fugiu da curva dos indivíduos medianos, a carreira


João Fioravante Volpe Neto 33

de João Fioravante é completamente livre e limpa de qualquer mácula, por menor que seja. Coisa rara em tempos modernos. Então, quando uma escritora está diante de alguém com tantos atributos diferenciados, a praxe é que a obra seja apresentada por um nome de peso, seja por um renomado jurista, seja por um escritor reconhecido, seja por um jornalista com alcance nacional. Cumpri essa liturgia protocolar e, de fato, um dos advogados mais importantes que já conheci iria fazer esse trabalho, inclusive chegou a entregar o texto para edição. Até então tudo andava conforme o planejado até esta escritora ter o privilégio de conversar com Elvis, o moço que, há três décadas, cuida da portaria do edifício onde fica o escritório do Dr. João Volpe.

Quebrei o protocolo. Redirecionei o texto do colega ilustre para outro capítulo por entender ser legítimo o direito de Elvis de abrir as portas deste livro, assim como o fez por trinta anos, tanto para o nosso personagem, como para seus clientes e amigos. Os leitores entenderão os motivos e, certamente, não farão julgamentos.

Era 24 de fevereiro do ano em curso, o relógio marcava 16h50 quando cheguei à Rua Marrey Júnior, 2305, após enfrentar mais de quinze horas de viagem para conseguir pousar no aeroporto de Franca e após ter cumprido o primeiro compromisso junto à OAB, 13ª Subseção Franca-SP. Naquela tarde de verão o calor estava insuportável. Mas fiz a pé o trajeto entre o edifício no qual finalizei o encargo anterior e o escritório de Dr. Volpe. Subidas e descidas, calçadas e

paralelepípedos irregulares arreventaram tanto meu *Louboutin* salto agulha, quanto a minha coluna.

Adentrei naquele lugar mágico. Ao mesmo tempo que meus olhos contemplavam um prédio modesto, minha alma sentia que ali habitava uma riqueza cujas cifras seriam insuficientes para calcular. Havia um rapaz de meia idade sentado por detrás de uma mesinha de madeira bruta. Ao lado dele, uma garrafa de café, um radinho de pilhas e algumas folhas com anotações e rabiscos.

Apresentei-me e o moço prontamente providenciou uma cadeira. Rejeitei, sentei no chão do segundo batente da escadinha estreita que dava acesso ao consultório de Dra. Lenice, esposa do meu colega e personagem, para entrevistar a última fonte de nossa pesquisa: Elvis, o tão falado porteiro do escritório.

Caros leitores, Lucielvis Reis Silva foi o derradeiro colaborador desta obra e será o primeiro a ser citado neste trabalho, momento no qual, em relação a este texto inicial, abro mão de minha autoria exclusiva para juntamente com Elvis fazer as honras da casa e apresentar ao mundo a pessoa de João Fioravante Volpe Neto, advogado, simplesmente advogado. Começando pelo fim e fazendo um novo começo. Era assim que tinha que ser. E assim o será.

A voz mansa e o tom afetuoso de Elvis me obrigaram a tirar os sapatos. Intuí estar pisando no solo sagrado da lealdade de um homem que descrevia a essência de um amigo com o mesmo encantamento da mãe de Da Vinci quando o viu pintar *La Gioconda*.

Percebi não haver máscaras na narrativa, eram histórias reais desnudadas voluntariamente.

A ternura, o afeto, a saudade e a admiração transfigurados em lágrimas revelou a gratuidade do amor. Enquanto as pessoas escondem a essência para mostrar a aparência, Elvis fez o contrário: revelou que a importância de Dr. João Volpe sempre foi medida pela sua simplicidade. Naquele advogado respeitado por toda uma comunidade não havia nada de extraordinário, apenas uma vida sem disfarces numa realidade que começaremos a conhecer a partir de agora.

Tão logo me desejou as boas vindas, Elvis tratou de deixar claro o fato de estar feliz com o nosso trabalho, agradeceu a atenção e, por fim, adiantou ter Dr. João um temperamento difícil, mas era um homem bom.

Sequer havíamos começado a conversa e o moço já se mostrava emocionado e preocupado. Pedi calma e um voto de confiança, afinal, eu estava ali para homenagear o patrão dele. Garanti que tudo sairia dentro do planejado. Antes de iniciarmos a gravação, pedi que Elvis me trouxesse um copo cheio de café até a borda. Estava há várias noites com o sono prejudicado e aquela seria a última viagem para coletar dados. Não haveria uma próxima vez.

Liguei o gravador e pedi que Elvis contasse ao mundo quem era João Fioravante Volpe Neto. Ele respirou, suspirou, olhou em direção ao escritório do chefe, encheu-se de coragem e começou:

- Há muito tempo ele deixou de ser meu patrão, é uma pessoa da minha família. Um homem muito dinâmico, trabalhador, extremamente honesto e dono de

um enorme coração. Nunca faltou ao serviço, era o primeiro a chegar e o último a sair. Gostava de deixar as coisas dele todas em dia, nada ficava para depois, ele era responsável demais. No começo, por respeito, eu me colocava um pouco distante dele, mas conforme os anos se passaram, tornou-se meu referencial de figura paterna. Encontro os clientes na rua e, no imaginário deles, minha imagem está ligada ao Dr. João.

Era um advogado muito competente, os clientes eram todos satisfeitos. Como porteiro, sempre escutei tudo. Eu sabia de todas as causas e conhecia todos pelo nome, mas nunca disse nada a ninguém. Dr. João me ensinou que o silêncio valia ouro e que a ética não tinha preço.

O escritório pegava muitos inventários, a maioria de difícil resolução. Recordo-me de um caso específico, praticamente impossível conciliar os herdeiros, mas deu certo. Todos saíram satisfeitos.

Também teve o caso do incêndio da fábrica de Valdemar Medeiros, uma batalha imensa, qualquer advogado comum teria abandonado no meio do caminho. Era uma questão muito difícil de ser resolvida perante a seguradora. Foi um caso complexo, toda semana aparecia uma situação diferente, mas Dr. João conseguiu costurar todas as pontas e resolveu tudo.

Na primeira metade dos anos 90, as sequelas dos planos Collor, Bresser e Verão, juntamente com a implantação do Plano Real, fizeram com que o escritório estivesse focado em recuperação judicial. Muitas empresas fecharam as portas. As negociações e tratativas entre credores e devedores eram dentro da sala de

reuniões. A primeira preocupação do Dr. Volpe sempre era pagar aos trabalhadores.

As situações eram complexas, pessoas perdendo tudo, o país enfrentando recessão, crise, desemprego, todo esse contexto mexia com as emoções das pessoas, mas nunca houve tumulto no escritório. As conciliações eram feitas com várias categorias de funcionários das empresas falidas, normalmente, trinta, quarenta ou até cinquenta pessoas participavam das reuniões. Ele tinha muita habilidade para escutar as reivindicações de todos e encontrar soluções que atendessem aos anseios dos trabalhadores.

Advogava para pobre com a mesma dedicação. Dr. João também brigava contra os aumentos estratosféricos dos planos de saúde e com os juros abusivos praticados pelos bancos.

— Elvis, qual sua escolaridade? Você é formado em Direito? – perguntei de pronto. Não entendi onde ele tinha aprendido terminologias específicas e as usava em contextos adequados numa linguagem extremamente técnica para um leigo.

— Não, sou formando em nada não, Dra., tenho apenas segundo grau.

— E quem lhe ensinou sobre juros abusivos dos bancos e aumentos estratosféricos dos planos de saúde?

— Dr. João me ensinava de tudo: me explicou que o termo abusivo, quando se referia a juros, significava condutas que iam de encontro à lei, e a prática de usura é proibida. Mas, naquele tempo não havia uma regulamentação eficaz, então, os bancos criavam normas e se aproveitavam das pessoas que contraíam

empréstimos. As cláusulas dos contratos eram nulas de pleno direito. O escritório atuava muito combatendo essas injustiças.

— Elvis, juro por Deus que nunca imaginei encontrar em você tanta informação bacana. O que mais você aprendeu?

— Aprendi a falar corretamente. Meu patrão era um homem simples, mas eu nunca o escutei sequer falar qualquer palavra errada ou esquecer dos plurais, possuía um português impecável. Não falava palavras de baixo calão nem quando estava estressado. Ele tinha os momentos de firmeza, mas nunca com falta de educação. Eu até preferia ele um pouco mais nervoso.

— Que história é essa, Elvis? Marco Aurélio até hoje lembra do medo que tinha de fazer algo errado e receber reclamação. Nas palavras dele, Dr. João não tinha a menor cerimônia para corrigir quem quer que seja. E com o jeito peculiar dele, né?

— Mesmo assim eu o preferia com a cabeça a mil por hora, Dra. Era a certeza que eu tinha de que ele ia resolver diversas coisas e os clientes iam felizes conversar comigo. Era bonito vê-lo calado, testa franzida, sem querer assunto com ninguém, sentado em frente àquela máquina que a senhora viu lá dentro. Ele era um datilógrafo de primeira. Daqui eu escutava a rapidez do dedilhar do Mestre. Sinto uma saudade...

— Afora saudade, mais algum sentimento ou sensação?

— Dra., esse escritório sem ele me esfrega na cara a realidade da vida que passou. No dia 20 de janeiro do ano passado, tive um choque muito grande porque foi a primeira vez que cheguei aqui e ele não estava. Ele

tinha sofrido aquele acidente e quem estava aqui era a neta dele, a Dra. Izabela, filha de João Henrique. Como aquele dia foi difícil! Eu, por trinta anos, sempre que voltava de férias, escutava a voz dele dizendo que eu tinha feito falta, arrumando serviço para não me ver parado, me tratando como amigo. Ele falava: “Que coisa boa lhe encontrar, amigo”. Ele sentia alegria quando me via.

— Elvis, eu sei que a vida passou e continua passando. Quero saber o que fica dessa história toda.

— Dra., a vida pode até ter passado, mas meu amigo ficou.

— Explique melhor, Elvis. O passado não volta, sabemos disso.

— As pessoas boas deixam muitas heranças, deixam o exemplo, a história, os ensinamentos, a dedicação, o compromisso com a justiça. Dr. João permanece no coração dos clientes. O embate diário, o combate de uma vida, a militância aguerrida, a seriedade com o trabalho, a postura firme e segura de quem nunca descreditava de uma causa, sempre dizia que ia tentar, que ia lutar. A senhora tá achando pouco?

— Absolutamente, Elvis. Apenas estou lhe deixando falar sem interromper porque se eu já estava apaixonada pelo Dr. Volpe, como dizemos no Nordeste, com os quatro pneus arriados, agora você desconjuntou até meu estepe. Caí de amor, Elvis. Vou afogar minhas mágoas ao som de Martinho da Vila. Só Deus me impede de chamar Luiza e parar o carro no primeiro boteco que eu encontrar.

— Então, já que viramos amigos, vou deixar essa história de Dra. pra lá. Teresa, tenho 59 anos e convivi metade de minha vida com Dr. João. Durante três décadas nos víamos todo santo dia. Portanto, ele jamais sairá do meu coração, para onde eu for, ele vai comigo. Era um guerreiro, não reclamava da vida, nem do trabalho, não se dava por vencido nunca. Era especialista em Direito Empresarial, mas fazia tudo. Esse povo mais jovem, quem bem souber, vai ler esse livro. Quem prestar atenção na vida de Dr. João, vai aprender muito. Até você que é estudada tem muito o que aprender.

— E qual seria a lição mais importante?

— A crença que ele tinha no Direito como instrumento de mudança e na lei como ferramenta de transformação de incontáveis vidas. Ele mudou o rumo da história de muita gente.

— Elvis, como você recebeu a notícia do acidente. Qual sentimento lhe invadiu naquele momento. Consegue expressar em palavras?

— Não! Não corro o risco de cometer injustiça comigo mesmo. Meu sentimento não cabe nem em dicionário quanto mais em palavras.

— Consegue dizer o que significa esse lugar sem seu padrão?

— Falta uma banda, falta a alma desse lugar, falta alegria, incentivo, falta sentido!

— Já que todo excesso esconde uma falta e toda falta esconde um excesso, o que sobra aqui?

– Gratidão! Gratidão a Deus pela vida dessa figura que tanto amo e admiro. Essa tristeza que sinto agora é imensa e intensa, mas não vou deixar que ela sufoque todos esses anos de convivência. Nossa amizade nunca ficou no meio do caminho. Dr. João é eterno para mim enquanto eu estiver nessa terra. Quando eu me for desta para melhor, sei que me encontrarei com ele e dessa vez sou eu quem dirá: “Que bom lhe encontrar, senti sua falta, amigo”.

Faço votos que Elvis, ainda nessa dimensão terrena, reencontre o professor Volpe em cada cliente cuja vida foi transformada pelo Direito e pela Justiça, em cada gesto de caridade e compaixão, em cada amanhecer, em cada recomeço, em cada sonho restituído, afinal, por três décadas os dois viveram a linda missão de unir, congregar, restaurar, reparar e, sobretudo, amar. Eis o mais belo ofício de ambos: a construção de uma amizade verdadeira, de uma partilha sem inveja e de jornada embalada pelo perfume da lealdade.

Queridos leitores, amigos, familiares, colegas advogados, acadêmicos de Direito, espero conseguir tocar o coração de todos, sem exceção. É meu desejo maior que as histórias e memórias por mim narradas possam despertar em todos a magia dos recomeços diários como uma fórmula poética de viver e de fazer valer as lições aprendidas com sofrimentos encontrados pela vida. Acreditem, essa é a maneira mais bela de dar uma nova vida não só ao professor Volpe, mas a todos os nossos entes queridos que dão nome e forma às nossas maiores e melhores saudades. É restituir aos nossos amores incontáveis sopros de vida em seus pulmões. É a forma mais sublime de adentrar o terre-

no sagrado daquele amor nunca esquecido para que o cálice posto sobre a mesa volte a ter significado de comunhão.

Que os cidadãos francanos recebam esta obra sentindo o carinho, o respeito e a reverência presente em cada linha escrita e em cada minuto do meu tempo dedicado a este trabalho.

Que a advocacia brasileira se sinta homenageada e agraciada através desse descendente de imigrantes italianos cujo exemplo de vida renovou a minha fé em um mundo mais justo. Há feitos que redimem a humanidade. Há homens capazes de reparar injustiças e despertar em nós a alegria de uma nova busca e o encantamento de uma nova coragem.

Que os familiares e amigos encontrem na nossa poesia o alento necessário para dissipar a saudade e a ausência física através da experiência da continuidade, neste instante, abrigada pelas teias da imortalidade e sob as bençãos de Ariano Suassuna, Rui Barbosa, Luiz Gama, Miguel Reale, Sepúlveda Pertence e Antônio Pinheiro de Lacerda.

Uma pátria para chamar de sua

NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XX, a Itália vivia um momento de transformação, as ambições imperialistas e os desafios sociais tornavam o cenário político numa bomba-relógio. O governo do monarca Vítor Emanuel III e do primeiro-ministro Giovanni Giolitti concentrou-se em tentar consolidar a posição da Itália como uma potência europeia, ainda que tivesse de enfrentar relevantes desigualdades de norte a sul. A industrialização *versus* a lavoura.

Mais precisamente em 1912, a guerra contra o Império Otomano pela posse da Líbia chegava ao seu ápice. Desde 1911, os italianos travavam batalhas para conquistar o território africano e, no ano subsequente, com o Tratado de Ouchy, garantiram o domínio da Líbia, das ilhas do Dodecaneso e de partes da atual Eritreia e Somália. A vitória, contudo, não trouxe apenas glória, o custo humano e financeiro da guerra aumentou o descontentamento popular.

Internamente, a Itália avançava em reformas. Em junho de 1912, uma grande conquista política foi a

ampliação do direito ao voto. O sufrágio universal masculino foi aprovado, permitindo que milhões de italianos, antes excluídos do processo eleitoral, pudessem votar, inclusive os analfabetos. Isso fortaleceu a democracia, mas também acirrou os embates entre socialistas, liberais e nacionalistas.

Enquanto isso, a economia seguia em crescimento desigual. O Norte industrializava-se rapidamente, enquanto o Sul permanecia preso à agricultura atrasada, alimentando o fluxo migratório de italianos para as Américas, especialmente para o Brasil, Argentina e Estados Unidos.

Giovanni Maria Fioravante Volpe chegou ao Brasil em 1912, ao lado de sua esposa Adelaide Bononi Volpe e seus três filhos homens, Ernesto, José e Pedro. A única filha mulher chamava-se Solidéia e ficara na Itália porque já havia constituído matrimônio.

Natural de Fiesso Humbertiano, Província de Rovigo, localizada na região do Vêneto, no Nordeste da Itália, a Família Volpe desembarcou no Brasil, buscando um amanhã menos cinzento. E assim, sob o sol escaldante da Terra de Santa Cruz, aportaram em solo paulista. Olhos carregados de passado e os corações sedentos de futuro.

Cruzaram o oceano em navios abarrotados, traziam a saudade na bagagem, no coração, abrigavam sementes de esperança. Vinham do Vêneto, terra de vales dourados, agora prestes a ser ensanguentada pelo aço da guerra. Em solo amigo, encontraram para além das vastidões de café. Havia um horizonte a ser explorado no futuro que estava por avizinhar-se.

O trabalho na lavoura cafeeira era o sustento da família. O italiano sempre soube que a vida perfaz-se com as mãos, portanto, os primeiros tempos de adaptação e desafios diversos, onde o idioma era um labirinto de sons até então desconhecidos foi substituído pelo trabalho duro de arar as terras, torrar os grãos e moê-los em seguida.

E assim, a Itália desabrochou no Sudeste Brasileiro, no cheiro do pão saindo do forno a lenha, no café forte servido ao fim da tarde, nos sobrenomes que se entrelaçaram à cidade como ramos de uma mesma árvore. Uma nova história começava a ser escrita com a caneta da dignidade e a tinta do pertencimento.

Todavia, nas terras banhadas pelo Mediterrâneo, uma tempestade se formava. A Europa caminhava rumo à Primeira Guerra Mundial, e a Itália, que inicialmente se mantinha neutra, logo seria arrastada para o conflito que mergulhou o mundo em total escuridão.

O continente europeu era um tabuleiro de xadrez. Os reis jogavam com peças de carne e sangue. Era verão de 1914, o tempo suspirava pesado e bastou um único tiro em Sarajevo para que o destino ruísse como um castelo de cartas.

As trincheiras começaram a rasgar as terras, abrindo feridas banhadas em lama. Homens amontoavam-se esperando o assobio cortante da morte. A chuva misturava-se ao sangue e as botas afundavam no lodo como se a própria guerra tentasse e já conseguisse engolir seus filhos.

A Itália, completamente imersa nessa atmosfera belicosa, prometeu doar terras a todos os italianos que

se apresentassem para lutar pela pátria e Pedro, o filho mais velho do casal Giovanni e Adelaide regressou à sua terra natal para alistar-se no exército italiano. É certo que promessas foram feitas para serem descumpridas. Faz parte! Em assim sendo, percebendo que Antônio Salamandra não honraria com o compromisso firmado, Pedro regressou ao Brasil um tanto decepcionado com seu país de origem.

A guerra e a escassez de oportunidades, a realidade dura e a desesperança expulsaram milhares de nativos. Durante o percurso para as Américas, os imigrantes testemunhavam o céu, antes azul, tornar-se um palco de aço. Aviões cortavam as nuvens como falcões mecânicos, despejando destruição e dor. O gás mostarda poluía a atmosfera, abraçando pulmões, apagando futuros.

Nas cartas escritas à luz trêmula das velas, italianos radicados no Brasil falavam de esperança, de casa, do cheiro do pão quente na cozinha de suas mães. Mas a guerra era surda para súplicas. Ela dançava o baile ao som dos seus canhões, onde o ritmo era marcado por explosões, o chão tremia e o vento chorava.

E quando o silêncio enfim desceu sobre a Europa em 1918, a sensação de alívio cedeu passo ao vazio. Milhões de vozes caladas, cidades mutiladas, corações sem batida. O mundo jamais seria o mesmo, a guerra não terminou; apenas adormeceu esperando um novo estopim.

Por conseguinte, os instantes de calma permitiram que a família Volpe tomasse um novo destino. Alternando suas vidas entre a dor e a esperança, a

saudade e o futuro, decidiram instalarem-se no Município de Franca, em meados de 1920. Ávidos por dias melhores, almejavam um pedaço de terra para plantar sonhos e transformar o suor de suas faces em raízes tão profundas quanto fecundas.

Instalados numa chácara localizada na Avenida Dr. Ismael Alonso y Alonso, cultivaram hortifrutis e dedicaram-se aos produtos granjeiros. Tratava-se de um negócio familiar. O casal contava com a ajuda dos filhos, inclusive de Ernesto, o caçula da casa, que chegou ao Brasil contando seis anos de idade.

Em Franca, Ernesto cursou o primário no Colégio Champanhât. Posteriormente, na Escola Industrial, aprendeu o ofício de mecânico. Aos trinta e cinco anos, contraiu matrimônio com Norma Alprandini. Os nubentes fizeram juras de amor eterno diante da lei de Deus e da lei dos homens em 25 de dezembro de 1941. Da união, nasceram quatro filhos: João Fioravante Volpe Neto, Ernesto Volpe Filho, Maria Adelaide Volpe Géia e Darci Volpe.

João Fioravante Volpe Neto é o personagem principal deste enredo. Ao folhearem estas páginas, os leitores se deleitarão em memórias e vivências capazes de conduzi-los, num espaço de instantes, a sentimentos inimagináveis e, por muitos até então desconhecidos. As lágrimas adormecidas haverão de ressurgir afoitas e as emoções tantas vezes contidas, ecoarão como versos de amor no coração de cada um de vocês que, a partir deste instante, começara a pulsar no compasso da nostalgia.

Pão, azeite e ousadia

ELES PARTIRAM SEM OLHAR para trás, com a coragem costurada na barra das roupas simples e os sonhos guardados no peito como relíquias de um tempo incerto. Deixaram a terra fértil que os viu nascer, mas não os alimentava, e lançaram-se ao mar, embalados pelo balanço das ondas e pela promessa de um futuro menos árido.

Nos olhos, um brilho misturado de medo e esperança; nas mãos, calos de um trabalho que nunca lhes foi leve. Desembarcaram em terras desconhecidas, onde o idioma soava como enigma e a terra precisava ser domada. Mas não hesitaram. Com enxadas afiadas e braços fortes, lavraram não apenas o solo, mas o próprio destino.

Nos campos verdes e nos galpões de madeira, ergueram o amanhã com suor e fé. Construíram casas, cidades, famílias. Plantaram videiras, colheram histórias. Transformaram cada pedra do caminho em alicerce, cada lágrima em sustento.

E, mesmo quando a saudade sussurrava o nome da Itália nos dias de silêncio, resistiam. Porque a coragem dos que partem não é menor do que a dos que ficam. Porque sonhar é um ato de bravura, e viver – apesar de tudo – é sempre um recomeço.

Ernesto e Norma são fruto dessa ousadia. Descendentes de gente valente, destemida e audaciosa. Oriundos das planícies europeias que, assim como o Padre José de Anchieta, escolheram o solo sagrado de Nossa Senhora Aparecida para escrever uma nova história, com linhas embebidas de fortaleza, tendo, de um lado, a paz como senhora dos destinos, do outro, o tempo como lapidador de trajetórias.

Giovanni e Adelaide não foram indiferentes ao sofrimento dos filhos. Assim como o próprio Deus, foram a essência do amor, de um amor que se expressa e se plenifica no êxodo e no êxtase, ou seja, no sair de si e estar no outro. É uma alternativa inteligente para que a alteridade vença os egoísmos e os encontros embelezem a travessia. Sob uma perspectiva poética, o êxodo é o abandono daquilo que nos oprime, dos abraços frios, da falta de reciprocidade. O êxodo é a consciência de que a busca incessante por algo que não existe e da espera por promessas que já nasceram para serem descumpridas, a inútil esperança de escapar da miséria em meio a um governo fascista são atitudes contraproducentes e indignas da inteligência humana.

O êxodo é a partida do que parte, do que separa, do que desmancha. É a negação do que nega a essência da vida, que é justamente o êxtase. O êxtase está na sabedoria, na descoberta, na contemplação do belo, é a capacidade de entendermos que aquela trama que

está no ar é a consagração da natureza na qual fazemos parte, ora como artista ora como espectador. Quando Colombo descobriu a América, certamente não sabia que tantos encontrariam abrigo naquelas terras. É nossa obrigação aplaudir os feitos que redimem a humanidade. Naquele momento, a descoberta foi dele, posteriormente foi de Giovanni e Adelaide. Mas será que isso importa? O que seria mais relevante? A montanha ou aqueles que a escalam? Os barcos que saem ou os oceanos que os recebe? Em tempo que somos pequenos, também somos gigantes. Saímos e encontramos. Não há saída sem encontro. Não há êxtase sem êxodo. E o êxodo conduz inexoravelmente ao êxtase.

E assim, a vida foi reconstruída e reinventada. Do casamento de Ernesto com Norma, descenderam quatro filhos: Ernesto Filho, João Neto, Adelaide e Darci. O patriarca da família exerceu o seu ofício de mecânico em diversas empresas de Franca, principalmente no ramo de calçados, a saber: Curtume Spessoto, Calçados Terra e Calçados Samello. Era um profissional bastante solicitado. Paralelamente aos atendimentos que fazia, montou uma oficina mecânica, expandiu seus negócios e prestou serviços a quase todas as empresas da região. Exerceu o ofício até a idade de 65 anos, momento em que se aposentou.

A Rua Ângelo Pedro, 2310, abrigou a residência do núcleo familiar de Ernesto, onde os quatro irmãos nasceram, cresceram, estudaram, amaram, sorriram e viveram. Esses meninos e meninas sempre carregarão nos recônditos de suas almas o galardão de serem filhos da esperança, dos sonhos, de anseios promisso-

res. Advém de uma ancestralidade que resistiu à insalubridade dos porões dos navios, que sobreviveu à aspereza da miséria e se jogou num oceano repleto de incertezas, que posteriormente foram transformadas em um mundo repleto de possibilidades. Enquanto a Itália prometia fartura e entregava trabalho, o Brasil foi palco de oportunidades, ascensões e conquistas, tudo isso no topo da dignidade e da austeridade. A família de Ernesto soube honrar e valorar o peso das madrugadas frias e das mãos calejadas daqueles que os antecederam.

João Volpe, o personagem principal deste enredo, desde a mais tenra idade fora dedicado aos estudos. Nunca faltou a um dia de aula. Diariamente aguardava ansioso que Dona Norma preparasse pão com azeite e sal para lanchar na escola e saía serelepe. Curvou o primário na Escola Homero Alves. Permaneceu nessa instituição de ensino até o 4º ano, oportunidade em que recebeu o diploma de conclusão, tendo sido aprovado com louvor. Como recompensa, recebeu um cheque de Caetano Petrália, pessoa influente e de muitas posses na época.

O curso secundário foi realizado na Escola Ateneu e desde muito jovem demonstrou o desejo de trabalhar. Arrumou o primeiro emprego na farmácia do Senhor Manoel. Fazia de tudo um pouco, mas o serviço preferido era manejar frascos de medicamentos, higienizar, guardar nas prateleiras, organizar, catalogar, dentre outras coisas. Com o dono da farmácia aprendeu a medicar as queixas dos clientes e teve as primeiras noções de gestão.

Quando recebeu o primeiro salário, comprou um aparelho que projetava as imagens dos filmes e começou a organizar sessões noturnas de cinema na companhia dos amigos e vizinhos.

Em 23 de fevereiro de 1962, com a idade de vinte anos incompletos, recebeu o diploma do curso técnico em ciências contábeis, momento em que juntou-se com seu irmão Ernesto e por alguns anos dividiram o mesmo escritório de contabilidade até o dia em que o Dr. João decidiu enveredar pelas Ciências Jurídicas, carreira que abraçou com afinco, mister que exerceu até o dia que Deus permitiu.

Combateu a injustiça com firmeza, trabalhou com simplicidade, guiou destinos, transformou opressão em liberdade, pisou em mares tempestuosos, chegou à terra prometida. Foi feliz em sua missão.

Desde sempre soube que a advocacia assemelhava-se a uma montanha íngreme que abrigava uma roseira no topo. Essa certeza o fez enfrentar os desafios da montanha. A flor sempre existiu e ele sempre foi buscá-la. O advogado é também garimpeiro, rasga a dureza da injustiça em busca da pedra preciosa. As mãos se ferem nessa busca. A dor só é suportável porque há a esperança de um doce encontro. A pedra preciosa existe, a flor também, são manifestações legítimas de consolo aos que sofrem. De forma menos abstrata, contemplamos a preciosidade da joia e a beleza da flor quando, em letras douradas de justiça, temos o privilégio de ler: *“Diante do exposto, julgo procedente o pedido nos termos do petitório vestibular...”*

Cecília: uma ostra com quatro pérolas

ASSIM DIZIA MÁRIO QUINTANA: “Não sei dançar, minha dança é o poema”. O poema nasce da simplicidade dos amantes de almas na singeleza da vida. Quintana também aparece nesta outra pérola: “E a minha poesia é natural e simples, como a água medida na concha de sua mão.”

No rol das preciosidades as quais não esquecemos estão os amigos e os amores. “Nem devagarzinho nem depressa se esquece um amor nascido no fogo demorado das lenhas”. Sempre gostei dessa metáfora de meu pai para explicar o prolongamento dos amores e fiquei divagando pelas antigas prosas que aconteciam na velha casa seca da Fazenda da Mata. O amor era o prato principal. As histórias eram contadas e recontadas por vidas sofridas, mas felizes.

Fecho os olhos e enxergo uma prosa despretenso-sa. Nem sempre é fácil falar de um amor incomum por uma jovem fascinante que revolucionou a compreensão, o significado e o significante do mais nobre

sentimento conhecido e talhado pela alma brasileira. Falo, ainda, da capacidade transformadora dessa Mulher e das sementes que ela lançou. Sorriu para a vida assim, como quem desse conta dos milagres cotidianos materializados em sua arte.

Este texto nasce da naturalidade de saber que será lido sem obrigação. Mas será respondido pelos quatro filhos de João Volpe e Maria Cecília com o aconchego de palavras doces, da gestação de um novo tempo com ideais mais generosos que agora podem ser compartilhados. É apenas um enlace de pensamentos, de celebrações. É preciso celebrar a vida porque acreditamos que não estamos aqui por acaso. O amor dessa família não é líquido como pregava Bauman. Não há o desconforto da transitoriedade dos sentimentos e das relações. Eles discordam de que as pessoas são descartáveis porque foram seduzidas e o desafio se findou. Absolutamente!

O amor não morreu com ela naquela noite fria de 2019. A vida de Cecília continua instigante e, assim como os amantes mais apaixonados, os filhos a reinventam para que ela não se perca nas esquinas da mesmice, o que por sinal, ela odiava. Não era adepta a padrões ou obviedades. O padrão era ela e ponto final. E tudo continua tão singelo *como a água bebida da concha da mão*. Apenas isso e nada mais. O resto é cenário.

Como seres gregários, necessitados de interação e alteridade, passamos a vida buscando o aconchego das pessoas. Não há felicidade sem o calor da lenha, sem o colo. Mesmo aqueles que têm vergonha de viver e que dificilmente revelam seus sentimentos, querem colo.

Quando observo o tempo presente e real, vislumbro João Henrique, monossilábico, ombros cansados pela labuta diária, mas nos olhos uma esperança. Talvez a vida tenha lhe roubado, prematuramente, alguns afagos e afetos. Talvez ele desejasse uma união mais duradoura para os pais.

No altar da imaculada Conceição, no segundo dia do primeiro mês do ano de 1965, Maria Cecília e João Volpe juraram amor eterno. Diante da lei de Deus e dos homens, tornaram-se um só corpo, uma só carne e um só espírito. Conheceram juntos a densidade do amor que, em sua essência, transformou-se em recordação.

Cecília, uma mulher à frente do tempo, compreendia a vida ser uma viagem e que a bagagem deveria ser proporcional às necessidades. Adereços supérfluos, segundo ela, esconderiam o essencial.

Nos quadros da vida dela, as pinturas davam-se calmamente. O objetivo era simples: embelezar! Gestos singelos que emprestam significado ao mundo.

A Rua Ângelo Pedro, 2302, fora o cenário dos primeiros anos de vida do casal. Amaram-se, celebraram, compartilharam. De mãos dadas, como dizia Drummond, viveram uma realidade menos rude. De mãos dadas, despiram-se dos trovões e vestiram-se de sensibilidade.

As sementes plantadas geraram quatro vidas, que viraram árvores, que viraram flores. Do encontro de João e Cecília, emergiu o amor verdadeiro, aquele que não escraviza nem mata, não discrimina e sequer conhece o preconceito, que respeita e convive com as diferenças. Esse amor ágape materializou-se nas vidas

de Maria Paula, João Henrique, Luis Fernando e Ricardo Augusto, presenças que os eternizam no tempo e no espaço. Os frutos doravante colhidos em tempos mais suaves tomaram a forma de nove netos: Mariana, Gabriel, Izabela, Gabriela, Bruno, Pedro, Marina, João Ricardo e Laura, existências que definiram destinos, as chamadas cordas do coração, razão e sentido de tantas esperanças.

O mistério místico da vida não pode ser aprendido com a razão. É o amor que quebra todas as regras que nossa inteligência postula. Só quem ama é capaz de descobrir que há força na fragilidade. Mas é necessário quebrar arestas e moldar temperamentos para que esse entendimento traga luzes e compreensão.

A casa da Rua Professor Carmelindo Corrêa Júnior, 421, no bairro São José, presenciou a vida ensinar aos quatro meninos de Cecília que o caos existe, chega a prevalecer por algum tempo até que uma nova jornada apresente uma realidade mais amena.

Primeiro o desquite, depois o divórcio. Promessas foram quebradas e as juras de amor eterno cederam passo aos orgulhos, mágoas, ciúmes e ressentimentos.

Recordo-me, neste instante, do belo poema de Manuel Bandeira intitulado “Vou-me embora para Pasárgada!”. Nos versos do poema, uma infinidade de sonhos é revelada. Todos os desejos do poeta foram colocados na estrada que o levaria à terra prometida. Mas onde seria esse lugar? Qual o caminho tomado? João Volpe saiu sem rumo, talvez esperando encontrar o descanso dos seus medos.

Maria Cecília Garcia Taveira ficou! Permaneceu!
Permanece! Permanecerá!

A mulher, cujo nome é quase um verso alexandrino, é uma verdadeira força da natureza, um ser humano apaixonante. Sua coerência restaura um pouco a crença no bom combate, na resiliência e na humanidade.

Acompanhar a trajetória de Cecília reproduz a sensação de Luísa, personagem de Primo Basílio, obra de Eça de Queiroz: *“Era a primeira vez que lhe escreviam aquelas sentimentalidades, e o seu orgulho dilatava-se ao calor amoroso que saía delas, como um corpo ressequido que se estira num banho tépido; sentia um acréscimo de estima por si mesma, e parecia-lhe que entrava enfim numa existência superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto diferente, cada passo conduzia a um êxtase, e a alma se cobria de um luxo radioso de sensações!”*¹

Mas Cecília é mais do que o melífluo Basílio ou o devaneio bovarista de Luísa e comunga das palavras que proclamam que a arte existe porque a vida é insuficiente.

Mulher ousada, livre das f(ô)rmas e formas da sociedade, foi capaz de fazer da sua vida um manifesto a favor da liberdade e da capacidade de amar como desejasse.

Ocupo, agora, o lugar de meu pai na minha casa. Sou escritora, não posso me calar e jamais posso ser calada. É cátedra tomada pela alta estirpe dos que me precederam. Clamo que nos desafiemos contra a

1 QUEIROZ, Eça. O Primo Basílio. 1878.

mediocridade polarizada que abala nossa civilidade, afrontando, inclusive, a noção de que o céu nasceu para todos e que somos filhos de um mesmo Deus. Os valores aprendidos no seio de minha casa sempre serão resistência ao arbítrio de quem quer que seja. Repito a bela ideia que Cecília bradou em meus ouvidos: “O escritor não pode calar-se. E jamais pode ser calado.”

Sou precedida por gigantes e aninho-me em seus ombros, na ambição de novos horizontes. Ainda me sinto desolada pela perda de minha companheira no mundo das artes, Mulher com quem compartilhei por pouquíssimo tempo a amizade de único filho e dora-vante, centenas de horas como admiradora apaixonada.

Sigamos juntas, Cecília, continuemos a edificar nossas esperanças frente ao belo. Não queiramos Pasárgada, é tão somente uma vaga ilusão. Queiramos o céu com toda sua plenitude e majestade.

Hasta la vista, querida! Preciso andar, vou por aí a procurar, sorrir para não chorar.

Uma grande nação se faz com homens e livros²

NOS VASTOS CAMPOS DA MENTE desse descendente de imigrantes italianos floresceram tanto ideias quanto soluções. Desde sempre, o menino entendeu ser a educação aquela semente que brota e se alastra, se enraíza e se ramifica. Cada livro aberto por ele, certamente, era portal para novas dimensões, horizontes, caminhos e saberes. Os corredores das universidades as quais se graduou ecoam descobertas. Em cada aula, um novo capítulo; em cada lição, um novo olhar sobre o mundo; em cada professor, uma bússola que orientou a jornada do Dr. Volpe.

Como professora e como cientista, sei que o valor dos estudos não reside apenas nos títulos conquistados, mas no despertar da curiosidade, no cultivo do pensamento crítico, na capacidade de questionar e, sobretudo, de sonhar. É através do conhecimento que moldamos o nosso futuro, que desafiamos as barreiras

2 LOBATO, Renato Monteiro. América. 1955

impostas, construímos pontes de entendimento entre culturas e gerações, entre o hoje e o ontem.

Continuo utópica, acreditando que a educação é um farol a iluminar os caminhos da incerteza e da ignorância, guia nossa escuridão. É também um escudo que nos protege contra o desconhecimento, uma ferramenta poderosa que nos conclama a lutar por um mundo mais igual.

Em cada graduação, tesouros foram descobertos, desafios tornaram-se pílulas de resiliência. Aprender é, sem dúvida, um ato de coragem, um compromisso com o crescimento pessoal e coletivo. É a chave que abre as portas do futuro, garantindo não apenas a nossa evolução, mas também a de toda a humanidade.

Sonhar, um ato de resistência!

O menino Volpe queria ser médico, mas começou sua história acadêmica pelos números, enveredou pelas ciências humanas, foi tragado pelo Direito e, malgrado ter perseguido com afincos o ideal de cursar Ciências Médicas, quis o destino que a advocacia fosse a causa final de sua existência.

O maior ensinamento deste livro e da trajetória do Dr. João Volpe é justamente a certeza de que a educação é o bem menos material que existe, mas o mais decisivo para o futuro de uma nação.

A Escola Técnica de Comércio de Franca concedeu o título de técnico em contabilidade quando nosso personagem contava apenas vinte primaveras. Cinco anos mais tarde, ou seja, em 1967, foi a vez da Faculdade de Ciências Econômicas de Franca outorgar-lhe o título de economista.

O ano de 1975 estava prestes a fechar as cortinas quando a Faculdade de Direito de Franca diplomou o Dr. Volpe como bacharel em Ciências Jurídicas, profissão por ele abraçada a partir do ano subsequente até outubro de 2023, quase meio século de serviços prestados a uma coletividade. Pós-graduado em Recuperação Judicial pela Universidad Nacional Autónoma de México, em 1980, tornou-se a maior referência nessa área de atuação da história da advocacia paulista. Nenhum colega de profissão recuperou tantas empresas, realizou tantos acordos ou conquistou a gratidão de tantos clientes. Mérito de poucos. Desejo de muitos.

Dr. William Karan Júnior, um dos diretores da OAB francana, relata ser o Dr. João Volpe uma importante referência desde muito tempo. O amigo da família primeiro conheceu Maria Paula, primogênita do Dr. Volpe, na faculdade.

Coincidentemente, o pai do Dr. William, o também advogado Dr. Karan, já falecido, alugou sala no mesmo edifício e de frente ao escritório do Dr. João. William estagiava com o pai enquanto Maria Paula trabalhava como secretária do Dr. Volpe. E William lembra com carinho essa troca despretensiosa de experiência com a colega de profissão e de faculdade.

Foi nesse momento que conheceu melhor o professor João que, de pronto, tornou-se modelo de profissional para William. Ele lembra que o fato de Dr. Volpe não ostentar um grande escritório ou automóveis de luxo retratava a simplicidade com a qual levava a vida, mesmo após tantas conquistas.

E para sua surpresa, Maria Paula confessou ao amigo que o sonho do pai dela era cursar Medicina. Mas com sete filhos para sustentar, ficava inviável ao Dr. João passar seis anos na capital paulista, uma vez que Franca não tinha o curso de Ciências Médicas.

Na época, havia rumores de que o MEC estava para autorizar e, em breve, a Universidade de Franca teria o curso de Medicina. Para ganhar tempo e aproveitar as disciplinas cursadas, Dr. Volpe, no ano de 2005, graduou-se em Farmácia pela UNIFRAN e, dois anos depois, em Biomedicina pela mesma instituição de ensino. Ou seja, deu conta de duas graduações ao mesmo tempo, mesmo depois de uma rotina de trabalho estafante.

Diante desse exemplo, William disse relembrar constantemente o comportamento preguiçoso da juventude de sua época. A turma pensava em desistir de tudo e, por mais que todos gostassem de cursar Direito, depois de um dia de trabalho, qualquer desculpa era legítima para matar aula.

Maria Paula e os amigos, assim como o próprio pai, também estudavam à noite. A alegria da turma jovem era, na hora do intervalo, sair do bloco azul e ir ao bloco bordô, para conversar com o veterano. William, Myriam, Clélia e Paula passavam o intervalo inteiro com ele. Para eles, além de estranho, ao mesmo tempo era inspirador ver aquele homem sedento de conhecimento aos sessenta anos. Dr. Volpe já bem posicionado profissionalmente, não precisava mais provar nada para ninguém, já havia alcançado projeção financeira diferenciada, já tinha formado a maioria dos filhos e já

tinha o suficiente para viver com dignidade até o fim de seus dias.

Dr. Karan tinha vinte anos incompletos, Dr. João já era um sexagenário e, ainda assim, o jovem calouro, ao ver o veterano caminhar nos corredores da faculdade, enchia-se de esperança. “Se um homem desses, com mais de seis décadas de vida, consegue estudar, voltar aos bancos da academia, eu seria muito medíocre caso levasse a cabo o pensamento de desistir do curso. Logo eu que nunca paguei meus estudos, estou tendo a oportunidade de ter uma formação de qualidade às custas dos meus pais e, ainda por cima, testemunhando aquele homem que estava ali perseguindo um sonho”, relembra William.

Nesse tempo que foram vizinhos, Dr. Karan nunca o viu faltar um expediente de trabalho. Chegava cedo, pontualmente às sete horas, antes de Elvis e de Maria Paula. Algumas horas depois aparecia João Henrique para tomar café com o pai.

Por mais que parecesse sisudo, os filhos estavam sempre ali: Maria Paula, já adulta, mãe de Mariana e Gabriel; João Henrique, já trabalhando como veterinário; os filhos menores, os netos. Estavam todos ali, juntinhos dele. Dr. Karan também conheceu a vida privada do Dr. João Volpe e faz questão de ressaltar o amor e o respeito que os filhos tinham pelo patriarca. Gostavam de estar ali para conviver com ele.

Nas palavras de William, havia certa beleza nos contrários: homem firme e, ao mesmo tempo, dócil, compreensivo, sereno.

A Dra. Myriam Ravanelli recorda as lições aprendidas naquela época. Segundo a professora, quem tinha a infelicidade de medir a competência do Dr. João Volpe pelas instalações do escritório, cometia a pior das insanidades. Para ela, um profissional íntegro, responsável, ético, dono de um repertório verbal riquíssimo, que fazia uso impecável da língua e da linguagem e ostentava um comportamento processual de suma elegância não precisava se esconder em prédios palacianos. Na simplicidade de seu “*habitat natural*”, mantinha agenda cheia no escritório e, além de não faltarem clientes, nunca se ouviu insatisfação com o trabalho realizado.

Dr. João advogou em tempos difíceis. Teve seu auge no Brasil dos anos 90. O país vivia um ritmo frenético, ensaiando mudanças enquanto as crises econômicas roubavam a cena. Época de inflação galopante, um monstro que, como ladrão à espreita, devorava as esperanças e os sonhos da população. O cruzeiro, moeda sufocada pela desvalorização, trocava de nome como quem muda de roupa, mas o desespero permanecia escondido sob cada nova denominação.

As ruas vibravam com a agitação dos que tentavam manter a dignidade em meio ao caos. Algum lugar de esperança se escondia nas pequenas economias, nos trocados guardados no fundo da gaveta ou debaixo do colchão.

O governo, por sua vez, procurava fórmulas mágicas em suas medidas econômicas. O Plano Real despontava como farol, prometendo novos rumos, mas a sombra da incerteza ainda pairava. E Franca não sabia o que ainda estava por vir.

As medidas implantadas pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso fizeram com que a capital do café entrasse em uma crise econômico/financeira sem precedentes. Quando o real se equiparou ao dólar, a indústria calçadista francana não tinha mais condições de exportar como antes. Fábricas tradicionais fecharam as portas e milhares de operários foram demitidos. Foi nesse contexto onde a excelência do escritório do professor João Volpe fez história. Nos anos subsequentes, a cidade precisou se reestruturar, as empresas teriam de reabrir e, para isso, era necessário negociar com os trabalhadores.

Dr. João atravessou uma era desafiadora na história do Brasil. Em Franca, foi a época áurea da atuação dos sindicatos da indústria calçadista, tempo de demissões em massa. Não fora a calma, a postura conciliadora e a firmeza do Dr. Volpe, faltaria comida na mesa de muitos trabalhadores.

Dr. João nunca se locupletou de nada ou de ninguém. Defendeu os excluídos, não negou direitos à classe operária, lutou pelo certo, promoveu a justiça. Não era afeito a comportamentos desabonadores, muito pelo contrário, se tratava de um homem sério, um advogado respeitado, um pai de família zeloso, um amigo leal.

O filho de imigrantes italianos esteve nas trincheiras com o povo francano durante esse período. Nos anos 90, a crise econômica brasileira não foi apenas um momento de dor; foi também um ensaio de renovação, um período em que a coragem de advogado simples se refletiu nas suas lutas diárias por um futuro melhor. E assim, o interior de São Paulo, com toda sua

complexidade, contou com a genialidade do Dr. João que, ao fazer uso de sua velha máquina de datilografia, costurou retalhos de resistência e esperança que ainda ecoam nos corações daqueles que tiveram suas vidas transformadas pela caneta do professor.

O pai de Dr. William Júnior trabalhou por 43 anos no Sesi. Aposentou-se e voltou a advogar, mas de forma discreta, mais para se manter em atividade. As mais de quatro décadas de trabalho na indústria e a experiência adquirida com o decorrer dos anos permitiram que o Dr. Karan definisse a crise dos anos 90 como a maior que ele havia presenciado.

“Franca presença a continuidade de Dr. João em João Henrique. Ele tem o mesmo perfil, seja profissional, seja pessoal. Homem simples, grande estudioso e o melhor profissional na sua área de atuação”, afirma Dr. Karan.

Em suas ponderações, a trajetória de Dr. Volpe precisa ser conhecida e reconhecida, sobretudo nos tempos atuais de mercantilização excessiva do ensino jurídico. “Todos os anos muitos profissionais recebem o grau de bacharéis. Há acesso facilitado a cursos superiores e isso tem gerado profissionais rasos, desprovidos de qualquer preparo intelectual e emocional. A nova geração precisa saber quem foi Dr. João Volpe, que fez da profissão um sacerdócio, jamais um negócio”, ressaltou.

Que as referências dessa juventude jamais sejam as redes sociais ou o advento da inteligência artificial e que eles encontrem na vida e obra do professor o sentido real e legítimo da militância. A advocacia não

combina com as ambivalências do mundo moderno, tampouco com a fluidez dos comportamentos que estamos a presenciar. Dr. João foi feliz e realizado na profissão, mas todas as conquistas foram construídas sob pau, pedra e resiliência. Advogar é, sobretudo, um ato de resistência.

Os jovens devem tomar ciência de que obter sucesso na profissão é fruto de uma construção lenta, de uma jornada árdua, de uma carreira sem máculas, de uma reputação pautada em valores tão nobres quanto universais. Esse homem se manteve por cinquenta anos na carreira fazendo o certo, edificando valores sólidos ano após ano, dia após dia; valores que sustentam as bases do edifício que chamamos de ética. Há coisas e pessoas que têm preço; outras, têm valor.

Extremamente exigente consigo mesmo, inimigo do comodismo, exauriu suas forças em prol dos ideais que defendia, criou e educou sete filhos com o suor de seu rosto, jamais se rendeu às conveniências e nunca prostituiu seus princípios.

Perseguiu o sonho de ser médico, não teve êxito nessa empreitada. Sorte nossa que, além de advogado de excelência, temos a história e o exemplo de um menino que desde sempre acreditou nos livros, teve uma carreira magnífica ao longo de quase meio século como servo da justiça e da paz, quebrando muralhas, construindo pontes, dedicando seus melhores anos de vida à defesa das liberdades individuais e coletivas, fazendo da advocacia o caminho mais certo rumo à igualdade social.

Em que curva da vida o destino desviou o sonho? Nem sempre a cura reside nas pílulas e nos bisturis, ela também acontece na arte da escuta, do acolhimento, das mãos estendidas. A medicina de Dr. João era diferente da convencional e era diuturnamente exercida através de gestos, atitudes, olhares, palavras, sorrisos. O jaleco branco cedeu passo à toga preta, vestes igualmente nobres, destacando-se a última por ter sido a indumentária adequada para que o nobre advogado francano cedesse voz a seu povo e a sua gente. Para além de tudo, foi médico de homens e de almas.

Amor nos tempos de agora

Ninguém melhor do que o poeta Fernando Pessoa para comigo iniciar estes escritos que contarão a história de Dr. João Volpe e de sua amada, amante, amiga, companheira e esposa Lenice.

Em sua poesia “O Eu Profundo”, Pessoa poetizou:

“Tenho pensamentos que, se pudesse revelar-los e fazê-los viver, acrescentariam nova luminosidade às estrelas, nova beleza ao mundo, e maior amor no coração dos homens.”

Convido os queridos leitores a fazerem uma parada obrigatória para contemplar a riqueza desse cenário. A convivência desse casal não apenas embeleza o espetáculo da vida, mas nos ensina que devemos amar sem receios, medos ou covardias. Aquilo que a mim tocou presenciar foi a manifestação poética de um amor “invisível” aos olhos do senso comum, trocando ações, olhares e impressões com o amor visível, latente, pungente, sem limites ou freios. O amor, o infinito amor

habitado nas entranhas mais sacralizadas do coração de Lenice.

Por algumas vezes assisti ao pôr do sol no céu bendito de Franca tendo como camarote a varanda do apartamento desse casal de amigos. As roseiras faziam-me companhia. O voo dos pássaros, o estranhamento dos animais pequenos em busca da atenção dos adultos; Abigail e Kiko sucumbiam quando das miadas afoitas de Luna, a gatinha de Angélica. Para além disso, as cores, os sons, crianças correndo de um lado para o outro e o inesquecível café de Lenice me faziam acompanhar a brincadeira das nuvens e acreditar em um mundo melhor quando estava inserida naquele ambiente embriagado de sentimentos e sentimentalidades.

Sem o sentir, todo cenário fica estático e facilmente pode ser limitado a um quadro guardado no porão ou no sótão. Não deixa de ser belo, mas não enfeita absolutamente nada porque ninguém o vê.

Venham comigo, caros amigos leitores. É para o alto que iremos, com pausas, quedas, medos e dores. Mas, sobretudo, com risos e amores. Chegaremos? Só Deus sabe! Repito, é para o alto que vamos. Vamos juntos?

Não tenhamos medo, o futuro é parte do presente e, assim como Wittgenstein, João Volpe, antes de regressar à pátria celestial, deixou um recado: *“Diga aos meus amigos que tive uma vida maravilhosa com ela. E, na distância do tempo, Lenice para sempre será meu eterno amor e minha derradeira saudade.”*

A beleza e o romantismo das relações advêm da troca, tanto da capacidade de amar como de receber

amor. Francisco de Assis insistia nesse aforismo: a felicidade está na ação, nunca na omissão. É justamente o ato de dar que nos engrandece. Não é a espera de receber que nos faz melhores. Podemos e devemos receber, obviamente, até mesmo porque o outro nos dá. Mas é o movimento da doação a marca registrada dos amores verdadeiros.

A juventude moderna objetiva, incessantemente, a felicidade sem saber ao menos por onde começar a jornada, porque desconhece princípios verdadeiros, não possui metas seguras e vaga de desejo em desejo. Aqueles que conseguem satisfazer, os deixa cada vez mais distantes da felicidade que alcançariam se tivessem a oportunidade e a sabedoria de aprender com os exemplos. Vítimas cegas da inconsistência de corações atordoados. Os prazeres carnavais apenas abrem caminho para penas e privações porque tudo que possuem só serve para mostrar o que falta. Não sabem viver e diariamente correm o risco de morrer sem sequer ter experimentado o amor que move o sol e as demais estrelas.

Antes de adentrarmos às questões mais filosóficas e/ou abstratas desta narrativa, é importante repetir o velho jargão de Erasmo Carlos: “É preciso saber viver.” E viver é amar. E amar é sofrer. Machado de Assis, sempre que lembrava da morte de Carolina, recitava baixinho a homenagem poética que fizera na ocasião da partida de sua amada: *“Querida, ao pé do leito derradeiro em que descansas dessa longa vida, aqui venho e virei, pobre querida, trazer-te o coração do companheiro.”*

No dia de hoje, assim como Machado, Lenice também sofre a ausência física de seu amado, do passado que contemplaram juntos, da labuta dura e bela, do doce convívio diário. O luto ainda está recente e a companheira do Dr. Volpe ainda não teve tempo de compreender que lembrar-se do amor que partiu dói menos do que não ter ninguém para recordar. Especialmente no caso dela, ao amor que partiu, nada foi economizado, nem no dizer, nem no fazer, muito menos no amar. Um casamento findado com a morte, uma vida inteira compartilhada. O triste adeus, o lado vazio da cama, o travesseiro intacto, a lembrança. O cheiro persiste em ficar por algum tempo do pouco que ainda resta. Uma parte vai, a outra fica. O passado com as boas lembranças e a ausência total de remorsos. O que faltou? Apenas o futuro com essa ausência. O caminho com as mãos soltas, desenlaçadas, não por opção, mas por imposição das circunstâncias.

Lenice terá de reaprender a caminhar, vencer o medo de estar sozinha com os retalhos da tessitura de uma vida inteira compartilhada e juntar os cacos dessa desconstrução sozinha? Não. O amor que vive nela irá ajudá-la a arrumar a casa, abrir os salões do acolhimento para que essa história possa ser visitada, frequentada.

Eis o paradoxo da vida e do amor. Lenice precisará de Dr. João, a partir de agora, não para preservar ensinamentos e valores aos filhos. Não, todos já são adultos e emancipados. Agora, mais do que nunca, ela precisará da presença de seu amado, também na ausência. E não mais sozinha nem silenciosa, mas apta e de pé para aplaudir os novos contornos desse enredo.

Dessa vez, acompanhada dos leitores desta obra, reverenciará a imortalidade daquele a quem, diante da lei de Deus e dos homens, ela jurou amor eterno.

João Fioravante Volpe Neto e Lenice Campos Cintra exerciam seus ofícios no mesmo estabelecimento comercial. Ele, advogado; ela, odontóloga. Ricardo Augusto, o quarto filho de Dr. João, paciente de Lenice, sugeriu ao pai que presenteara a dentista dele com um buquê de rosas vermelhas como forma de convidar a jovem para um relacionamento sério. E em 20 de dezembro de 1985, sob as bênçãos de Ernesto, Cecília, Laércio e Maria Aparecida, firmaram matrimônio.

Entre o hoje e o ontem, quarenta anos. Uma vida entrelaçada em gestos, risos e silêncios. Ele, um homem de passos firmes que a vida, em um piscar de olhos, o fez perder a consciência. Ela, um porto seguro, uma sombra fresca nos dias áridos desse destino.

Dr. Cleomar Borges de Oliveira testemunhou a coroação desse enlace por três vezes consecutivas. A Santa Casa de Misericórdia de Franca – SP recebeu as três estrelas do céu de João e Lenice. Renato, Rogério e Angélica começaram a iluminar a passagem do tempo e abrilhantaram a existência de ambos. A vida correu, como um rio teimoso, desenhando memórias nas margens de cada amanhecer. Essas memórias tomaram a forma de quatro netas: Maria Luisa, Maria Teresa, Maria Júlia e Maria Alice. Eis a renovação da vida, que não se rende ao tempo cronológico.

O amor verdadeiro não se dobra às intempéries da vida, nem se desfaz no vento que leva os dias. Não se rende ao silêncio das fotografias, nem se apaga nas

horas que passam sem pressa. Permanece como a brisa morna que toca a pele sem que se veja, como a luz tênue que insiste em brilhar mesmo quando a noite parece sem fim.

Na ausência, esse amor se torna presença. Ecoa nas palavras não ditas, nas memórias bordadas com fios de saudade. Ele vive nas flores que continuam a desabrochar no jardim, nos livros que repousam na estante com páginas marcadas. Vive no cheiro da manhã, no canto do pássaro solitário, na música que inesperadamente enche a casa de lembranças.

A morte pode levar a matéria, mas nunca toca a essência. Porque amar é tornar-se eterno no outro, é fincar raízes na alma de quem ficou. É saber que, mesmo do outro lado do tempo, os corações seguem pulsando em compasso, dançando na mesma melodia que um dia os uniu.

Quando a demência chegou para roubar as palavras de João, Lenice foi sua voz. Quando a lucidez se fez escassa, ela lhe emprestou seus olhos. Quando os passos ficaram incertos, ela foi chão, caminho e horizonte.

Cuidou do amado com a mesma ternura com que segurou suas mãos no altar há quatro décadas. Cuidou dele como se cuida de um jardim: com paciência, com amor, com a certeza de que cada folha caída ainda fazia parte da árvore de sua vida.

Ela foi luz e sombra ao lado do marido. Guardiã dos dias bons e fortaleza nos tempos difíceis. Em um determinado dia, a cadeira ao lado ficou vazia. O silêncio pesou nas paredes antes repletas de conversas.

O tempo, que antes corria, passou a andar devagar, como se esperasse por algo que não viria mais.

Como já dito anteriormente, esta obra tem urgência para acabar. Preciso redescobrir aquele vaso com roseiras naquele apartamento repleto de cores e sentimentalidades. Mesmo que haja a tristeza do luto nesse caminho, o sentido maior haverá de prevalecer. Talvez tenha sido esse sentimento que impulsionou os versos de Drummond no poema “Mãos Dadas”: “Estou preso à vida e olho meus companheiros. Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.” Preso à vida é uma expressão que sugere sentido. O poeta não se desprende de sua realidade nem de seus personagens. A experiência que tem com o mundo é direta e sem rodeios, mas a dureza da realidade não lhe castra as expectativas. Neste caso, além de personagens, falo de amigos e, mesmo diante da saudade doída, preciso os colocar em auras resplandecentes de felicidade, pois são fruto de conquistas valorosas porque nascem das grandes esperanças antes gestadas em meu coração.

Confesso que terminarei este texto entristecida. Como poeta, sei o poder criativo da angústia. Nesses momentos, conseguimos parir poesias com a alma. O canto triste dos israelitas quando caminhavam em busca da terra prometida não era sinônimo de derrota. Era entoado para que a saudade pudesse reacender nos corações acorrentados o ideal de liberdade. A tristeza, quando vivida da maneira correta, é serva da esperança. Abre caminhos e é através dela a redescoberta do desejo de dar novos rumos aos fatos, sentimentos e até mesmo às escolhas. Um estado de tristeza pode, sim, ser lugar propício ao início de no-

vos tempos. A alegria faz ficar. A tristeza faz partir. A segurança do lugar conquistado ou a aventura do desconhecido? O poeta prefere ficar ou partir?

O rito de passagem de Dr. Volpe também me colocou em êxodo. Percebi que já atravessei mares, venci montanhas, mas tantas vezes fui vergonhosamente vencida por sentimentos pequenos e mesquinhos. São minhas contradições, mas jamais serão meu estatuto.

Não diferente de qualquer artista, sobrevivo de ausências, nelas estão minhas futuras criações. O mesmo digo do amor, o amante nunca esgota a criatura amada. O amor sobrevive do que sabemos e, sobretudo, do que não sabemos. É a prevalência desse mistério que me encanta. Sei que um dia entenderei muitas coisas, um dia partilharei com Lenice que, assim como ela, também conheci o amor.

Antes de terminar, já que falei tanto em amores, gostaria de deixar um verso breve, mas de motivo longo. Um verso que parece ter nascido de histórias de amor parecidas com as nossas, que se desprende das mãos do genial Mário Quintana.

É com ele que Lenice se despediu de Dr. João: “Se me esqueceres, só uma coisa, esquece-me bem devagarinho.”

Será que esquecerá?

Não. Aquilo que o coração ama, fica eterno.

Advogar é preciso, viver não é preciso

EM PLENO SÉCULO XXI, sob o influxo de transformações sociais e tecnológicas vertiginosas, a advocacia, bastião histórico da justiça e da cidadania, encontra-se imersa numa crise ética que projeta sombras preocupantes. Não se trata de uma generalização leviana, pois há muitos profissionais que ainda se pautam na retidão, mas de reconhecer fissuras que, se não reparadas, podem comprometer a integridade de todo o sistema.

Um dos epicentros dessa crise reside na crescente mercantilização da profissão. A busca incessante por resultados financeiros, impulsionada por uma competitividade feroz e, por vezes, predatória, pode induzir a um perigoso relativismo ético. O “*ganhar a qualquer custo*” sobrepõe-se, em alguns casos, ao “*fazer o justo*”, transformando o processo judicial num campo de batalha onde a verdade e a lealdade processuais tornam-se as primeiras vítimas a serem nocauteadas. A publicidade agressiva e enganosa, que flerta com a captação indevida de clientela, é sintoma desta dis-

torção, onde a imagem e o marketing se sobrepõem à substância e à reputação construída sobre a solidez do conhecimento e da conduta ilibada.

A era digital, ao mesmo tempo que oferece ferramentas valiosas, introduz novos dilemas. A facilidade de acesso à informação nem sempre se traduz em conhecimento aprofundado, e a velocidade das comunicações pode atropelar a reflexão necessária para a tomada de decisões éticas complexas. A espetacularização de casos, a violação de sigilos profissionais em redes sociais ou em vazamentos seletivos, e até mesmo a disseminação de desinformação como estratégia processual, são facetas sombrias dessa nova realidade. A inteligência artificial, com seu potencial revolucionário, também acende alertas sobre vieses algorítmicos e a responsabilidade na utilização dessas tecnologias.

Outro ponto nevrálgico é a relação, por vezes conturbada, com a verdade. Em uma sociedade polarizada e frequentemente seduzida por narrativas simplistas, a tentação de distorcer fatos, de apresentar argumentos falaciosos ou de omitir elementos cruciais em benefício do cliente, mas em detrimento da justiça, corrói a confiança pública. A figura do advogado como primeiro juiz da causa parece esmaecer quando a paixão pela defesa cega para os limites éticos.

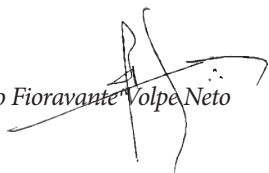
A crise se manifesta também no desrespeito entre colegas, na agressividade desmedida em audiências ou petições, e na dificuldade de manter um diálogo urbano e construtivo com a parte adversa e seus patronos. A urbanidade, antes um pilar da profissão, cede es-

paço a uma hostilidade que em nada contribui para a solução dos litígios.

As consequências são nefastas: o descrédito da advocacia perante a sociedade, o enfraquecimento do sistema de justiça como um todo e, fundamentalmente, a corrosão da alma da profissão. Recuperar o brilho da toga exige um esforço conjunto: das instituições de ensino, na formação de profissionais com sólida base humanística e ética; dos órgãos de classe, como a OAB, na fiscalização rigorosa e na promoção contínua de debates sobre a deontologia; e, acima de tudo, de cada advogado, em um compromisso individual e inabalável com os valores que juraram defender.

A crise ética atual é um chamado à introspecção e à ação. É preciso resgatar a advocacia como um sacerdócio cívico, onde a técnica apurada e a combatividade andem de mãos dadas com a integridade, a lealdade e um profundo senso de responsabilidade para com a justiça e a sociedade. Somente assim a advocacia poderá reafirmar seu papel indispensável na construção de um mundo mais justo e equânime.

Trazer ao conhecimento da sociedade a militância de profissionais que fizerem desse sacerdócio tão belo quanto sacrossanto um tributo à justiça social, sempre e para sempre valendo-se da ética como condição *sine qua non* para ser digno de ostentar um número perante a Ordem dos Advogados do Brasil é tão somente a tentativa de eternizar valores e princípios universais, sonhando com uma geração de colegas que, através da trajetória profissional do Dr. João Fioravante Volpe Neto, possam ser proclamados e emancipados na exatidão dos exemplos.


João Fioravante Volpe Neto 83

A hipocrisia que habita a sociedade atual não impediu o acolhimento e o reconhecimento da relevância de indivíduos anônimos para uns, notáveis para outros. Redirecionar os holofotes para Franca na pessoa do professor João significa mostrar ao Brasil que é possível atingir sucesso, dignidade, reconhecimento e, até mesmo, imortalidade, em meio à simplicidade, à preservação dos valores éticos e morais e ao respeito pelos clientes e pelos pares.

As frivolidades tomaram conta das relações, sejam elas afetivas ou profissionais. Fala-se o que se deve, não o que se sente. Mostra-se o que é mais útil, não o que revela mais os esconderijos mais bonitos da alma. Marco Aurélio, William Karan e Elvis atestaram ser Dr. João o oposto disso. Além do mais, era avesso à tecnologia, nunca aprendeu a manejar um computador, nunca se valeu do Google, morreu sem saber nem o que era inteligência artificial. Ergueu-se e soergueu-se em meio a uma rica biblioteca, um escritório modesto que abrigava um amontoado de papéis desorganizados em cima da mesa, uma máquina de datilografia antiga e um cérebro pensante e em constante evolução.

O filho de imigrantes italianos jamais se acompanharia de homens e mulheres sem identidade, nem de gente aparentando apenas o que agrada aos olhos alheios. Entendia as curvas do rio da vida e era sabedor que a magia de existir reveste-se de grandeza quando revelamos no riso e na dor as quimeras nossas de cada dia.

Dr. Volpe tinha muita compaixão daqueles que vivem de representar o tempo todo. Sabia que as máscaras tomavam a forma dos rostos, impedindo a

identificação do que é natural e do que é disfarce. Do alto do firmamento, conclama aos colegas uma nova consciência, que em algum momento consigam resistir à tentação dos holofotes e iluminem-se a si mesmo sozinhos, sem medo da monstruosidade da primeira impressão.

Sem essas iluminâncias, dificilmente saberão quem são e acaso não descobrirem, tomarão consciência de uma vida resumida a um desfile. Desfiles terminam, espetáculos acabam e as pseudo celebridades voltam para suas solidões. Talvez, o sucesso não esteja na validação nem no aplauso, mas na solidão das mentes que organizam reflexões, por mais indesejáveis que elas sejam.

Ingredientes amargos foram lançados na advocacia brasileira. A dualidade de sentimentos de remorso e raiva fazem com que nos desculpemos a todos os instantes porque assim exigem as conveniências e convenções, mesmo que o equívoco não esteja em nós. Há colegas pousando de príncipes e princesas, olhando a “plebe” com desdém. A plebe é sempre o outro e, no narcisismo desenfreado, apenas julgam, esmagam, humilham, diminuem.

Parece mais fácil vencer o medo de não dar certo na profissão e na vida apontando os erros dos outros do que vasculhando sua própria essência, desculpa impensada de quem vive atrás de competir com os acertos dos outros, tentando superá-los. É sempre o outro, o aplauso ou o desprezo, o sucesso ou o fracasso. É sempre o outro o prato principal. Voltar para si que é bom, nada!

Não se trata de egocentrismo ou de valoração exagerada ao personagem principal deste enredo, mas de um resgate à identidade da advocacia. Bauman escreveu sobre isso tentando desvendar a identidade humana ou, mais que isso, instigar as pessoas a percorrerem o caminho da própria identidade, para que escolham, de fato, compreendendo suas próprias escolhas. Parece mais fácil escolher amparado no outro, desculpando o próprio fracasso por causa do outro, mas é menos nobre, menos inteligente. Fracassar faz parte da trajetória. Quedas fortalecem a caminhada desde que se perceba a queda e que ninguém, a não ser você mesmo, seja responsável por ela.

Dr. João Volpe tinha verdadeira aversão a certas vaidades. Atribuía a esse pecado capital a responsabilidade de ser a principal causa das falências, concordatas e da insolvência.

Não tinha qualquer problema em verbalizar que empresários quase sempre se descuidavam das balanças financeiras de suas empresas e deixavam que as despesas ultrapassassem as receitas. Erravam o básico. Vaidade além de cegar, também fecha as portas.

Certa feita, em uma entrevista concedida à CDL, disse que a maioria dos empresários de Franca até começam bem, todavia, aos primeiros indícios de sucesso, prematuramente, passavam a realizar antigas fantasias, adquirindo automóveis de luxo, ranchos, casas de praia, promovendo festas dispendiosas e esquecendo-se que no primeiro instante de dificuldade, não conseguiriam retornar esses valores para os locais de origem, ou seja, o capital de giro restaria desfalcado.

A partir daí, a consequência se revelava nos pedidos de empréstimos e nas vendas impensadas dos produtos e do patrimônio. O resultado final era sempre igual: desespero, dívidas e falência.

A área de atuação abraçada pelo Dr. Volpe até hoje é uma das mais complexas. A palavra falência ainda é capaz de causar calafrios em alguns indivíduos. Ele desbravou esse campo até então desconhecido e realizou um trabalho grandioso, não porque mexeu com valores vultosos, mas porque ajudou a colocar comida na mesa do trabalhador brasileiro.

Começou fazendo liquidações brancas em empresas que estavam em situação difícil – somava o ativo e tentava pagar o passivo. Em alguns casos, precisava requerer a falência de algumas empresas, mas logo na primeira audiência de conciliação, lutava por acordo.

Advogou para mais de cento e cinquenta empresas de grande porte e menos de dez falências foram decretadas. Isso ocorreu nos casos em que o credor não queria acordo. Quando uma das partes não quer conversa, é caso perdido e milagre quem faz é Deus!

Dr. Volpe foi incansável em sua militância, repetia diariamente aos clientes a mesma ladainha. Além de repudiar as vaidades, dizia que o empresário, ao negligenciar o início de uma insolvência, achando que algum fato novo iria surgir para tirá-lo daquele momento difícil, estava fadado ao fracasso. Combatia a falta de consciência, controle, planejamento, responsabilidade e renegava quem não tinha reserva de contingência.

Para Dr. João, todos esses comportamentos acima citados, aliado ao fato de o empresário começar a emitir cheques e usar crédito cedido pelos bancos com juros extorsivos, pode ser um caminho sem volta. O banco vai cedendo crédito com juros abusivos, e quando os cheques começam a ser devolvidos e os títulos protestados, a insolvência acontece. Não tem como escapar.

O segredo para evitar esse estágio é o equilíbrio, ativo superior ao passivo. Atitudes como essas evitam estresse, advogado, justiça, desaforo e mágoas.

Quando o professor ia recuperar uma empresa, o primeiro passo era fazer um levantamento real entre o ativo e o passivo e, partindo de números não maquiados, começava seu planejamento de negociações com credores, funcionários e bancos. Os funcionários sempre foram prioridade – material humano que faz a vida acontecer.

Gozava de excelentes relações com os sindicatos da região e sempre os convidava para reuniões, conversas, acordos. Nunca houve qualquer atrito com essas entidades representativas porque era de conhecimento público que a postura do Dr. Volpe não combinava com embaraços, tampouco com prejudicar a parte mais frágil das demandas, ou seja, os funcionários

Além de advogado, Dr. João Volpe também trabalhou com loja de material de construção, ergueu algumas edificações em Franca, fez investimentos em outras áreas, diversificou seu patrimônio. Sem desvalorizar essa atuação acessória do meu colega, até porque o fato de saber empreender testificava tudo aquilo que ele ensinava aos clientes, mas contrariava

o brocardo antigo que dizia: “Faça o que eu digo e não faça o que eu faço”. Com Dr. Volpe, o brocardo ganhou novos contornos: “Faça o que eu digo e copie o que eu faço”. Contudo, a relevância maior do trabalho dele residiu em ter salvado mais de uma centena de empresas e ter garantido o emprego de milhares de trabalhadores brasileiros.

Nas palavras do poeta, ‘sem trabalho, o homem não tem honra...’ Carteira assinada, FGTS, INSS, salário família e demais direitos reconhecidos significa que o pai de família pode comprar sua cesta básica, além de poder sonhar com uma aposentadoria tranquila. Não estamos nem falando dos empregos informais que foram gerados a partir do trabalho do professor. Isso sim é militância, compromisso, responsabilidade e, sobretudo, fazer justiça social.

Na escuridão, soube ser farol; no descompasso, soube ser o maestro regente da sinfonia anunciadora dos recomeços. Com a precisão de um cirurgião e a sensibilidade de um poeta, analisou balanços, desfez cláusulas leoninas e traçou estratégias para resgatar empresários e colaboradores do abismo. Sua missão foi árdua: equilibrar os interesses de credores e devedores, buscar soluções criativas e viáveis, e pavimentar o caminho para a retomada do crescimento.

Guardião de esperanças, um defensor da continuidade. Com a lei como escudo e a postura conciliadora como arma, lutou para preservar empregos, evitou o colapso de cadeias produtivas e reacendeu a chama da prosperidade por onde passou.

Inquieto e sempre em busca de novos desafios, enveredou pela teoria dos contratos e, imerso a uma imensidão de papéis e cifras, ergue-se uma nova versão do Dr. João Volpe, o advogado dos hipossuficientes, o defensor do desamparo e do despreparo financeiro. Sua caneta, dentro do caos, foi espada; sua voz, trovão de justiça. Percorreu por entre labirintos de cláusulas e, com uma lupa, estudou o conteúdo que estava escrito naquelas letras miúdas inerentes aos contratos bancários. Entre um café e um cigarro, encontrava uma brecha para fazer a dignidade de alguém florescer. Contra gigantes de mármore e aço, ele se fez onda, persistente e incansável. De tanto obter êxito nas ações ingressadas contra o Banco do Brasil, foi considerado *persona non grata* naquela instituição e teve de redirecionar suas contas para outros bancos.

Não deu importância a isso, preferiu carregar, em sua bagagem, histórias de vidas sufocadas por juros e dívidas transformadas pelo encantamento dos recomços. Litigar com aqueles que causam desequilíbrios é devolver ao cidadão o ideal de justiça, uma vida digna num espaço onde todos podem e devem respirar.

Aos que se perderam no mar revolto das finanças, Dr. João foi a certeza de que não pelejariam sozinhos. Construiu petições belíssimas, passeava com leveza em áreas diversas do Direito como se estivesse a cercar o oponente por todos os lados. Escrevia como quem estivesse, educadamente, ensinando que as ciências jurídicas exigem versatilidade e atemporalidade. Brincava com as palavras enquanto alinhava argumentos sólidos, criou novas realidades. Em cada

decisão justa, um poema de libertação; em cada ajuizamento novo, um fio de esperança.

Por quase meio século esteve como equilibrista na corda bamba entre o justo e o injusto, entre a verdade e a ausência dela. Fez da ética senhora de seu destino, longe de ser tão somente um código frio, grafado em papel antigo, foi a seiva que nutriu a árvore de seus valores.

Vestiu a toga com dignidade, manto que transcende o tecido, para carregar o peso das dores alheias, a esperança dos desvalidos, a complexidade dos conflitos. Em suas mãos, a palavra não foi adorno fútil num “juridiquês” arrogante e inacessível aos leigos, foi espada e escudo: gume afiado contra a opressão, broquel firme em defesa da dignidade. De muitos, saciou a sede de equidade, sem os venenos das artimanhas e astúcias ou o fel da má-fé.

Honrou o juramento primeiro em seu coração, depois nos tribunais, fez um pacto de lealdade não apenas ao cliente que lhe confiou os bens e a liberdade, mas à verdade, por mais áspera que fosse sua face. Fez do segredo profissional sacrário inviolável, onde as confissões repousavam sob o selo do respeito absoluto, nunca jamais e em tempo algum violado para satisfazer curiosidades alheias ou render-se a conveniências.

Caminhou com os pés fincados na lei, com os olhos voltados para a justiça. Teve coragem para ser a voz do impopular, do incompreendido, lembrando à sociedade que cada ser carrega em si a centelha do humano, merecedor de defesa e maior do que todo e qualquer erro.

Combateu o bom combate, respeitou a todos. Entre a paixão pela causa e a serenidade do argumento, revelou a magnitude dos avessos. Nunca se curvou à prepotências, nem se exaltou com os êxitos. Reconheceu no adversário um colega de jornada, ainda que em margens opostas do rio da vida.

Dr. João Fioravante Volpe Neto serviu a justiça com honra, com decência, com a alma bordada nos princípios que fazem da advocacia mais que profissão: uma vocação para a igualdade entre os povos, em sua mais poética e humana expressão.

Quem me roubou de mim?

VIVEMOS TEMPOS UM TANTO impiedosos. O tempo da espera, ansioso, cruel. A espera pelo navio que naufragou. A espera pelo avião que caiu. A espera pela semente que não germinou. A espera pelo futuro que ruiu.

Era 2023 quando um acidente vascular cerebral se instalou nas imediações do meu córtex pré-frontal. Um adeus solitário. A morte da cognição e da memória me convidou à solidão. É um convite que não aceita recusas. Sem luzes ou poesia, sem títulos de nobreza ou adornos. Chegamos e partimos sem nada nem ninguém. Nascemos para a novidade e morremos para a eternidade. O mesmo mundo que nos recebe é o que de nós se despede. O choro da chegada é menos prolongado do que o choro da partida. Choramos de susto diante do mundo quando nos cortam o cordão umbilical. Choramos para atestar que nascemos vivos enquanto outros sorriem ou até choram emocionados com a nossa chegada. Quando partimos, choram eles. Não sei quantos, mas choram. Será que vemos os que ficaram no momento da partida? Ou apenas algum tempo depois? Há tempo na eternidade? E o que acontece quando morre a razão e fica a matéria?

Para além da dor anunciada por exames médicos estranhos contendo informações que não são bem-vindas, há a incerteza seguida da impotência, o medo seguido da dependência, a humanidade materializada na inutilidade.

Eu era um homem de leis, mas a vida, essa juíza sem apelação, decretou-me um destino cruel. Após o jantar, entre um ou outro raciocínio acerca das estratégias que adotaria no dia seguinte para a resolução de uma querela importante, o sangue que sempre pulsara com precisão suíça se revoltou em súbita rebeldia. Veias trêmulas, um clarão na mente, e então... silêncio.

Acordei estranho. O mundo, antes um texto coeso, transformara-se em cláusulas desconexas, um contrato mal escrito pelo tempo. Sabia que fora advogado, sabia que as palavras eram minhas armas, mas agora elas dançavam fora de ordem, fugiam-me da boca como testemunhas que se recusam a depor.

Os códigos que antes eu recitava de cor misturavam-se a memórias distantes. O número de um artigo fundia-se ao cheiro do café de minha mãe. O nome de um cliente escapava-me como areia pelos dedos, enquanto versos esquecidos de um livro juvenil me vinham à língua sem esforço.

Passeava pelos corredores de casa como quem anda pelos corredores de um tribunal abandonado, procurando um juiz que nunca aparece, um veredito que nunca chega. Nos olhos, um brilho perdido de quem ainda sabe que algo se quebrou, mas já não lembra exatamente o quê.

E assim sigo eu, prisioneiro de um labirinto jurídico e poético, onde a única certeza era a incerteza e onde a única sentença possível era a do tempo, esse advogado impiedoso que não aceita recurso.

Havia uma época em que as palavras me obedeciam. Vinham limpas, precisas, como testemunhas bem treinadas. Agora, tropeçam em meus lábios, desencontradas, feito páginas soltas de um processo que nunca será julgado.

Ontem, acordei com o gosto do nome de minha mãe na boca, mas não lembro se ela ainda está viva ou se fui eu quem morreu primeiro. Às vezes, sou criança no quintal da casa antiga; às vezes, sou velho em um lugar que não reconheço. O tempo me confunde — ora avança sem piedade, ora se dobra sobre si mesmo, como um livro cujas páginas foram encadernadas na ordem errada.

Minha mente é um arquivo desorganizado. Encontro rostos sem nomes, nomes sem rostos, histórias que começam e não terminam. Tento me lembrar de quem sou, mas minha identidade agora é feita de fragmentos: um cheiro, uma voz, um eco de risada que se desfaz antes que eu possa segurá-lo.

Os dias são curtos e longos ao mesmo tempo. Acor-do no meio da noite, convencido de que há uma audiência esperando por mim. Busco minha toga, mas encontro um pijama. Olho para minhas mãos e não sei se ainda sei escrever.

Alguém me chama. Conheço essa voz. Amo essa voz. Mas, quando me viro, não sei seu nome.

E assim vivo, prisioneiro de um tribunal sem juízes, testemunha de uma vida que se apaga aos poucos, enquanto tento lembrar... lembrar de que mesmo?

Já fui necessário. Meu nome pesava em papéis timbrados, minha assinatura selava destinos, minhas palavras tinham rumo, força, validade. Agora, sou um esboço de mim mesmo, um contrato rasurado pelo tempo, um argumento que se desfaz antes do ponto final.

As chaves que antes abriam portas agora me confundem. Seguram-me pela mão, dizem que é por segurança, mas sinto que é por piedade. Explicam-me as coisas como a uma criança, mas já não sou criança, ou sou? Talvez tenha voltado à infância sem perceber, talvez esteja andando para trás, tropeçando nos próprios passos.

Meus dias são feitos de gestos vazios. Tento ajudar, mas atrapalho. Tento lembrar, mas esqueço. Tento falar, mas me perco no meio da frase e vejo nos olhos dos outros a paciência exausta de quem já não espera respostas.

O tempo, antes aliado, agora me rejeita. Já não me consulta, não me pede pareceres. Apenas me carrega, indiferente, rumo ao inevitável. E eu sigo sabendo que já fui algo mais do que isso. Mas o que exatamente?

Fui mensageiro da boa nova, um mestre das argumentações, cujas petições moldaram destinos e as defesas serviam-se para tutelar os mais vulneráveis das marés cruéis desse mundo de meu Deus.

Na quietude de minha nova realidade, há uma prosa poética que ainda pulsa, feita de silêncios e saudades, de um tempo em que a justiça era minha companheira constante e meus constituintes, a causa final de minha existência.

Tento ressignificar meu caos particular, observo a doçura de minha esposa, a suavidade das pequenas vitórias cotidianas. Um sorriso, uma lembrança fugaz de um caso antigo, um momento de clareza onde o passado reluz, ainda que por um instante, com a mesma nitidez de outrora.

Vivo de repouso ao lado dos meus e as leis que regem minha vida apresentam-se com mais gentileza: a empatia e a compaixão guiam o toque das mãos que cuidam, a presença daqueles que me amam, o calor do corpo de Lenice ao lado do meu, a doce companhia de Angélica, a ternura encrustada nos olhos de Renato, o amor incondicional de João Henrique, o riso desprentensioso de Rogério, a luz incandescente de Luis Fernando, o beijo demorado de Maria Paula, o caloroso abraço de Ricardo, filho amado desde sempre e para sempre.

Em tempos de agora, descanso, navego nas águas calmas de uma vida bem vivida, enquanto o mundo ao redor guarda, com afeto e respeito, as histórias que já não posso mais contar.

Neste instante, peço vênica aos queridos leitores para dizer que não quero me despedir sem antes deixar consignada a esperança que tenho na humanidade. O caminho é longo para o encontro da harmonia entre os diferentes, para a vitória da paz como fruto

da justiça. Penso que as montanhas escarpadas não nos darão trégua, mas lá no alto reside uma flor. Uma flor bela, desconhecida por muitos, talvez por falta de tempo ou atenção. Uma flor eternamente jovem porque exala um perfume generoso que empresta sabor aos alpinistas. É assim no reino imaginário das flores raras: quanto mais se enfeita e se perfuma, mais se eterniza.

A viagem é longa e a jornada é árdua. O ponto de partida é a razão que aprendemos e a linha de chegada é a emoção que nem sempre entendemos. É a viagem que parte da matéria, que parte para o espírito que reparte. É o repartir que nos ensinou Jesus antes de sua partida.

Aos tripulantes que comigo ocupam a mesma embarcação, que fazem-se presentes na solidão dessas letras que vão surgindo e significando meus sentidos e minha razão de existir, digo que os amo e isso basta. Sozinho, no meu esconderijo, convido meus amores a adentrarem o meu quintal. Há alguma sujeira que, vez por outra, permito que limpem. Eles já se acostumaram com meu jeito de ser, com os meus silêncios ensurdecedores, com a paralisia dos meus membros superiores. Aprenderam a amar minhas incompletudes. Dito isto, confesso que quando ouço o barulho da campainha, minha chama se acende mais e mais. A felicidade de acolher meus rebentos me dá nova disposição. Trazem-me lenha os que me amam.

Se convido para o meu quintal não é porque a sala da frente esteja reservada para outros mais importantes. É apenas porque aqui ficamos mais à vontade e sem cerimônias. Os agregados também podem

se chegar. Podem vir. Podem vir as esperanças deles também.

Há bastante espaço e há bastante tempo para prosas e poesias. E tem mais: a flor rara da montanha distante resolveu morar por aqui. Ela é linda! É nossa Maria Teresa.

Apagaram tudo, pintaram
tudo de cinza, só restou no
muro, tristeza e tinta fresca³

CONVIVER COM AS CONTINGÊNCIAS da vida requer serenidade e calma. É como caminhar pelas vielas de uma cidade cheia de surpresas. Há recônditos que escondem preciosidades. Caminhamos no ritmo que nos é possível, desejosos de sorver ao máximo esse horizonte que apresentou-se diante de nós no dia de Santa Teresa, ou seja, 15 de outubro do ano de 2023. Vivemos diuturnamente a tentação de ficar um pouco mais, demorar nas curvas das entrelinhas. Se por um lado, oferecemos o nosso coração despejado no altar de sua vida, ofereceste a nós o melhor dos alimentos: uma vida dedicada à família, um amor que se assemelha à imensidão do mar e um punhado de ensinamentos que não possuem preço, pois são dotados de valor.

3 MONTE, Marisa de Azevedo. Gentileza. **Memórias**. 2000.

Não há nada mais adequado para este contexto quanto o poema de Drummond. Todos nós queremos andar de mãos dadas com nosso patriarca. É certo que esta metáfora tem o poder de curar o mundo, já que uma das maiores dores que a ciência já identificou foi o medo da solidão. A modernidade trouxe um sofrimento novo, uma orfandade que parece incurável. Há uma complexidade que nos diferencia dos demais mortais: sabemos onde pulsam as causas.

O AVC do papai nos fez descobrir uma ausência diferente. Sentimos na carne o receio de que ele nos falte e não possa mais segurar nossas mãos nos momentos de desespero e solidão. Crescemos aprendendo ser o amor um atributo divino, esquecido em alguns indivíduos, mas que tem o poder de nos salvar de nossas misérias. Crescemos acreditando e, sobretudo, sentindo na carne que o amor é um recurso que nos faz eternos. Só ele é capaz de nos livrar da morte, do esquecimento absoluto, porque nos reveste de memória, que será celebrada cada vez que formos recordados.

É interessante quando refletimos que a primeira experiência humana que fazemos nesse mundo é a experiência do cuidado. A imanência histórica e social humana é uma situação de finitude e corporeidade dependente. Essa imanência nos empurra para o colo, para a necessidade de sermos recolhidos, embrulhados, acariciados, adotados. É assim que entramos no mundo: necessitados. Mas o limite é belo, a dependência é bem-vinda. É nela que reconhecemos o solo onde firmamos os pés. A experiência antropológica do cuidado é uma resposta à nossa precariedade.

Desde quando éramos crianças, achávamos que nosso pai seria eterno. Era ele quem segurava o mundo para que pudéssemos correr sem medo, quem conservava as coisas que nós quebrávamos, quem sabia todas as respostas, mesmo quando fingia que não.

Mas agora, vemos o tempo dobrando seus ombros, as mãos firmes tremendo ao segurar uma xícara, no olhar há dúvida de quem já não tem todas as certezas.

A realidade é permeada por um jogo cruel de repetições. As mesmas perguntas, as mesmas respostas, as mesmas dores. “Que dia é hoje?” “Preciso ir ao escritório?” “Onde estão as notas fiscais?” Sorrimos, respondemos, exercitamos a paciência, mas por dentro há uma desolação sem precedentes para nós.

Os dias se enchem de ausências. O corpo está ali, mas nosso pai está a se dissolver, como tinta desbotando em um velho contrato. Os gestos já não têm certeza, o olhar nos atravessa sem reconhecer. Os picos de lucidez são tão raros quanto preciosos, como pequenas ilhas num oceano de esquecimento. Duram pouco e andam cada vez mais espaçados.

Tentamos seguir com as frentes erguidas, mas não raras vezes desabamos em silêncio. O luto começa antes da despedida e nada nos prepara para perder alguém aos poucos, sem velório, sem adeus, sem uma última palavra.

Ainda assim, ficamos, porque o amor, mesmo não reconhecido, não precisa de reconhecimento para existir.

Como será o mundo sem ele? Quem me ensinará o que não está nos livros? Quem me dirá, sem dizer, que tudo ficará bem?

A morte de papai já nos ronda antes mesmo de chegar. Perdemos o fôlego quando das pausas dele nas conversas, nos esquecimentos, na voz que já não tem o mesmo vigor de outrora. Então, aproveitamos cada instante, cada riso, cada silêncio, cada história repetida que fingimos ouvir pela primeira vez. Porque um dia a cadeira estará vazia, o telefone não tocará, e tudo o que restará será a saudade de um tempo de nunca mais.

Os olhos de papai já não encontram o mundo como antes. Vagam pelo vazio, como quem busca uma estrada que desapareceu no infinito do nada. Às vezes, pousam sobre nós, ainda nos reconhecem. Quando isso acontece, vislumbro a retina das janelas da alma dele restarem presas entre o tudo e o nada, entre o hoje e o ontem.

Quando volta a atenção para a janela, o que será que vê? Um quintal de infância? O semblante da mãe chamando-o para o jantar? Ou apenas um silêncio infinito onde o passado e o presente confundem-se e conflitam-se entre si?

Gostaríamos de guiá-lo de volta, de acender uma luz nesse labirinto, de dizer que estamos com ele, que não há solidão, mas os olhos marejados pelas intempéries da vida dissolvem-se antes que os nossos possam alcançá-los. Continuamos ali, ficamos, permanecemos porque, mesmo perdido, o papai é o mesmo. E nós estaremos juntos esperando o dia que, ainda por um breve instante, ele venha nos reencontrar novamente.

Amar é mesmo uma coisa interessante; é o mais belo exercício de preencher ausências. Nossa condição de seres inacabados nos faz querer que os outros permaneçam ao nosso lado. É lindo reconhecer essa necessidade como sustento dos laços humanos. Querer e precisar do outro como construção do sentido de tudo o que somos, nos faz rejeitar naturalmente os absurdos do egoísmo e nos encaminha para a fraternidade frutuosa.

O amor é gestual, passa pela materialidade do corpo, mas nela não se esgota. Desdobra-se em presença espiritual e transforma-se em marcas que nem mesmo o tempo é capaz de apagar. O que ficará do papai em cada gesto que realizou e realiza? As mãos que seguraram nossas fragilidades, o abraço caloroso nos momentos de desespero, as palavras que confortaram nossas solidões. Onde e quando termina tudo isso? Vivemos para descobrir que o infinito já está eternizado em nós?

E, ao fim dessa jornada chamada vida, todos nós, sem exceção, carregaremos uma bagagem abarrotada de encontros afetivos, partilhas desinteressadas, abraços apertados. Tudo isso embalado com um bocado de ternura e medido pela mesma régua que valora o amor maior. Aquele sentimento que suplanta todos os artefatos e artesanatos, pois é uma construção que requer empenho, assim como a trama dos teares requer a demora na escolha de suas linhas e cores.

Não obstante ser o nosso amor por papai uma força voraz e incontida, continuamos com nossos medos, vivemos inaptos para impedir os naufrágios da consciência dele. Todavia não negligenciamos a oportuni-

dade de oferecer nosso aconchego consolador quando ele está imerso na solidão do cais da memória. Tentamos devolver esperanças perdidas, as palavras benditas, a flor rara, os versos redentores.

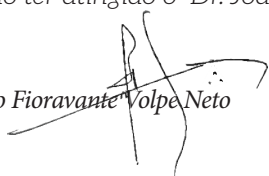
É isso, somente isso. O resto são palavras que ainda não sabemos dizer, versos que não sabemos escrever e medos que temos medo de confessar.

Na trilha do Mestre

“Lembro-me, como se fosse ontem, quando no segundo ano do curso de Direito, meu pai conseguiu, junto ao escritório do Dr. João Volpe, a minha vaga de estagiário. Minha primeira oportunidade profissional.

Nos primeiros dias, não nego a minha apreensão. Havia um respeito misturado com temor diante daquele italiano de poucas palavras, voz forte, e uma maneira um tanto singular de caminhar. Passos firmes, postura de líder.

Para mim, nas curvas mais sinuosas dos meus pensamentos, nas dobras mais escondidas do meu inconsciente ou naquilo que o consciente alcança sem dificuldades, inexiste a possibilidade dessa limitação ter atingido o Dr. João.


João Fioravante Volpe Neto 107

Fecho os olhos e ainda vejo aquela enciclopédia, um verdadeiro computador ambulante, advogado estrategista, cujo raciocínio, força, disposição e equilíbrio tão peculiares quanto magistrais. A minha semiótica não se coaduna com os atuais relatos de seu estado de saúde.

Por inúmeras vezes, quando adentrávamos juntos pelos corredores e balcões do Fórum da Comarca de Franca, observava a imponência, o respeito, a admiração de todos por aquele que caminhava ao meu lado. Sentia-me forte e com a certeza de estar trilhando o melhor caminho. Afinal, emparelhado estava eu com um homem cujo exemplo, por si só, já era um manual de ética, competência e humanismo.

Quantas conversas, quanto aprendizado! Lições acadêmicas, ensinamentos de vida. Palavras que encantavam, atitudes que resolviam.

Deixo, nesta oportunidade, o registro de minha eterna gratidão. Para além dos meus familiares, João Volpe teve uma participação decisiva em minha formação.

Professor, orientador e amigo. Aos olhos dos outros, a lucidez pode até padecer, mas para mim, o intelecto dele continua mais lúcido do que a pouca inteligência de muitos de nós.

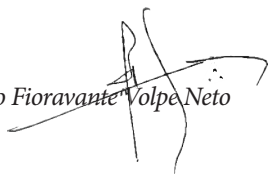
Obrigado, Mestre!"

Marco Aurélio Gerón.

Franca, 17 de fevereiro de 2025.

RECEBI ESTA MENSAGEM de Marco Aurélio sete dias antes de embarcar à Franca para coletar os últimos dados desta pesquisa. A semana que permaneci por lá antecedia o carnaval e Dr. Gerón estava de viagem programada com a família. Ainda assim, encaixou um tempo na agenda e foi conversar conosco na sede da OAB, 13ª Subseção São Paulo.

Em um mesmo dia Franca dá pequenas amostras das quatro estações do ano. Chove, esfria, esquenta e alivia. Tudo isso de forma intensa. O frio é daqueles que sai fumaça da boca de quem fala. O calor é semelhante ao que encontramos no sertão nordestino. Por não possuir litoral, não existe brisa. Até o vento apresentou-se seco. Por incontáveis vezes, nas minhas estadias por lá, senti falta da manteiga de cacau que


João Fioravante Volpe Neto 109

uso nos lábios quando das minhas viagens à minha terra natal.

Conversei com Marco Aurélio debaixo de um calor de rachar os miolos de qualquer cristão após subir lances de escada, que depois descobri ser a academia de ginástica da Dra. Luiza Gouvêa. Todos que ali chegam para ser atendidos, ela faz questão de, ao final do atendimento, levar cada advogado ou visitante até a porta de saída. Temos esse costume no Nordeste: abrimos a porta para que a visita saia com o argumento supersticioso de que só voltará se obedecermos a esse protocolo. Não sei ao certo se o Sudeste pensa do mesmo jeito em relação a isso, mas o belo par de pernas de Luiza, que anda virando poesia pela pena de Sérgio Vilar, é fruto das escadarias da OAB. Também não sei como ela manterá a boa forma de suas panturrilhas com a chegada dos elevadores. A Presidente que lute! Vilar não é de rasgar seda à toa. Portanto, recomendo à Dra. Luiza arrumar outro meio para manter a forma e continuar sendo a musa inspiradora do poeta. Sérgio é atrevido. Quer copiar Vinícius e Jobim quando, ao verem Helô Pinheiro caminhando no calçadão da praia carioca, escreveram Garota de Ipanema. A musa de Vilar, malgrado não ser modelo e nem exibir as curvas para obedecer a padrões de beleza impostos, passou várias vezes na fila da graciosidade e da inteligência, portanto, está a léguas adiante da Garota de Ipanema.

Enquanto o mundo aguarda a poesia de Vilar, convindo os leitores a retornar ao Dr. João Volpe e a Marco Aurélio Gerón que, não diferente dos demais mortais, já brilharam aos olhos de gente bonita. Gerón, então

estagiário, hoje advogado e empresário, igualmente à sua colega Luíza, possui atributos físicos pra lá de interessantes. Eu, como humana que sou, posso admirar um belo par de bíceps assim como Sérgio é livre para admirar as pernas de Luíza.

De agora em diante as palavras requerem calma. É como caminhar pelas vielas de uma cidade cheia de surpresas. Há recônditos que escondem preciosidades. Eu vou no ritmo que me é possível caminhar, deseja de sorver ao máximo esse horizonte repleto de beleza e gratidão. Ao mesmo tempo, vivo a tentação de ficar um pouco mais, demorar-me nas curvas das entrelinhas. Se por um lado, ofereci os meus ouvidos, na outra banda, Gerón ofereceu o melhor dos presentes: uma boa prosa.

Marco Aurélio aceitou o poema de Drummond quando quis andar de mãos dadas com seu Mestre. Esta metáfora tem o poder de curar o mundo, já que uma das maiores chagas identificadas nos dias atuais é a falta de referências e referenciais. A juventude sofre de uma orfandade que nos parece incurável, justamente por não saber por onde andam suas causas.

Há uma reflexão que me foi proposta nos tempos dos meus estudos iniciais em Filosofia, quando eu ainda estava a descobrir os encantos dessa ciência que mudou minha vida. *“Tudo o que é sólido, desmancha no ar”*. A frase de Marx estava no quadro e o professor nos instigava a pensar a pós modernidade a partir dela.

Recordo que o primeiro pensamento que me ocorreu foi a ligação do conceito de sólido com o amor. Cres-

ci ouvindo de meu pai ser o amor um atributo divino, esquecido por alguns indivíduos, mas o único sentimento cujo poder é capaz de nos salvar de nossas misérias. Cresci acreditando e, sobretudo, experimentando na carne que o amor é um recurso que nos faz eternos. Só ele é capaz de nos salvar da morte definitiva, do esquecimento absoluto, porque nos reveste de memória, que será celebrada cada vez que formos recordados.

Marco Aurélio celebrou a memória do Dr. Volpe naquela tarde de verão em Franca. Devagar, foi me conduzindo aos anos passados, entre 1994 até 2002. Dr. Gerón concluiu a graduação em Direito no ano de 1998, mesmo período em que seu genitor, o também advogado, administrador, contador e professor, Dr. Marco Antônio Gerón se aposentou da chefia do posto fiscal de Franca e passou a dividir o mesmo escritório com o filho. Ainda assim, Marco Aurélio permaneceu trabalhando com o Dr. João Volpe até 2002. Ou seja, entrou como estagiário e saiu como advogado.

Nas palavras de Dr. Gerón, havia uma simbiose entre a pessoa e o profissional quando se referiu ao professor João. Relata ser o antigo chefe um indivíduo único, acima da média, incomparável, tanto no quesito conhecimento quanto nos quesitos de estratégia, postura, respeito, organização e memória. Em sua área de atuação, a saber, Direito Empresarial, o professor Volpe, segundo Marco, era multifacetado. Sabia ter boa retórica, sabia a hora de falar, sabia o momento para todas as coisas e era um homem que calculava quando, onde e como era necessário atuar.

Dr. Gerón acompanhava os processos, trabalhava na salinha ao lado que hoje abriga a biblioteca pessoal

do Dr. Fioravante. Era responsável por acompanhar diariamente as publicações no Diário da Justiça numa época que os computadores eram acessíveis a poucos, mais precisamente aos mais jovens. Dr. João nunca abriu mão de sua máquina de datilografia. Então, sem internet, fazendo uso apenas dos conhecimentos adquiridos ao longo de uma vida e dos livros físicos para fazer uma consulta ou outra, Dr. Volpe orientava Marco na redação das petições, contestações, impugnações e recursos. Depois, Marco protocolava, arquivava, acompanhava as publicações referentes aos processos e, por vezes, sugeria alguma estratégia. Mas quase nunca era ouvido. Dr. João Volpe possuía um protocolo de trabalho próprio que fugia do convencional.

O nível de exigência era alto com quem trabalhava no escritório. Mas quando questionei ao Dr. Gerón se o Dr. João Volpe era exigente consigo mesmo, ele respondeu que não. Absolutamente! Não havia necessidade de qualquer nível de exigência porque para o Mestre era tudo muito fácil, tinha raciocínio rápido e resposta na ponta da língua. Era um homem de temperamento forte, firme, sistemático, de riso difícil. Raras foram as vezes que Marco Aurélio viu o chefe contar alguma piada ou fazer gozação sobre algum tema. Não obstante ser o professor João uma figura extremamente direta, sincera e circunspecta, a convivência com ele norteou muitas questões na vida do Dr. Gerón, sejam elas profissionais ou de cunho pessoal.

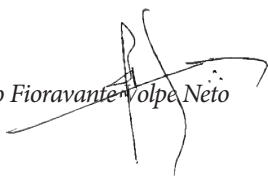
Se até os dias atuais é raro praticar uma paternidade responsável após separações, na época do Dr. João Volpe era uma missão hercúlea. Tanto Marco Aurélio como eu refletimos acerca de tantos homens que

abandonam os filhos após um divórcio. Hoje temos legislações mais severas, fala-se em abandono material e afetivo; os Tribunais estão a debater essa matéria. Na época do professor Volpe, a saída era apelar para o caráter do cidadão.

Conversamos sobre esse exemplo que tanto nos ensina e nos edifica. Numa época onde não havia as facilidades atuais, como financiamentos em universidades, melhor acesso à informação e número maior de vagas nas instituições de ensino superior, nenhum dos sete filhos do Dr. João Volpe ficou à mercê da própria sorte quando falamos em educação. Todos, sem exceção, tiveram as mesmas oportunidades, as mesmas condições, sem qualquer diferença de tratamento.

Como já foi dito neste livro, o professor Volpe teve dois casamentos. O primeiro deles foi com a professora de Artes Plásticas Maria Cecília. Junto com ela, teve quatro filhos: Maria Paula, João Henrique, Luís Fernando e Ricardo Augusto. O matrimônio com a Dra. Lenice Volpe, com quem viveu e conviveu até a morte deu vida a Renato, Rogério e Angélica.

Marco Aurélio é amigo da família até os dias atuais. Eu tão somente convivi com todos durante a coleta de dados para esta pesquisa, mas nenhum de nós escutou a palavra meio-irmão por nenhuma vez. O que nos tocou presenciar foi a imagem de sete filhos obedientes ao pai, respeitosos e extremamente unidos entre si. Como todo mundo, Dr. João Volpe era humano e deveria ter lá os seus defeitos, entretanto, no exercício da paternidade, ele foi, é e sempre será exemplo não apenas à família, mas para as gerações futuras e para todos aqueles que lerem as páginas desta obra.



“Um lar dividido não subsistirá.” (Marcos, 3:24-25). Meus pais repetiam muito este aforismo das Sagradas Escrituras. Certamente, Dr. João também fez o mesmo. Sete filhos criados, educados, formados, pós-graduados, cidadãos de bem e do bem, que tiveram suas vidas conduzidas e sustentadas por uma cabeça pensante a dedilhar linhas de justiça e paz em sua inseparável máquina de datilografia.

Dito isto, penso que as relações humanas devem voltar a ser artesanais. A revolução industrial nos legou a produção em série. Levamos a sério esse aprendizado. Deixamos de ser artesanais em quase todos os aspectos da vida. Tenho saudade dos velhos teares, onde a trama das linhas nos presenteava com resultados surpreendentes. A trama final nascia de mãos afeitas a trabalhos de minúcias.

Bauman é atemporal. Sempre perspicaz em suas análises. O amor anda cada vez mais líquido, provisório. Escorre pelos vãos sempre que tentamos segurá-lo porque temos medo do compromisso que dele nascerá. Queremos o valor da moeda, mas não queremos as duas faces. Talvez seja por isso que o amor tenha sido reduzido ao horizonte das paixões e nisso consiste a gênese de tantos medos, sofrimentos e frustrações.

Ser esquecido é sempre muito ruim, concordo. Ser relegado, deixado de lado, provoca marcas dolorosas na alma, onde quer que o espírito se encontre. Só quem o foi sabe o que eu digo. As pessoas estão cada vez mais inseguras porque estão mergulhadas em teias de relacionamentos absolutamente impessoais. Hoje estão juntas, amanhã não saberão se serão atendidas sequer ao telefone.

A conversa com Marco Aurélio transcrita nesta obra mostrará aos leitores que é possível voltar aos nossos destinos certos que o amor nos espera. Ser esperado é a certeza de ser amado. Ser admirado e copiado é saber que aquilo que fora preparado e vivido no passado, todo o caminho percorrido, todo trajeto vencido significa o amor e, sobretudo, a gratidão, crescendo em alguém que consentiu.

Aprendamos com Dr. Gerón o que há de extraordinário na gratidão. Alcancemos, pois, a lição deste capítulo. Não desistamos de procurar referências nem de agradecer aos que contribuíram de algum modo para nos fazer melhores do que outrora. De tanto valer-se de seu referencial, de tanto agradecer a valiosos aprendizados, Marco Aurélio foi um advogado de sucesso cujo êxito foi semelhante ao obtido na carreira de Dr. João Volpe. Nos passos do Mestre e nas estradas da vida, a gratidão foi senhora desse enredo e o amor foi protagonista dessa jornada.

Quando não se tem gratidão, todas as virtudes se vão. Portanto, agradecer o dom da vida, o ar que respiramos, o sol que nos aquece, a chuva que nos esfria, o amor que nos aparece em um dia qualquer não deve ser nunca uma tarefa enfadonha ou obrigatória, muito pelo contrário, deve ser um doce dever.

A propósito e de propósito, obrigada, Marco Aurélio, por tudo e por tanto!

Confesso que aprendi

A ESCRITA DE UM LIVRO é semelhante à uma estrada até então desconhecida: sabemos por onde começar o passeio, mas o que encontramos durante o trajeto precisamos pagar para ver. Curvas sinuosas, obstáculos sem qualquer sinalização, crateras muitas vezes capazes de engolir veículos de grande porte, animais no acostamento, asfalto irregular, motoristas imprudentes. Tudo isso podemos encontrar quando nos dirigimos de Natal para o interior do Estado. Realidade antiga e que não muda com o passar dos anos, tampouco com a mudança de governos.

Precisei fazer esse paralelo entre as estradas de minha região e a escrita desta obra para que os leitores entendam que este capítulo, em primeiro momento, estaria projetado para abrigar algumas petições, crônicas e textos escritos pelo Dr. João Volpe. De fato, catalogamos todo esse material e pudemos avaliar a relevância dos pensamentos que nosso personagem principal conseguiu codificar em palavras. Isto é fato incontroverso.

Todavia, sem qualquer demérito ao que antes ocuparia este espaço, entendi ter aprendido com meu colega lições muito mais valiosas do que aqueles escritos. Foi a oralidade e a vivência deste trabalho que tirou essa escritora da zona de conforto, mexendo em áreas sensíveis, vulneráveis e delicadas na vida de qualquer ser humano mediano.

As petições e as crônicas possuíam uma solução para cada tema abordado, o que é natural nesses gêneros literários. Mas o que vivi nesses oito meses está longe de ter solução e/ou resposta pronta. Entendi que a ausência de certezas e a imprevisibilidade das coisas são tão importantes quanto nossas crenças pessoais. Penso até que construí uma fé diferente da que eu tinha nesses últimos tempos e comecei a construir algumas certezas partindo do caminho da dúvida.

O contexto das interrogações é muito mais atraente do que o contexto das respostas. A dúvida resguarda a possibilidade, ao passo que a resposta pronta fecha a porta da continuidade. A curiosidade humana é o impulso de todas as descobertas. Dúvidas e curiosidades são asas de um mesmo pássaro. Recordo sempre que necessário das palavras do professor Júlio Navoni quando discutíamos que toda ciência nasce do espanto. Os filósofos são os homens dos assombros, dos sustos, das curiosidades, dos encantamentos. Ao deparar-se com uma realidade não compreendida, a mente grita por entendimento. O filósofo obedece e deixa-se envolver pela dúvida para buscar na pergunta o itinerário da solução. O conhecimento nasce desses assombros e o meu reconhecimento enquanto cientista diante do meu espelho

veio por meio do encantamento que Júlio despertou em mim ao descer do pedestal de um dos cientistas mais renomados do mundo em sua área de atuação e me colocar no mesmo patamar dele, obviamente, em minha área de estudo.

As palavras do professor Navoni eram costuradas pela experiência do assombro, alinhavadas pela necessidade de reflexões diárias que, de igual maneira, com ele aprendi a fazer. Como tudo tem seu tempo, chegou a hora de agradecer a Júlio o meu despertar em relação a estar atenta aos processos humanos que nos diferenciam uns dos outros. O argentino de coração brasileiro e alma de poesia é também um castelo onde a razão tem excelentes alicerces. Convenhamos que essa mistura é um tanto instigante. Entre a poesia e a razão há um turbilhão de sentimentos. Sabemos que o equilíbrio é o caminho mais seguro, mas também é o mais difícil de ser trilhado. A equalização entre a razão e a emoção foi uma conquista dura a ser alcançada neste trabalho.

Nem sempre o que sentimos ou pensamos sentir corresponde à verdade. Considerar a verdade a partir de um sentimento é um caminho perigoso: tanto nos leva a sofrer como a cometer injustiças. João Volpe me obrigou a encarar minhas chagas de frente, me fez colocar uma lente de aumento em todas as vezes as quais desprezei gente tão importante na minha vida porque, segundo meu miserável entendimento, acreditar no que eu sentia e fazer disso a minha verdade se sobrepunha a qualquer um ou qualquer coisa que atravessasse meu pseudo caminho. Por motivos tão pequenos, desprezei pessoas que em tantos momen-

tos decisivos de minha vida foram gigantes. A razão disso? Elegi o meu sentimento como verdade absoluta. Permiti que encantamentos momentâneos prevalecessem sobre histórias tão bonitas ao lado de gente mais linda ainda.

Ainda estou em processo de mudança, ainda que a duras penas. Assimilar a sabedoria de meu colega é imperioso. Nem sempre aquilo que sinto é verdadeiro e a vida não pode brotar apenas de minhas sensações.

Ao ler uma das crônicas do professor Volpe escrita em 1992, consegui extrair nas palavras do advogado francano mais amado do Brasil, que a pessoa de Jesus e sua ação evangelizadora passaram pelo exercício dessa sabedoria. Dr. João ponderou o quanto Jesus deve ter tido dificuldade para lidar com os sentimentos contraditórios de seus discípulos. Deveria ser um tanto desafiador olhar para Pedro, reconhecer nele um grande amigo, mas ter que administrar o temperamento difícil de sua personalidade. Pedro era um pescador, rude, com conhecimentos limitados. Jesus era marcado pela sensibilidade, inteligência e astúcia. Não devem ter sido poucos os momentos em que Jesus precisou lutar contra seus sentimentos primários para que prevalecessem as virtudes de Pedro.

Pedro, ainda que marcado por grandes limitações, possuiu a predileção de Jesus que, ao não desistir dele, confiou naquele homem os destinos de sua missão.

O mesmo aconteceu com o apóstolo João, também chamado “filho do trovão”. Um homem com esta alcunha não devia ser fácil. Mas Jesus o transformou num

homem de sensibilidade. Fez emergir para fora as virtudes que João não sabia possuir. Garimpou na dureza daquela personalidade a pedra preciosa que o diferenciou do contexto dos doze seguidores – uma transformação que requer paciência com os limites humanos.

Caros leitores, este trabalho me deixou à flor da pele, em carne viva. Os meus limites e as minhas fragilidades gritaram para além das expectativas e possibilidades. A minha alma embebecida de poesia cegou a razão. Em uma das últimas semanas que passei na cidade de Franca para divulgar este trabalho, um grande amigo de meu pai me ligava a cada meia hora. Inicialmente, não entendi o que ele queria com tanta insistência. Conforme o tempo foi passando, os desafios foram aumentando até que meu conterrâneo abrisse meus olhos sobre o verbo querer. Antes de soltar a língua e me deixar sem resposta, ele me garantiu suporte emocional para a conclusão dos compromissos.

– Minha filha, nem todo mundo quer o outro de forma genuína. Há quererres condicionados. Querem até o momento que suas projeções não sejam desarticuladas.

Desligou o telefone.

As inseguranças vinham aos montes. Foi justamente nesse momento de incertezas diversas que construí uma fé diferente. Eu, que não suportava a dúvida e vivia protegida por respostas prontas e acabadas, por um ceticismo tão desonesto quanto infértil, fui nocauteada pela postura de João Henrique Garcia Volpe, o segundo filho do meu personagem. É certo que a hu-

mildade é a chave da graça. Aquele rapaz vestido de branco construiu a ponte da fraternidade responsável pela travessia, pelos próximos encontros e pela prevalência do amor.

As palavras de João Henrique ainda ressoam em meus ouvidos com o mesmo poder e encanto. Ele tinha razão: o medo de expor certas fragilidades me fez construir armaduras. Na seriedade daqueles instantes, residia alguém que precisava de um abraço. Na mulher emancipada e altamente qualificada profissionalmente, residia uma menina com medo da escuridão. Na advogada/professora exigente residia uma menina com medo de errar.

Não apenas João Henrique, mas Thalita e Maria Paula me mostraram que o amor pode desconstruir essas armaduras. Só o olhar de quem nos ama pode nos encorajar a sermos nós mesmos. Olhares amorosos são olhares de devolução. Eles nos permitem mostrar a fragilidade sem que haja imposição de vergonha. Quero alcançar o jeito que Thalita olha o mundo. Acredito que a partir dele serei capaz de viver a reconciliação que me coloca como filha de Deus.

João Volpe e eu herdamos alguns dons celestiais. Talentos que devemos assumir sem falsa modéstia. Da mesma forma que meu colega não enterrou suas habilidades, também não tenho o direito de fazê-lo. Preciso trabalhar com ardor, a vida é breve. Meus sonhos de criança não mais existem, agora tenho outros. Inspiro-me em alguns referenciais que são atemporais porque nunca se entregaram, sempre resistiram. Lutaram bravamente pelos seus ideais. Homens

e mulheres de têmpera e de brio. Escritores, poetas, políticos, advogados, agricultores, profissionais ou amadores, já se sagram vencedores porque são pais, mães, amigos companheiros de causas, amantes da humanidade. Volpe e Erundina são referenciais para mim.

Minha família me queria médica. Também deveria seguir carreira política. Quis o Direito, me apaixonei pela Justiça. Tornei-me professora e por isso não posso deixar de escrever que a educação profetiza um novo mundo. São ela é capaz de ensinar ao homem a beleza do próprio homem. A educação, a humanidade e a humildade retiram as vendas que cegam e enfeiam a estrada do viajante. É preciso ver o cenário, é preciso olhar para o lado. Há mais gente caminhando.

Não sei o que quero ser amanhã, são sei que não quero desistir da esperança. Não me incomodo se me chamarem de utópica ou ing nu . Antes isso do que me chamarem de comparsa daqueles que fecharam as portas das esperanças alheias, a não ser que eu tenha o poder de abri-las, assim como João Henrique, Thalita e Maria Paula. Ou isso ou nada.

Tenho certeza que agora os leitores entenderam o legado deixado por Dr. João Volpe. Nesse fogar u sustentado pelas lenhas do amor, cada cidadão francano ou brasileiro que por aqui passar haverá de se enxergar nas chamas que consumiram a criatividade desta autora. Se isso acontecer, cuidarão desta obra, contemplando os traços do personagem e da artista sem desanimar. Para nós, isso basta.   a certeza que não negligenciamos nossas paixões – nem eu, nem o Dr. João.

A vivência das experiências relatadas neste capítulo foi necessária. Eis a maior prova de que temos de aprender a amar, ou os elos que nos prendem à eternidade se enfraquecem. Não há outro caminho senão o amor. E com amor me despeço, aguardando uma nova lição.

A morte não existe e eu vou viver depois dela⁴

É CERTO QUE O AMOR nos socorre do esquecimento. Retira o poder definitivo da lápide porque sobrevive na continuidade do que plantamos. Enquanto escrevo o derradeiro capítulo desta obra, ecoam nos meus ouvidos um belíssimo tango argentino de autoria de Carlos Gardel. Os leitores não haverão de torcer o nariz porque escolhi o som de um *bandoneón* para encerrar este trabalho.

Quem já chegou até aqui, obviamente sabe que o personagem central deste enredo descende de uma família de imigrantes italianos. Povos necessitados de um lar, um chão para arraigarem-se; é impossível viver sem pátria. Em tempo que as famílias fugiam da guerra, da fome e da peste, chegando aqui, encontravam outro tipo de pobreza: aquela causada pela solidão e pela saudade. Os navios, ao se afastarem do porto, arrancavam punhados de lágrimas de homens,

4 ÁSFORA, Raymundo.

mulheres, crianças, indivíduos a desvanecerem-se da morte, vítimas de um desconsolo sem fim.

Desse irremediável caos, nasceu a mais estranha canção que já existiu: o tango. Certa feita, o genial Enrique Santos Discépolo, seu máximo criador, definiu-o como um pensamento triste que dança. Algum marinhheiro oriundo das terras germânicas trouxe para a América um instrumento capaz de causar marcas profundas nos corações daquela gente.

O *bandoneón*, esse instrumento sombrio e sagrado, eterno cúmplice das amarguras cantadas por aqueles que foram separados pela dor, todavia unidos em um deserto amontoado de solidões.

Seguindo tradições pessoais e intransferíveis, findo o preâmbulo e regresso em direção ao dileto colega João Volpe. Aquele que, na simplicidade proveniente de suas entranhas mais sacralizadas, ainda observa o roteiro da vida em forma de poesia.

Um acidente vascular cerebral usurpou-lhe a possibilidade de prosseguir em sua travessia. Aquele cuja comunicação de excelência emergia de um cérebro pensante que, incansavelmente, codificava linhas de justiça em sua inseparável máquina de datilografia. Escrevia e pensava sem economizar genialidades diversas.

A ferramenta de trabalho do Dr. João ocupa um dos espaços mais belos de minha casa. No silêncio sideral de minhas madrugadas insones, a máquina repousa majestosa e solitária, vigia a minha escuridão, eterniza-se na retina dos meus olhos. Aprendi que a eternidade governa tempos passados e futuros, sem

ser nem futuro, tampouco passado. Herdei esse objeto. Distante de ser as sobras de quaisquer ilusões, pois são magníficos fragmentos de sonhos sonhados e realizados.

Quando comecei a me dedicar a este projeto, não imaginava que a minha alma tinha raízes comuns com a alma do personagem desta obra. Fomos plantados em solos fertilizados com sofrimentos e esperanças. A felicidade só deixa de ser utopia quando o Sagrado nos presenteia com a oportunidade de desfrutar do afeto de gente testada pela vida.

Nas minhas últimas viagens para Franca, penso ter conseguido decifrar alguns aforismos, metáforas e até mesmo os silêncios do Dr. João. Os gestos prenunciavam sorrisos. Depois da demência, ele sorri de maneira triste, como se a vida lhe fosse devedora de mais alguns anos de lucidez e autonomia. Entretanto, diuturnamente há uma indagação carregada de um tom um tanto acusativo. Qual a cor dos olhos do meu colega?

Não obstante eu não ter a exata resposta acerca da íris encrustada na face do professor Volpe, posso assegurar que os faróis da alma dele vivem lubrificados com lágrimas regadas de tantas incertezas, tantas memórias songadas, tantos amores esquecidos, tantos sonhos impossíveis.

O olhar de Dr. João ensinou-me muitas coisas. Aprendi com ele não ser a tristeza a ausência de felicidade. Ambas coexistem. Somos felizes e tristes ao mesmo tempo, duas faces de uma mesma moeda. Felizes porque tentamos compreender nossa missão e

nosso propósito. Tristes porque é assim que tem que ser. A tristeza nos empresta respeito ao outro e uma percepção mais aguçada da dor. Talvez a tristeza seja a ausência de alegria, de riso fácil, não de felicidade.

Renato conversou comigo pela tarde. Relatou que o pai andava um pouco letárgico e um tanto silencioso. Hoje é véspera de um outro dia qualquer e ele deve estar triste. Tantas coisas aconteceram depois daquele fatídico outubro. Histórias de uma vida marcada pela dor da impotência.

Em suas crônicas publicadas num jornal de circulação em Franca, Dr. João apresentou aos leitores um Deus que mora na ternura, que acolhe, que não julga, tão somente compreende, que não se afasta, apenas nos ama.

Quando conhecemos os escritos do professor, facilmente compreendemos ser possível encontrar a poesia na dor. A bem da verdade, não há poesia sem dor. A vida nasce da dor. O amor mais amado surge depois de uma dor prolongada. Amor de mãe!

Há quem pense que a contribuição deste livro seja de grande relevância. Ledo engano, por inúmeras vezes e em diversas oportunidades, verbalizei ter recebido muito além de meu merecimento. Luis Fernando, o terceiro filho do Dr. Volpe, ensinou-me a refletir acerca da possibilidade de tornar-me um ser humano melhor. Em uma de nossas conversas, ao ser questionado sobre como lidava com as limitações do pai, respondeu-me, em outras palavras, que a dor era pequena demais para tirar a majestade do amor.

Nas vezes em que estive na residência de Dr. João para dar suporte às demandas naturais causadas pela total dependência do professor, quando a matéria do mestre ainda repousava neste plano, relatou-me que o amor vive a embelezar todo e qualquer sacrifício. Cumpru rigorosamente o doce dever de levar muito além de alegria, foi mensageiro do Corpo de Cristo presente na Santa Eucaristia. Aos domingos, após assistir à Santa Missa na Catedral da Imaculada Conceição, juntamente com Claudinha, a mulher que ele escolheu como rainha, transportava o Cordeiro Imolado diretamente ao coração daquele que fez de sua vida um tributo à paternidade responsável.

Dr. Volpe, agora em endereço incerto, decerto no infinito, vive a florescer diante dos nossos olhos, assim como um pé de ipê desafia as regras do inverno e reveste-se de flores. Os olhos sempre marejados sinalizaram a esta escritora que o território sagrado no qual chamamos de coração nunca deixa de sentir.

Para escrever a história do avô de Maria Teresa, tive de aprender a me alimentar de silêncios e pausas. Um poema costuma nascer de profundas e fecundas experiências de contemplação da realidade. O escritor, ao enxergar o silêncio do ainda não dito, diante dele se prostra e o experimenta e, somente depois, o reveste de palavras.

O silêncio de Dr. João e as palavras desta escritora: a união das cordas que amarram a vida e que sustentam o sentido dela.

A noite cai, contemplo a névoa da minha janela, preparo-me para o fim deste trabalho. Ergo uma taça

de vinho na companhia do meu personagem. Experimento a ausência. Não há nada mais bonito do que o afeto dos amigos. Não se trata de beber para celebrar, nesse caso, a substância é abstrata. As Sagradas Escrituras dizem que nos transformamos no que comemos. Sob uma hermenêutica alargada, fácil entender que beber junto com alguém significa estar comprometido, saciar a sede da alma. Estar com Dr. João nessa noite chuvosa é a melhor forma de eternizá-lo dentro de mim.

De mãos dadas com os sete herdeiros do professor, estamos a comungar do pensamento de que amar consiste em olhar o amado nos olhos e dizer: “Tu não morrerás jamais”. É certo que nunca morrerão aqueles que deixaram na terra a melodia de seus cânticos, na música de seus versos.

O amanhã é banhado por um oceano de contingências, não sabemos o porvir. Em um dia qualquer, sete filhos foram sufocados pela dor da orfandade, pelo adeus forçado, pela impossibilidade de afetos, pela presença abstrata. Deus: autor e consumidor da vida!

É preciso enfrentar o fim. Pausas existem aos montes na nossa vida. As pálpebras que o digam; elas servem para descansar nossa visão. A morte é a primavera da alma. O que parece ser o fim é a vida em transformação. Nossos amores habitam e habitam um lindo céu, tão lindo que não tenho o poder de descrevê-lo, até porque não se trata de lugar, mas de um estado de amor.

Portanto, jamais esqueçamos que somos dotados de poderes capazes de dar significados às pessoas que

amamos, o poder de tirá-las da multidão e abrigá-las em nosso coração. Os sofrimentos que antes eram capazes de sepultar nossos sonhos, doravante nos sugerem a experiência do plantio de flores, roseiras, de preferência.

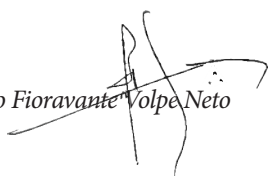
João Fioravante Volpe Neto, que os seus valores nunca deixem de valer, que a sua vida jamais perca o sentido, que os seus sonhos continuem regados de flores e da magia encantadora das crianças que nem mesmo a demência é capaz de sufocar.

A última carta

Caríssimo e estimado João Volpe,

ADENTREI SEU TEMPLO. Sua trajetória e seus escritos me conduziram nessa caminhada. À medida em que eu analisava suas petições e crônicas, elas atingiam a minha compreensão, meus pés reconheciam um território novo à espera de conquista. Eu, em busca de mim mesma, assim como Sócrates quis um dia. Eu sendo quem sou, mas com a possibilidade de tornar-me outra, assumir a minha arte e as minhas irreverências com mais plenitude. Eu, ser em estado de vir a ser, como tão bem intuía a metafísica aristotélica. Eu, potência de um lugar que ainda não me tornei porque não ousei ir buscar.

A excelência humana só pode ser alcançada através da reflexão. O pensamento é o instrumento condutor da mudança. Por meio dele podemos experimentar seu poder de nos retalhar a alma, investigá-la em seus contornos, disfarces e verdades. O pensamento e a re-


João Fioravante Volpe Neto 133

flexão são os grandes responsáveis pelas superações que protagonizamos.

Em meu ofício de descrever histórias, sensações e sentimentos que entendo serem universais, desta vez, precisei de muitos retoques, processo natural de quem se deixa levar sem medo nos braços de dois grandes e determinantes pedagogos: sua história e o tempo de todos nós.

O senhor, com um jeito tão próprio de ser e agir, com atribuições específicas, diretas, assertivas. O tempo nosso de cada dia vive sua sina de não permanecer porque só conhece o destino de passar e seguir. O senhor e o seu desejo de fixar raízes, prolongar o gozo do abrigo, da predileção dos vínculos. O tempo, tantas vezes passando sem pestanejar, nos relega a uma indigência tão original quanto desalentadora.

Tempo, invólucro da existência humana. Tudo que fazemos e sentimos por ele é perpassado. Grandes medos nascem dessa condição. É natural que assim seja. Afinal, ele não sabe parar, não sabe retroceder. Lidamos com esse limite e isso nos assusta e nos amedronta. Os amores que sinto e alimento neste instante estão nas mãos do tempo. As criaturas amadas andam nos trilhos assustadores por onde deslizam seus vagões pesados.

Estamos juntos há pouco mais de meio ano. Como autora desta narrativa, acompanhei feliz os primeiros passos dela, testemunhei o começo da autonomia do enredo quando o vi tomar contornos nacionais. Desde o princípio nós dois sabíamos que o tempo, dessa vez, não era nosso aliado. Corremos contra ele, voamos

ao encontro dele. Um livro inacabado é tal qual uma criança que, quando presa aos braços da mãe, ameniza o medo da perda. Todavia, o tempo é intransigente, um livro vai ganhando novos capítulos e uma criança ganha ossos em desenvolvimento e um corpo com maior destreza, o que nos ordena um novo jeito de cuidar. O tempo sempre mostra seu poder e a escritora/mãe prepara-se para entregar ao mundo aquele objeto de amor e cuidado que até então ela pensara poder proteger para sempre.

O tempo e os seus intervalos. O medo cabe em todos eles. Quando obedecemos ao vermelho do sinal que nos pede parada, imediatamente nos fechamos em nossos carros, crentes de que vidros indefesos nos protegerão do medo que sentimos. O menino e seus malabarismos tão cheios de erros não mais nos encantam, ainda que esteja tentando nos fazer sorrir. A roupa de palhaço, a purpurina improvisada, brilho que se mistura ao suor de quem sente a concretude da dureza da vida.

Em pequenos intervalos residem grandes medos. Era 8 de março do ano em curso, um sábado qualquer. Uma tarde cinzenta roubava os últimos raios solares que ainda alumiam esse chão de Cascudo quando recebi uma mensagem de Arimatéia me perguntando pela data do lançamento desta obra. José de Arimatéia Paiva, jornalista por formação, é o esposo de Cristina, afilhada dos meus pais, filho de Conceição de Zé de Joca, um alexandriense com raízes profundas no Sítio Riachão, que escolheu o solo baiano como sua segunda pátria. Há cinco mandatos ocupa uma cadeira no legislativo daquelas terras e um espaço sem tamanho

em nossos corações. Em 19 de fevereiro ele havia feito uma moção de aplausos à sua vida e obra do Dr. João. No exato momento em que o Deputado fazia o envio do documento oficial com as devidas assinaturas eletrônicas e que eu repassava para Gabriel dar ciência a todos, eis que uma mensagem de Renato me chega ao celular. A semântica da primeira frase denunciava o clima de tensão. Ele tinha a notícia de que o senhor havia deixado esse plano sem sequer nos permitir vê-lo entrando na OAB de Franca em grande estilo para receber essa homenagem. O tempo era curto demais para os anseios de sua alma, professor.

Meu dileto amigo, a morte não combina com você, assim como a juventude não combina com sua temível e admirável sagacidade. Sabíamos desde sempre que esse pequeno intervalo haveria de ter um fim. Entretanto, antes de consumada a ausência física, tive tempo de lhe olhar nos olhos, decorar suas feições e trejeitos, movida pelo simples desejo de nunca mais esquecê-lo. O tempo e o seu poder de determinar chegadas e partidas, assim como o inverno se oculta em lugar desconhecido para que reine a soberania da estação das flores.

O que dizer aos seus filhos e à sua perfumada Lenice? O que fazer nessa hora? Que palavra buscar, senão o abraço solidário, o choro que nos congrega e nos coloca no prumo do mesmo medo como cúmplices de uma mesma dor?

Dr. João, talvez esse seja o motivo de eu amar tanto a poesia, pois ela ocupa um lugar especial onde as verdades humanas se mostram sem máscaras. O medo da dor, da solidão, da morte, da perda, tudo está tão

à mostra nos manuscritos confessos. O poeta e sua revelação. A vida crua, real, ainda que em palavras. O poeta e sua transfiguração. Nele e a partir dele a humanidade alcança a hermenêutica, como se o fogo da verdade fosse novamente retirado do Olimpo e entregue aos homens. A poesia ameniza o peso dos medos porque o amor resolveu construir sua morada nos terrenos da linguagem poética. Há poema mais bonito que um gesto de amor? Os iletrados são experts nesse tipo de literatura. Elvis que o diga.

Meu caro amigo, o amor é um recurso que pode libertar nossos medos. Creio que este trabalho lhe fez compreender e, sobretudo, sentir que ser amado é como recolher-se em um poema. O personagem que ganha a confiança do poeta por ele deve se sentir amado. Foi escolhido dentre tantos. Tornou-se sagrado porque foi retirado de fora e colocado dentro de um coração em carne viva. O que antes era profano aos olhos do mundo, quem estava fora do templo da poesia, mas pelo poeta foi eleito como imortal, adentrou o templo santo da escrita e da história.

Teresa de Calcutá sabia disso. Buscou a natureza dos gestos poéticos e a desdobrou na caridade. Escreveu poemas em pernas doentes, desenhou versos em feridas abertas e, em leprosos repugnantes, fez literatura gestual. Amou sem medidas, espantou o medo, sorriu ao mundo um sorriso puro, simples, casto, santo. Teresa nos socorreu de muitos medos. Nela nutríamos a esperança de um mundo melhor. Naquela mulher de pequena estatura, o mundo se redimiou de muitos dos seus pequenos medos. Acho isso tão interessante, meu caro Dr. João. A redenção que Cristo realizou

na história continua acontecendo através das pessoas que o encarnam ao longo da existência terrena. Descobriram Nele um elo de continuidade, ataram suas esperanças atuando perante seus semelhantes como servos da justiça e da paz.

Em outras oportunidades, escrevi que o andamento desta obra me custou lamber minhas próprias mazelas. Olhar-me no espelho reconhecendo minha mediocridade não foi tarefa agradável. Acredito que só suportei esse encargo porque não raras vezes me vali da poesia, dos gestos poéticos e da grandeza que havia nas entrelinhas de sua trajetória, professor.

Certamente, depus meus pés sobre a seda suave de uma existência pautada em princípios inafiançáveis e inegociáveis.

Conforme o tempo vai passando, tenho medo de que haja o desgaste do tecido natural de sua vida, Dr. Por isso, corro para imortalizá-lo o mais breve possível. Olho para o relógio de meu pai e descubro que o impacto da poesia anula a majestade do tempo. A harmonia de sua vida seguirá prevalecendo sobre as desarmonias do mundo moderno.

A luta contra o tempo é feroz, eu sei, o senhor também sabe, é um diálogo de afrontas. De um lado, tento vencer os limites impostos pela cronologia. Do outro, o tempo com seus insultos rouba minha serenidade.

Respondo que enquanto ele aprisiona, eu liberto; enquanto ele adormece as paixões, eu as desperto; enquanto ele se rói de inveja de mim, não percebe que eu o descubro me vigiando, talvez querendo aprender

quantas vezes o poeta precisa morrer de amor para tão logo renascer.

Morrer para reviver. É isso que estamos fazendo agora, Dr. João. As contradições e os avessos têm sua poesia. O tempo, doravante burlado e esquecido, perdeu o poder de nos impor limites. O *khronos*, tempo que passa, está substituído pelo *kairós*, tempo que permanece.

Entre outubro de 2023 e a presente data aconteceram tantas coisas. Destaco a mais importante delas: o amor, a paciência e o tempo que sua companheira Lenice e seus sete filhos lhe dedicaram nesse intervalo. Quantas famílias não possuem essa oportunidade. Perdem seus entes queridos sem ao menos terem tido a chance de uma última conversa...

Assim aconteceu comigo e com meus irmãos, professor. Uma tragédia que devastou o Rio Grande do Norte matou nosso pai. A tiros. Sem chance de despedida, sem luzes ou poesia, apenas as lembranças dos nossos últimos momentos, do último beijo que dei, da nossa última conversa olho no olho, das aulas de História ao som de Vandrê e do amor que, como Santo Agostinho nos ensinava, teve como medida a ausência de limite. Velamos papai em maio de 1989, nunca o enterramos.

Olho para Francisco e sinto quanto eu o amo. Não sei quanto tempo ficarei por aqui nesta terra de vivos, mas isso não me desespera, apenas mantém meu estado de alerta. Não posso deixar amor para quando amanhecer o dia. Não sei se me restará outra manhã,

outra oportunidade para amar. Por isso, amo no tempo que tenho.

Amar significa exercitar a simplicidade e a fragilidade. O amor não complica, resolve; não exige, apenas dá; nos ensina o valor do simples e do despretensioso e nos conclama a enxergar o que importa.

Mas e o tempo? Com ele herdamos e legamos a solidão. Com ela vem o medo com seus intervalos e as ausências que não podemos preencher em nós mesmos. O que nos resta? Ah, querido amigo, nos resta a natureza dos gestos poéticos, nos resta revestir a vida de ternura e encanto. Talvez assim consigamos restabelecer uma nova ordem em um novo tempo. O lugar, ainda não sei, talvez ainda não exista, mas isso não impede a construção de uma nova consciência onde nosso melhor potencial possa ser transformado em atos.

Acho que podemos sonhar com um lugar que, não obstante ser imaterial, possa gerar uma nova postura humana que nos congregue e nos fortaleça. Queiramos também a poesia, o tempo da reflexão, o uso da razão, o socorro do bom senso. Apenas a reflexão nos devolve o poder de retroceder no tempo. Somente ela nos faz lançar os holofotes para o que foi vivido. Só ela nos faz chegar ao aprendizado que nos qualifica como pessoas.

Continuaremos unidos, Dr. Volpe, nos sonhos, nas realizações, seguiremos empenhados nas construções que são feitas de tijolos e de palavras, a exemplo da Capelinha de São Peregrino. O importante é ser um pouco de Teresa de Calcutá, um pouco de Dr. Gentil Paiva de Oliveira, um pouco de Dr. João Fioravante.

Ofícios que nascem de uma mesma fonte, exercidos em lugares diferentes. Apenas a mesma causa trabalhada a seis mãos.

Meu caro, quando o cansaço da vida me abater, quando o peso do tempo insistir em me tirar as forças, seja da reflexão, seja da ação, prometo que recordarei das palavras de meu pai quando se referia ao tempo: “No fundo, é uma eterna criança que não soube amadurecer”. A história fica enquanto ele passa sem sequer exercer o direito de esquecer nem de Teresa, nem de Gentil, tampouco de João.

Sigamos. Esquecendo e recordando.

Morrendo e renascendo.

Vencendo no que podemos. Perdendo do jeito certo.

Sempre e para sempre.

“Nos braços do tempo, os fi-
lhos crescem como flores ao
vento.”

Mário Quintana

João Fioravante Volpe Neto
e
Maria Cecília Garcia Taveira
Casamento em 02/01/1965



Maria Paula 25/01/1966
João Henrique 30/04/1967
Luis Fernando 8/11/1970
Ricardo Augusto 22/12/1972

João Fioravante Volpe Neto

e

Lenice Campos Cintra Volpe

Casamento em 20/12/1985



Renato 20/10/1986

Rogério 23/01/1987

Angélica 17/12/1989

João Fioravante Volpe Neto 147

Ladies First

ME SINTO COMO SHEHERAZADE, a moça esperta das mil e uma noites. Não porque sou esperta, mas porque de algum modo sempre soube que contar histórias me salvava de perder não a cabeça, como era o caso de Sheherazade, mas de perder a mim mesma. Quando criança e estava aprendendo a ler, imaginava histórias para escapar do medo de escuro. Contava para mim mesma na minha cama de bebê crescido. Já na escola, imaginava enredos que me aterrorizavam tanto ou mais que monstros noturnos. Quando virei escritora, passei a contar histórias reais para poder viver. Sempre soube que contar histórias me salvava da versão adulta do medo de escuro. Agora, gente grande, contar história ordena o caos da vida, me dá sentido e identidade.

Ao tornar-me uma narradora de vidas, aprendi que toda vida é uma invenção própria. Não que ela não seja feita de fatos, de dados concretos, de eventos incontroláveis. O que é absolutamente uma invenção própria é a forma como cada um olha para sua vida.

Dr. João Fioravante Volpe Neto teve dois casamentos e sete filhos. Dentre os herdeiros, cinco homens e duas mulheres. Maria Paula Garcia Volpe, a primogênita da união dele com a professora Cecília, e Angélica Campos Cintra Volpe, a filha caçula do enlace entre Dr. Volpe e sua, para sempre amada, Dra. Lenice. Saber viver consiste na habilidade de entrar e sair de qualquer lugar com elegância, começar e terminar um projeto com graciosidade. Asseguro que meu colega soube fazer isso muitíssimo bem. Começou e findou sua prole em grande estilo, com duas mulheres que, sem qualquer temor, ele poderia chamar de suas. Entre as meninas, cinco varões. Sem demérito nenhum aos demais, asseguro que as meninas são as melhores criações do professor.

Maria Paula, o primeiro fruto. Todo vivente sabe que a primeira mordida da maçã é a mais saborosa. Angélica, a raspa do tacho. Todo vivente em algum momento da vida travou algum embate para se deliciar com o fundo de uma panela de brigadeiro.

De fato, Dr. João teve só uma existência, mas são várias as possibilidades de narrativas do mesmo episódio. Paula e Angélica são exemplos nítidos disso. A mesma sensação fora vivida pelo pai delas em momentos diferentes de sua vida. Ao amar suas duas filhas, sendo elas tão diferentes uma da outra, ele o fez sendo verdadeiro em ambas as ocasiões.

Dizer isso significa que ninguém pode distorcer o que aconteceu. Apenas há duas possibilidades de olhar os fatos e experimentar os sentimentos gerados em momentos distintos. Ao escolher olhar essas duas

meninas com a mesma ternura, ele escolheu também uma forma de ser quem ele era: justo!

Há poucos dias, Paula e Angélica devolveram aos céus o primeiro amor de ambas. É sabido que a filha mulher tem pelo pai uma relação alicerçada no amor visceral, rebocada na admiração e estruturada no mais enigmático culto sacramental já contemplado. A razão tentara explicar o que nem Sigmund Freud explicou, mas as dimensões do fenômeno, apenas a providência mensura.

A dor ainda está aguda. Pesadelos, tropeços, lágrimas de saudade se misturam a sentimentos que, como disse Elvis, não cabem nem em um dicionário, imagine em palavras. Tenho certeza que o amor recebido ensinou a ambas um pouco de tudo. O motivo que as trouxe aqui é o mesmo que as levará para muitos lugares.

Por que tenho essa certeza? Descobri que o poder de contar minha história está em mim. É meu. Sou eu quem decido quais os pontos culminantes, os ápices de minha existência, ao olhar para o passado e escolher o que vai dar sentido ao presente e somar no futuro. Paula e Angélica não são diferentes. Da mesma forma que um roteirista de cinema sabe que é preciso mesclar silêncios, dramas, diálogos inteligentes, conversas banais, respiro cômico e também esquecimentos, elas darão ênfase ao que importa por saberem por que importa. São os cortes que acontecem no momento da edição que garantem o ritmo do filme. Não esqueçam, a sabedoria é fêmea.

Paula cursou duas graduações, Angélica cursou três. Somando os canudos recebidos pelas duas che-

garemos ao número exato de graduações realizadas por Dr. João Volpe. Acredito que agora os leitores são capazes de entender que o alfa e o ômega do professor consistem em suas duas melhores metades, que se completam e se complementam entre si.

Nossos pontos de interseção são inúmeros, tanto que a partir de agora, continuarei a escrita desta crônica como se estivesse acontecendo a seis mãos.

Quem me ensinou que a vida poderia ser reinventada a qualquer momento foram pessoas que, nas últimas décadas, me contaram suas histórias. A cidade onde nasci possui muitos personagens folclóricos. Um deles, cuja identidade irei preservar, sempre foi muito pobre e um tanto estropiado. Semanalmente aparecia na casa dos meus pais com um cabo de vassoura. Dizia que era seu cavalo de raça. Pedia que meu pai olhasse e detectasse que era exatamente igual ao cavalo de meu irmão do meio, carinhosamente chamado por nós de Montreal. Meu pai, sempre acostumado ao irreverente, encarava aquela cena com naturalidade. Os vizinhos costumavam chamar o rapaz de maluco.

Um dia, meus pais o levaram à fazenda conosco. Eu emparelhei meu cavalo com o dele e perguntei: “Você está doido?” Ele disse: “Você acha que eu não sei que o meu cavalo é um cabo de vassoura? Mas pense, raciocine (batia as mãos fechadas na cabeça). Você não acha melhor eu acreditar que o cabo de vassoura é um cavalo? Sem que eu visse, meu pai acompanhava a conversa. E com cara de poucos amigos me disse: “Se você acha que ele é doido, você é o quê? Nunca mais use desse expediente nem desse vocabulário com

ninguém. Não se atreva a me desafiar. Estou com vergonha do que você fez”.

O rapaz desejava tanto um cavalo que deu patas, crinas, carne, ossos e sangue a um cabo de vassoura. Reinventou sua vida da maneira possível. O moço era tão livre que para ele tanto fazia se era um cavalo ou um cabo de vassoura. Tornara-se capaz de entregar-se ao galope desenfreado de um pampa imaginário. Afinal, quem diz o que é um cavalo ou um cabo de vassoura?

Meu contrerrâneo é um exemplo radical de reinvenção da vida. Nem todos, porém, são capazes de enxergar com a visão alargada dele. Nem todos viveram todas as suas faltas. O que podemos é escolher se vamos olhar com generosidade para nossa vida – e para a vida do outro – ou se vamos gastá-la inteira lamuriando pouca sorte.

Dito isso, convido as meninas para uma experiência diferente. Em seus mimeógrafos da vida, comecem a imprimir a devoção sentida pelo Dr. João em suas almas, como fez Ariano Suassuna em cada passo de sua existência, xerocopiando e imprimindo em todas as laudas de sua trajetória, a figura do pai assassinado com disparos de arma de fogo.

Não sejam mornas. A vida só permite reedição quando há dois ingredientes essenciais: liberdade e paixão. Sejam passionais, fervorosas, latentes. Sejam o *brado retumbante* do Dr. João. Quem tem sangue italiano não consegue ser fleumático. O imaginário de vocês pode reinventar o professor Volpe. De um *sonho intenso* pode tornar-se um *raio vívido*.

É certo que ninguém pode com o amor, meninas. O amor de vocês emurcheceu com a morte, ressecou o malmequer e recusou toda sorte de separação. Mas o Dr. João vive! “E os *Teus risinhos lindos campos têm mais flores*”.

Qualquer um pode escolher como olhar a vida. Ariano Suassuna e meu conterrâneo, dentre os dois espelhos que possuíam, renegaram ao esquecimento aquele cuja silhueta não havia um rosto definido, pois estava manchado pela multidão, destituído de importância. Escolheram aquele que revelava o belo, o único, o singular, o irrepetível, o amor. É o mesmo homem e a mesma mulher que podem olhar apenas para o chão e se identificar com a meleca que cola nos sapatos ou olhar para cima e se reconhecer na matéria das estrelas.

De certo modo, temos toda a escolha de ser a Sheherazade, que decidiu contar histórias para manter a narrativa da sua própria. Ou podemos ser todas as moças pouco espertas que perderam a cabeça antes dela porque deixaram que o sultão decidisse o fim de suas histórias.

Que sejamos livres para escrevermos a cartilha pela qual deveremos seguir e que nenhum homem venha usurpar a nossa essência, sequestrar nossa subjetividade ou tolher nossos sonhos e impulsos criativos. Afinal, somos metade do mundo e mães da outra metade. Portanto, nos bastemos, meninas!

**Ando devagar porque já tive
pressa e levo esse sorriso porque
já chorei demais⁵**

Como uma mulher cuja cognição obedece a parâmetros razoáveis, percebo que os gregos tinham razão ao dizerem ser a vida cíclica. As saudades pueris do meu tempo de adolescência já reconhecem minhas estradas de vida renovadas a cada vez que a terra completa uma volta em torno do sol. Os impulsos adolescentes cedem passo a uma despretensiosa “juventude” na alma e uma tal de nostalgia querendo se aconchegar. Não raro, os desejos da alma esbarram nas interdições tanto sociais como pessoais.

As contradições estão em todos os lados, o fascínio está no contraste e o aprendizado reside no conflito. Tendo vivido quase meio século, vez por outra me pego com alguns medos adquiridos na infância, medos escondidos na alma, medos que teimam em enganá-la a vida inteira. Mas a alma, sendo imortal, não está condicionada às voltas do tempo, o corpo

5 SATER, Almir; TEIXEIRA, Renato. Tocando em Frente.1990.

também não tolera mais as mesmas aventuras e a minha mente se ocupa de algum detalhe de lembrança para encontrar a serenidade.

E é exatamente inebriada dessa serenidade que apresento aos leitores João Henrique Garcia Volpe, o segundo filho do Dr. João Fioravante, o primeiro varão a embelezar a descendência da professora Cecília Garcia.

O que eu sei acerca dele é que assim como Francisco de Assis, não se aplica ao mundo moderno, inclusive, o senso comum é incapaz de compreender os enigmas de um homem que conversa com os pássaros, que possui esconderijos na alma, que diuturnamente é revestido de grandeza quando lança sobre nós um olhar de bondade consubstanciado em risos e dores revelados nas quimeras de sua humanidade. Há quem caia no equívoco de achar que o mundo de João Henrique é pequeno. Ledo engano. No universo dele só há espaço para o que importa e quem importa. Não perde tempo com frivolidades.

Aprendeu a gostar da vida mesmo sem entendê-la em sua plenitude. O fascínio de João vem das interrogações e o encanto vem da ausência de palavras. Para ele a vida, quando revestida de silêncios, transborda insinuações. O amor sobrevive é no mistério, no desvelamento do cotidiano que nunca chega à plenitude, porque tudo que já está pleno, já está pronto. O amor só é amor porque é algo inacabado; é metade que clama, implora e pede clemência.

João Henrique tem paixão pela ciência. Em sua área de atuação é considerado um grande cientis-

ta/pesquisador. Estuda todos os dias, é sedento por conhecimento e entende sua obrigação de entregar seu melhor à sociedade.

Com esse moço aprendi que amar é uma interessante e bonita forma de carecer, de ser frágil, de entregar os pontos, de viver sem armas, como se por um instante, só por um instante, a luta que marca a sobrevivência entrasse em um estado de trégua.

Há um certo encantamento em suas palavras, em suas atitudes, em sua maneira peculiar de enxergar o mundo e os desafios. É um simpatizante da saudade. Cecília foi a primeira a integrar o rosário de perdas do pai de Iza. Dr. João Volpe, agora em plano distinto, descortina lágrimas, desconcerta o silêncio do filho. Duas ausências e um só engasgo: recordações e memórias afetivas desenterram um passado mais feliz.

É um homem de muitos amores: Valéria, Izabela, Gaby e Lipe, doces ingredientes embrulhados de felicidade.

Em meio ao universo particular de João Henrique, há um brilho singular que guia seus passos. Uma luz incandescente, o amor aos seus entes queridos ilumina as sombras e enche os dias de sol. Seus braços, como acolhedores portos, estarão sempre abertos para acolher as meninas. É presença que acalma, serenidade que inspira.

As histórias contadas durante as viagens que fiz à Franca para conversar com os sete filhos de Dr. Volpe seguem guardadas como tesouros. Em cada uma um tanto de sabedoria. No companheiro de Va-

léria há a imensidão do mundo inteiro numa pessoa só. O amor e a tolerância dirigem os passos de João. O relacionamento dele com Gaby, sua filha caçula, sócia e colega de trabalho, ensinou-me que o amor é um laço, não apenas entre pai e filha, mas entre almas que se reconhecem, que se respeitam, que se apoiam e, onde quer que estejam, seguem sendo passageiros de um mesmo trem, estarão juntos na parada final como forma de responder ao chamado da eternidade.

Os olhos puxados herdados de Cecília são janelas de um universo que se esconde para uns e se descortina para outros. As mulheres da vida dele são guardiãs de memórias, sentimentos, afetividades. Ninguém melhor do que elas para entenderem que na sombra e no silêncio, o amor dele sobrevive, ainda que por teimosia.

De minha parte, deixo para João Henrique um punhado de gratidão. Ergo uma ponte entre nós. Registro no meu diário de vida cada sorriso de Francisco ao brincar com Kiko, um animalzinho de estimação que meu filho recebeu de presente para ajudá-lo a vencer os limites de comunicação impostos pelo autismo. João nos deu esse milagre. Portanto, em nome de todos os que fazem o Movimento do Orgulho Autista Brasileiro, em tempo que celebro as conquistas de Chico, agradeço publicamente a João e a Gaby por tudo e por tanto. Pai e filha, exemplos perpetuados no tempo e na história e a perene certeza de que sairei de Franca após o lançamento desta obra. Todavia, não precisarei trazer nenhum de vocês na bagagem do meu coração. Vocês já residem

aqui em casa, em cada peripécia de Kiko, em cada gargalhada de Chico e, sobretudo, na nossa terna e eterna lembrança.

Dois corações e uma história

A PRESTEZA, A RESOLUTIVIDADE e a responsabilidade das respostas de Luis Fernando, terceiro filho da professora Cecília com o Dr. João Volpe encorajam-me a rabiscar um pouco mais, já que as toalhas da celebração da ausência amparada na teias da imortalidade estão postas.

A amizade não cobra seu preço. Não nos sentimos compelidos a fazer ou a dizer algo. Sentimos-nos impulsionados, é no mesmo sobrado de Cora Coralina onde nascem as flores que nos segredam poesia. Drummond, não diferente de qualquer poeta, convivía com os poemas antes de seu nascimento. Da maiêutica à parturição de Sócrates. Cada ideia tem de ser gestada antes de nascer. Luis e Cláudia estiveram conosco desde sempre.

As respostas de Luis carregam um bocado de franqueza. Nesse trajeto final, nos sobrados despedaçados, o universo da procura foi tão rico quanto o da descoberta. A poesia sempre se serve para dar sentido aquilo que por ora não entendemos. Por isso que

digo a esse casal de amigos queridos: *“o presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas até o fim.”*

É nas mãos entrelaçadas onde habita a fraternidade, o abraço solidário, a cumplicidade de propósitos. Luis e Cláudia também sofrem as ausências dos entes queridos que regressaram à pátria celestial, mas sofrem de mãos dadas. O presente é muito grande, o mundo também, por isso que de mãos dadas fica mais fácil ou, pelo menos, mais belo.

Qual seria o segredo dessa união tão duradoura e desse amor sem limites? Quando Vinícius de Moraes brinca dizendo que o amor é apenas chama, portanto se apaga, e conclama que seja imortal apenas enquanto dure, não estaria falando de paixão? Fala o poeta em riso e em pranto, em pesar e contentamento. Não seria assim a paixão? Barulhenta? Quanto menos correspondida, mais sentida? Ou isso é teimosia?

Talvez seja uma discussão semântica desnecessária distinguir amor de paixão. Há quem use paixão como efemeridade de encontros banhados apenas por desejos frementes. Há quem use amor no mesmo sentido, distinguindo, entretanto, amor ágape de amor eros. Amor que constrói e amor que extingue. Ou esse último não seria amor? Luis e Claudinha são a fusão desses dois sentimentos, os lábios que se encontram são os mesmos que proferem palavras de incentivo, consolo, conforto e aconchego.

O amor eros é sempre arrebatador. A história da literatura é recheada de lindos encontros e desencontros. Desde a tessitura de Penélope aguardando o seu

Ulisses, na apologia da fidelidade da mulher ao seu amado ou da mulher por ela mesma, à sua espera, passando por Eros e Psique, o ciúme doentio de Afrodite. Histórias mitológicas que se misuram a histórias reais como Dante e Beatriz. Quantas vezes se encontram o genial artesão das palavras e a menina mulher? Três vezes, no máximo. O que importa? Tudo de Dante tinha Beatriz, desde a primeira pausa da calmaria dos sentidos até o último dia, Beatriz viveu em Dante. Como Marília em Dirceu. Marília não tinha esse nome, era Maria Doroteia de Seixas Mairink. E Dirceu era Tomás Antônio Gonzaga. Transformados pelo amor, transmutados pelo êxtase poético dos livros e das teias da vida.

Amores reais ou exagerados em poesia? Marília era a musa inspiradora ou a mulher atendida? Amores reais ou sentimentos projetados? Posso assegurar que no que toca falar acreca de Luis e Cláudia, presenciei um amor tão real quanto o nascer do sol em todas as manhãs. Observei instantes únicos, trocas de olhares, gentilezas aos montes e atitudes capazes de reerguer os alicerces da alma de ambos dia após dia.

Platão também falava sobre amores perdidos e de sua busca. Mas fala em tom depreciativo. Não há amor eros quando apenas um ultrapassa a margem do rio. O banho não é deve ser solitário e não é inteligente jogar água em quem não quer se molhar. A distância é longa e, por mais que um esteja enxaguado e se aproxime a contragosto do outro, a água será incômodo e não alívio. Porque quem está disposto a amar sem imposição de condicionantes, adentra as águas cristalinas dessa cachoeira abundante sem esconderijos ou máscaras.

Aí sim, o milagre do encontro acontece, os dizeres ganham outros significados e tudo passa a ser recíproco. É o conhecimento da nova vida com suas saliências e reentrâncias, com seus sabores e estranhamentos. Mas vão os dois. Não um implorando ao outro!

Gibran, poeta libanês dizia que para entendermos a mente de alguém, deveríamos não olhar para o que aquela pessoa havia conseguido, mas para o que ela ainda aspirava. O desejo de Luis é permanecer ao lado de sua amada até o dia que Deus permitir. O sonho maior de Claudinha é encontrar seu porto seguro todas as noites, dormir rindo e acordar sorrindo.

Amar não é possuir, muito menos destruir. Amar não é usar e desprezar. Amar não é exhibir. Amar não é experimentar o bom e o belo como queria Aristóteles numa harmonia que se aprendia e se vivia. É como tocar cítara. Só se aprende tocando. E só se aprende querendo. Não há como impor ao outro a obrigação de amar. Mas há como testemunhar no silêncio felz de uma escolha acertada ou nos dizeres simples de uma vida vivida corretamente.

Ao lado de Claudinha, a travessia de Luis Fernando fica muito mais bonita.

No caminho de volta ninguém se perde⁶

RICARDO AGUSTO DEVE ter tido os questionamentos típicos de todas as crianças da mesma idade. Certamente perguntou ao pai quem era Deus. Como todo mundo, talvez tenha insistido nas perguntas sem respostas, nos porquês sem propósitos até Dr. João ser obrigado a explicar que ele não precisava saber de tudo, que poderia pedir um tempo para pensar ou até mesmo se dar ao luxo de dizer “*eu não sei*”.

Cresceu e as perguntas ganharam complexidade e, em algumas das vezes, profundidade. Nem sempre queria dissecar alguma temática, talvez quisesse chamar a atenção do pai para que ele franzisse o cenho e, na intenção de esgotar as interrogações, voltasse suas atenções ao quarto filho, o derradeiro filho da descendência da professora Cecília.

Conforme já relatado nas considerações iniciais desta obra, por mais de uma década, residiu em Na-

6 ALMEIDA, José Américo de.

tal – RN. Contraiu matrimônio com uma conterrânea nossa, Esther Tinoco Volpe, a filha caçula de Humberto Tinoco. Ela, assim como eu, carregava no sangue as amarguras da ditadura militar, o amor pela docência e a paixão pelas raízes nordestinas.

Em outubro do ano passado, Dr. Ricardo Augusto teve de retornar para residir em Franca. Em Natal, comoção da sua vida, ganhou títulos, carreira e amores. Às margens do Rio Potengi, desafortunadamente, conjugou a alquimia dos contrários quando deparou-se com a morte de Esther, aquela que carregava consigo não somente o coração, mas também os mais nobres sentimentos do médico que fez história no Rio Grande do Norte quando deu uma valiosa contribuição durante a pandemia de Covid-19.

Para além de esposa, Esther era companheira de jornada, mãe de João Ricardo e Laura, duas existências que passaram a mudar o sentido da vida de Dr. Ricardo Augusto. De uma hora para outra, percebeu-se sozinho, enfrentando as agruras de uma viuvez devastadora, sem terra nos pés, com o mundo nos ombros e a responsabilidade solitária de dar continuidade à criação/educação dos filhos. Com a alma entristecida pela dor da ausência, regressar à pátria não era apenas uma escolha, era a certeza de que o aconchego dos seus seria o bálsamo suficiente para dar novo rumo à caminhada da família.

Enquanto aguardava a chegada da mudança, Dr. Ricardo residiu na casa do professor Volpe. Aproveitou esse espaço de tempo sem as crianças, que haviam ficado em Natal à espera do término do ano letivo, não só para fazer reflexões diversas, mas também para

tentar recuperar os anos perdidos, onde os abraços eram sonogados pela distância geográfica materializada pela BR 101.

Todas as noites ajudava Lenice a colocar Dr. João na cama. De longe, observava o amor dos dois, amor que é fruto de um compromisso diário, que tudo suporta e suporta com paciência. O verdadeiro sentimento é aquele que persiste na inutilidade do outro. Dr. Ricardo Augusto teve tempo para redimir-se com o tempo. Foi presenteado por Deus com a oportunidade de acompanhar os últimos meses de vida de seu pai. Contemplou ao vivo e a cores o desdobramento poético de duas vidas que juraram amor eterno, ainda na juventude, colherem os frutos de uma história alicerçada e rebocada com o cimento da ternura, costurada com as linhas da tolerância, do respeito e da compaixão. Apenas a morte separou Lenice de seu amado.

Nas palavras do escudeiro fiel do médico Cipriano Maia, a demência do pai nunca lhe tirou o sono. Aprendeu a preservar os avessos e protegeu aqueles lugares inacessíveis dentro de nós, onde a dor e a barbárie jamais chegam, afinal é nesse lugar isolado e singular que o Dr. Ricardo guarda todos os seus amores e afetos. É lá que ele os mantém vivos. É lá que está Cecília, João, Esther, eternos responsáveis pelos maiores e melhores sorrisos desse nordestino adotivo.

Certa feita, ainda no período no qual eu realizava a pesquisa para publicar esta obra, Dr. Ricardo Augusto confidenciou a esta escritora que, ao conferir os objetos do seu escritório, tempo em que selecionava-os para arrumar sua nova residência em Franca, depa-rou-se com alguns presentes que Dr. João Volpe havia

endereçado a ele. Livros, papéis, pastas, convites de formatura. Relatou estar tudo tão caótico quanto uma mente em decomposição. Mas fez uma ressalva importante: o caos lhe comovia.

Olhava para tudo e percebia que seriam os objetos que o ajudariam a narrar a história de Dr. João antes de partir. Esses objetos, aos olhos de Dr. Ricardo, contavam muito sobre o pai dele. Eram uma espécie de espectro a visitá-lo. Dr. João Volpe seria para esse filho aquela figura que se recusaria a partir, alguém que não saberia ir embora, aliás, aquele amor que não se deixa morrer porque ainda que a ilusão seja um eterno acordo com a covardia, a existência de um jamais prescindiria da existência do outro. Para o pai de Laura, até mesmo o nome restaria incompleto sem o sobrenome daquele que foi a maior representação de afeto já vivenciada.

Das lições e ensinamentos carregados, destacou a autonomia de fazer valer seus valores sem nunca render-se a conveniências, sem nunca prostituir seus princípios. A coerência de ideias, a fidelidade à esperança sempre lançando mão do vocábulo esperar estão tatuados na alma de Dr. Ricardo Augusto, na unidade de sua consciência, no exemplo que expande a mediocridade, no silêncio das palavras não ditas, no olhar que fala mais do que tudo e, sobretudo, em seu coração, que segue amando o pai, ainda que estejam em dimensões distintas.

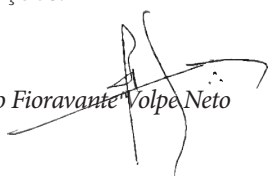
No regresso à pátria dos seus sonhos de criança, a paz foi companheira desse moço; o amor serviu de inspiração para a crença em dias melhores; os irmãos, a bússola a iluminar toda e qualquer escuridão. O Dr.

Volpe, com a sutileza de sempre, ajudou o filho a re-
visitar os seus infernos particulares para então ter o
merecimento de alcançar a paz verdadeira, aquela que
excede todo e qualquer entendimento.

A Ricardo Augusto Garcia Volpe, colega de profis-
são de meu pai e esposo de nossa conterrânea Esther,
termino na abrangência do poeta Ronaldo Cunha Lima
em suas sempre lindas palavras sobre o que vai ficar:

*“Não importa que da despe-
dida não fique nada. Bastam
as outras coisas que já vão fi-
car. Do muito que nos vimos,
pelo menos um olhar há de
ficar. De tudo o que dissemos,
pelo menos uma palavra vai
ficar. Do quanto nós fizemos,
pelo menos um gesto vai ficar.
E, do tanto que nos amamos,
pelo menos um pouco de amor
há de ficar. E, pelo que vimos,
pelo que dissemos, pelo que
fizemos e pelo que amamos,
pelo menos em lembrança um
ou outro vai ficar”*

Dr. João sobreviverá em você, Ricardo, em cada
expiração e inspiração, na beleza do receber e do en-
tregar, no sorriso que alimenta a alma, na fé que lhe
sustenta, no altruísmo dos ideais e na simplicidade de
uma vida plena e sem contradições.


João Fioravante Volpe Neto 169

Que a felicidade e os recomeços lhe surpreendam sempre, em medidas sempre maiores que as de outra. É esse o nosso desejo e, por hoje, motivo de nossas mais singelas preces direcionadas aos céus.

Duas faces de uma mesma moeda

A DOR É UMA QUEBRA da corda porque nos retira da segurança. Há acontecimentos que nos fazem mergulhar no absurdo da existência. E o absurdo da existência é a ausência de sentido. É o momento da vida em que a alma se sente traspassada por uma dor lancinante. É no momento do desespero que se experimenta a humanidade em suas dimensões mais venturosas.

Cora Coralina não fugia dos absurdos do mundo. Deles fez poesia qualificada. A alma transliterada nos fez mergulhar nos recônditos de uma mulher que não viveu por acaso. A dor transmutada, redimida, purificada nos calvários da escrita que, por ofício poético, lhe reservou, na velhice, o poder de devolver a apatência do sonho. Cora Coralina nos encoraja a enxergar as belezas que se escondem nas tristezas.

O objetivo desta crônica é apresentar ao mundo o primogênito da união de Dr. João Volpe com sua estimada Lenice. Renato Campos Cintra Volpe é engenheiro civil e sua atuação profissional tem como prin-

cial norte a perícia judicial. Apesar de ter presenciado um episódio onde pude constatar ser ele dotado de inteligência e perspicácia, ele ainda permanece sendo um enigma para mim. Alma de engenheiro, retórica de advogado. Não compreendê-lo como gostaria chega a me parecer injusto, mas como dizia meu pai, não há de existir justiça nas ambiguidades. Pragmatismo e sensibilidade. Amor e resiliência. Exatidão e reticências. Duas versões em um homem só. A simbiose do concreto com o abstrato é a melhor representação desse rapaz cujo coração conserva a pureza das crianças.

Não sei precisar, ao certo, o quanto Renato conhece do amor. Sei que a pressa desse sentimento é sua velha conhecida. Pressa de chegar, pressa de partir. Sempre temeu que a pressa também fosse sua inimiga e tivesse o afoitamento de antecipar a viagem do Dr. João rumo ao céu bendito de Nossa Senhora da Conceição.

Diz que não sabe se vai aguentar viver de saudades. Visitava o pai todo santo dia, como uma verdadeira romaria embriagada pelo perfume da responsabilidade tanto moral quanto afetiva. Tanto fez pelo professor Volpe que sequer podem pronunciar perto dele a palavra remorso. Absolutamente! Tudo com e por amor, sorrindo, sem um murmúrio sequer. Não apenas serviu, mas serviu com alegria.

A corda bamba é o terreno dos afetos sonegados, da história inacabada, dos abraços arrebatados pelas peripécias pregadas pelas alucinações que furtaram a sobriedade de sua maior referência de homem. Tudo isso já fazia parte da realidade de Renato, esse saudosista de carteirinha, um nostálgico assumido, sem me-

lindres. E assim como os poetas, ele carrega no bolso da alma um vazio para chamar de seu.

A lacuna deixada pela demência do professor João sempre foi uma ferida aberta. A ausência física, então, certamente abriu uma cratera no coração desse moço que, uma vez alcançado pelas garras do amor paterno, sacode ao vento fiapos de lembranças tecidas pela dor de duas ausências. Uma precedeu a outra: primeiro a lucidez do pai, agora, a morte do corpo.

Reitero que, diuturnamente, diariamente, repetidamente, como se fizesse uma verdadeira romaria, dirigia-se à residência de seus pais para organizar as demandas do dia. Aproveitava para dar carona ao pai, que teimava em querer dar expediente no escritório, tempo em que ensinava à sua pequena e fiel escudeira as mais preciosas lições de uma vida inteira. Maju, intuitivamente, sem nunca ter lido o decálogo de Moisés, sabe que honrar pai e mãe, além de justo e necessário, proporciona uma vida longa e feliz.

É dono de atitudes tão grandiosas quanto a imensidão do mar. Carrega um enorme compromisso com a vida, com a família e, sobretudo, com a construção de um mundo melhor para viver. Enxuga a lágrima do outro, esquece de chorar. Sem pendências ou revoltas, sabe sorrir om os olhos e, em sendo exímio conhecedor da efemeridade da vida, transforma os instantes de alegria em momentos congelados de bem-aventurança.

Nos desafios da família é presença constante. Mãos que afagam, abraço que acolhe, solução que resolve. Em cada gesto de caridade ressoa uma existência ali-

cerçada em propósitos legítimos, em valores reais. Pé-talas de rosas perfumando uma jornada leve, sem o peso de sombras atrevidas e com a consciência tran-quila diante de Deus e dos travesseiros.

Resistente, resiliente, trabalhador, a voz mansa não esconde a firmeza dos propósitos. A bondade, para ele, sempre será um exercício diário. É incansável no que faz, trabalha com e por amor, leva uma vida de parti-lha, doação, humildade, humanidade.

Consciente das contingências da vida e que o esgo-tamento das atividades terrenas é coroado com o en-cantamento – terminologia utilizada por Ariano Suas-suna para definir a morte do corpo –, Renato Volpe, no solo fértil do coração de Maju, planta sementes de amor, comprometimento, fé em Deus e a perene cer-teza de que o maior legado a deixar aos descendentes está longe de ser ouro ou prata. Uma biografia decente não tem preço, tem valor.

O êxito dessa empreitada já começou a ser dese-nhado nas linhas desta escritora que, honradamente, ao escrever sobre a trajetória do professor João, deixa este registro nos anais da história e no coração daque-les que tiveram a satisfação de experimentar genero-sas doses de gentileza através de um menino que não apenas sorri com a alma, mas é especialista em garga-lhar com os olhos.

Sus Lover's

ROGÉRIO VOLPE, sexto filho do Dr. João Fioravante, esposo de Thalita, pai de três Marias. Muito mais que um devoto do SUS, vive e sobrevive de pé e com as frentes erguidas tendo como inspiração uma mulher chamada Maria Teresa.

A vida moderna tem lá suas transições. O que é de hoje dura pouco, joga na nossa cara o quanto a vida é breve, quase um rastro de passagem, um susto. Tudo acabou de chegar e em breve vai partir, assim como foi com a vida de meu pai, que permaneceu nesse mundo por tão somente 43 anos incompletos, assim como é a rotina de Rogério com seus pacientes oncológicos. A infância de todo mundo guarda suas saudades e acena para os significados que a memória segura e nos faz recordar. Na tentativa de voltar ao tempo e encher meu imaginário de cores, sabores e amores, derrubei o mundo, virei a terra pelo avesso e gastei meus cartuchos para conseguir uma vaga na agenda da estilista seridoense Gorete Aprígio para que ela produzisse um modelito exclusivo para Tetê usar na festa junina do

Coleginho, em Franca. Já recebi o croqui. Junto com o esboço da obra de arte, a certeza de que Tetê é uma forte candidata a vencer o concurso de rainha do milho. Se der zebra, foi injustiça na certa.

Há objetos que sacralizam os significados. O vestido da segunda filha de Rogério e Thalita é exemplo. O Nordeste, em posição de respeito, chega ao Sudeste apenas para que a menina, cujos olhos são dois oceanos nada pacíficos, distribua graça e beleza aos quatro cantos da cidade.

Tetê anda um tanto revoltada com a morte física do avô. Está triste com a vida, com Deus, com tudo. Thalita me relatou que a nova garota propaganda de Gorete estava com um discurso bastante adulto, incondizente para uma criança de três anos de idade. É fato que a dor amadurece a todos, sem qualquer exceção. A menina não engole a ideia de chegar ao apartamento do bairro São José e não mais encontrar o Dr. João Volpe sentado em sua emblemática cadeira do papai, trajando pijamas de seda pura extremamente bem passados pela Dra. Lenice, que nunca abriu mão desse encargo.

Voltando ao pai da pequena gigante Maria Teresa, digo que ele anda cabisbaixo, abatido, com a alma em preto e branco. Depara-se com os anos de estudo, graduação, residência médica, simpósios e congressos, tudo isso diluído nas horas dedicadas aos pacientes que enfrentam a finitude da matéria, a terminalidade da existência, o ocaso final dos seus sonhos, planos, anseios e projetos. Algumas enfermidades carregam, em sua natureza, a destruição. É fato! Mas a especialidade de Rogério carrega, em sua natureza, fios luminosos

de esperança. Viveu nos últimos tempos a impotência nossa de cada dia. Mudou, muda e mudará o destino de tantas criaturas. Ao fazer de sua ciência, uma profissão de fé, consegue acrescentar algum tempo de vida com qualidade aos pacientes. É um exímio sabedor dos protocolos científicos adequados para cada caso que chega em seu consultório. Não conseguiu devolver a lucidez do pai, tampouco acrescentar um tantinho de tempo nesse mundo ao professor João. Paciência! Rogério também é humano e a carreira médica tem maestria em colocar essa turma para um encontro diário com as fragilidades humanas, a começar pelas deles. Não são deuses, são homens e mulheres de boa vontade.

O filho do coração do Dr. Ricardo Volpe encontrou na Oncologia a razão final de sua trajetória, tal qual dizia Aristóteles. Perante as escolhas feitas livremente por ele, de minha parte, o aconselho a entregar-se ao remanso do rio da vida, observar as redes lançadas, acreditar nas riquezas escondidas nas águas profundas, adequar-se às contingências, respeitar o destino, sorrir para a vida.

Que nenhuma angústia venha lhe aterrorizar, Rogério. Não poder devolver a autonomia, a lucidez, a identidade e o sopro de vida de seu pai é tão somente aquilo que o dicionário chama de incapacidade. Prefiro reconhecer como uma limitação inerente à própria condição humana. É preciso serenidade e resiliência.

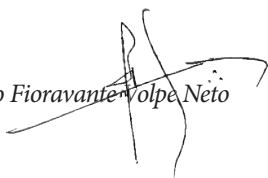
Pela ciência na qual exerce, Rogério sabe que seu pai deixou de verbalizar opiniões e de lhe dar conselhos. A demência atingiu uma área importante, não havia mais qualquer discernimento. O cérebro deixou de codificar as ideias com a lógica adequada e a as-

sociação correta das palavras seria missão impossível. Então, eis a última lição que, certamente, ele lhe daria: compreender o quão insondáveis são os desígnios celestiais e que onde Deus manda e governa, nós devemos apenas obedecer. Tão somente obedecer. Não há protocolo científico que dê jeito.

Há pouco mais de um ano, Dr. Volpe exercia todas as funções pessoais e laborais com total autonomia. Dessa forma, testemunhar que a vida estava acontecendo sem pressa e em perfeita desordem deve ter sido um desafio e tanto. A demência assusta. A finitude também. Impossível retomar as rédeas de uma alma desgovernada.

Ainda assim, Rogério, o amor aparece por detrás da penumbra, por vezes até mais bonito. Nossas realidades fundidas pelas confluências e coincidências do destino, seja quando exerce o mesmo ofício de meu pai, seja por também amar uma Maria Teresa, seja pelo senso de justiça, doa a quem doer, seja pela admiração por Thalita, não importa. O que fica de tudo isso é a alegria eternizada nos pequenos instantes, um lugar debaixo do sol, um canto para se esconder da chuva, um travesseiro improvisado, um riso sem pressa, um beijo roubado numa noite qualquer, uma vida recheada de sentidos, valores, cores e amores. Isso é o que vale. O resto é bobagem.

Os dias passam, todos envelhecemos, a ação do tempo se estabelece dentro de nós. A demora da vida expressada nos vincos do rosto frente ao espelho nos ordena a respeitar o calendário. Esse, sim, permanece. Absoluto. Imponente. O tempo não espera por ninguém. Portanto, vivamos o hoje. O ontem passou, o



amanhã não chegou e não é por acaso que o agora é chamado de presente.

Vou finalizando por aqui. Os últimos tempos têm colocado meu coração à mostra, com medos e temores, sem qualquer coragem profética. Carrego apenas o amor a tiracolo. É mais do que suficiente. A reta final deste livro já me deixa um tanto saudosa. Em poucos dias, verei Franca apenas pelo retrovisor de minha estrada. É certo que no caminho de volta ninguém se perde.

A vocês deixo minha lealdade. Por mais altos que sejam os voos alçados por você e por Thalita, sempre que quiserem pousar em solo firme, meu coração sempre terá lugar para abrigar a todos. Nos visitem no Nordeste, não precisa marcar dia nem hora. É só chegar. Sou diferente do professor João Volpe. Em cate-drais imensas, ele abrigava os museus de uma geração. Ele tinha hora para fechar. Por enquanto, não posso me dar a esse luxo. Uso minhas madrugadas para trabalhar e tão cedo não posso fechar. Achei poucas as obrigações que já tinha e arrumei uma menina cara por aí. Chegou como quem não quer nada e num repente conheci o cheque especial. Trajar modelitos assinados por Gorete Aprígio não é para quem quer, é para quem pode. Prometo dobrar a minha jornada de trabalho. Tetê pode se dar ao luxo de usar o que quiser. Isso eu lhe garanto.

Deixemos que o Diabo vista apenas Prada. Teresa Volpe vestirá o que quiser.

Posfácio

É COM UMA MISTURA DE RESPEITO e afeto que fechamos este livro, que compartilha as memórias e reflexões sobre uma vida marcada pela dedicação, sabedoria e coragem. João Fioravante Volpe Neto foi um homem que não apenas viveu de acordo com seus princípios, mas os cultivou de maneira incansável, é impossível não ser tocado pela amplitude de sua trajetória, que vai muito além de sua profissão como advogado. Ele foi um homem de intensa militância, de uma dedicação que atravessou décadas de luta pela justiça, pelos direitos humanos, e pelo bem-estar daqueles que o cercavam.

João sempre teve a capacidade de traduzir a complexidade da vida em palavras simples e profundas. Seus versos, repletos de sensibilidade, eram uma janela para seu mundo interior – um lugar onde o direito, a ética, a humanidade e a beleza se entrelaçavam. Ele entendia que a poesia era uma forma de resistência, uma maneira de olhar o mundo e os desafios da vida com uma perspectiva que transcendia o racional. E

isso, para ele, também era uma forma de continuar sua luta diária, de dar voz a sentimentos e pensamentos que nem sempre podiam ser ditos de outra forma.

Mas o que torna a vida de João verdadeiramente extraordinária não é apenas sua luta e sua arte, mas o valor imenso que ele sempre deu à família. Pai dedicado de sete filhos, nunca os deixou de lado. Ele sabia que, acima de tudo, era no seio da família que residia o maior apoio, a maior força, ele transmitiu a eles, o valor da educação, do trabalho duro e da importância de ser fiel a si mesmo e aos outros. Ele sabia que a vida exige coragem e firmeza, mas também sabedoria e compreensão. Sua integridade nunca esteve em dúvida, e foi isso que o tornou não só um grande profissional, mas também uma figura admirada por todos que o conheceram.

Foi um homem que viveu com firmeza em seus princípios, uma solidez que se refletia em todas as suas ações, no modo como encarava a vida e nos relacionamentos que cultivava. A força de seu caráter não era apenas visível nas palavras que proferia ou nos feitos que realizava, mas também na quietude de sua convicção. Ele sabia o que acreditava e não se deixava abalar facilmente pelos ventos das adversidades.

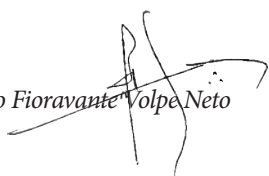
Hoje, quando enfrentamos a dura realidade de sua condição de saúde, com a demência que aos poucos vai roubando as lembranças mais preciosas.

A memória de meu avô, que antes estava repleta de histórias de luta, amor e poesia, começa a se perder em meio às névoas do tempo. No entanto, é importante saber que o seu legado não será apagado. Ele vive

em suas palavras, nas lembranças dos que o conhecem, nos filhos que ele criou e na paixão que ele tinha pela vida, pela justiça e pela arte, o que João deixou para aqueles que tiveram o privilégio de compartilhar sua vida permanece imortal. Ele vive nas memórias, nos gestos que inspirou, na sabedoria que compartilhou e nas lições que, por mais simples que fossem, foram profundas o suficiente para moldar e transformar aqueles ao seu redor.

Com a escrita deste livro, Teresa consegue, de forma brilhante, traduzir a complexidade e a beleza da vida de João Fioravante Volpe Neto, oferecendo a todos nós um retrato do homem extraordinário que ele foi. Ao ler estas páginas, somos lembrados de que, apesar das mudanças que o tempo impõe, as memórias mais preciosas permanecem intocadas, como uma poesia que resiste ao vento e ao tempo, que seu nome continue sendo lembrado não apenas pelos feitos legais, mas também pela riqueza de sua alma poética e pelo impacto que ele deixou na vida de todos que tiveram o privilégio de cruzar seu caminho.

Izabela Volpe
Advogada


João Fioravante Volpe Neto 183

ETERNIDADE

*“Quando os meus filhos
Disserem aos meus netos
O quanto eu os amava;
E quando os meus netos.
Que guardam lembranças minhas,
Disserem que de mim sentem saudade,
Não terei morrido nunca:
Serei eternidade.”*

Ronaldo Cunha Lima, 18/05/2003.

Post Scriptum

*Le immagini valgono
più delle parole*

**Ernesto Volpe
e Norma
Alprandine
Volpe, estimados
pais do Dr. João
Fioravante Volpe
Neto** (Acervo da
Família Volpe)



**Primeira Eurcaristia-
Franca-SP.** (Acervo da
Família Volpe)

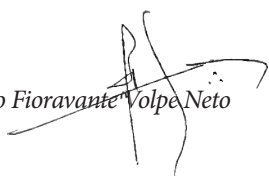


**O jovem João Fioravante Volpe Neto, com
18 anos.** (Acervo da Família Volpe)



**Registro da união matrimonial de João
Fioravante Volpe Neto e Maria Cecília Garcia
Taveira- Catedral da Imaculada Conceição,
janeiro de 1965, Franca-SP**
(Acervo da Família Volpe)

João Fioravante Volpe Neto 193





**Registros da união
matrimonial de João
Fioravante Volpe Neto
e Maria Cecília Garcia
Taveira- Catedral da
Imaculada Conceição,
janeiro de 1965,
Franca-SP** (Acervo da
Família Volpe)



Maria Paula Volpe,
Filha Primogênita
da União com Maria
Cecília Garcia Taveira
 (Acervo da Família Volpe)



João Henrique Garcia Volpe,
Filho da União com Maria
Cecília Garcia Taveira
 (Acervo da Família Volpe)



Luís Fernando Garcia
Volpe (Acervo da Família
 Volpe)



Ricardo Augusto
Garcia Volpe (Acervo da
 Família Volpe)



**Dr. João Fioravante Volpe
Neto e sua esposa Maria
Cecília ao desembarcarem no
Porto de Santos- SP (Acervo
da Família Volpe)**



**Registros da União
Matrimonial com
a Dra. Lenice
Campos Cintra.
Salão do Clube dos
Bagres- Franca- SP.
Dezembro de 1985
(Acervo da Família
Volpe)**



**Renato Volpe, Filho
da União com a Dra.
Lenice Cintra Volpe.**

(Acervo da Família
Volpe)



**Rogério Volpe, Filho da
União com a Dra. Lenice
Cintra Volpe.** (Acervo da
Família Volpe)

**Angélica Volpe, Filha da
União com a Dra. Lenice
Cintra Volpe.** (Acervo da
Família Volpe)



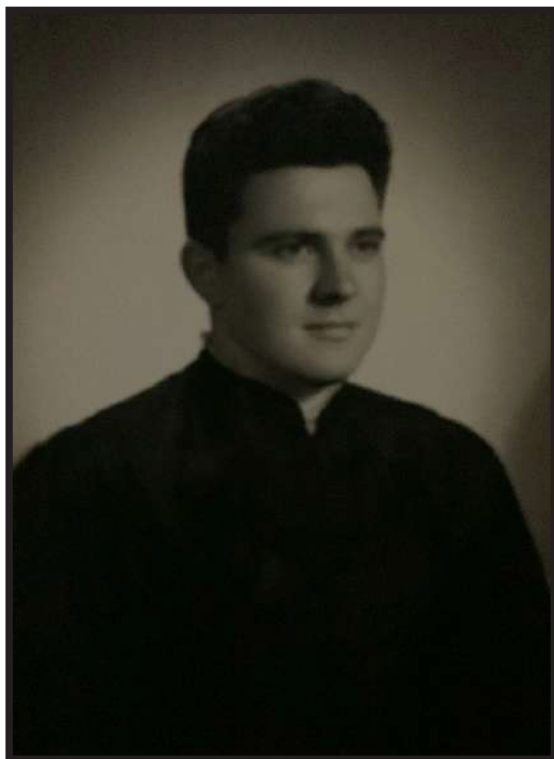
*"Bendito aquele que semeia
livros e ensina o povo pensar."
(Castro Alves)*



**Convite de formatura Turma de Bacharelandos em
Direito- Faculdade de Direito de Franca- SP, 1975**
(Acervo da Família Volpe)



**Juramento dos formandos em Direito na solenidade
de Colação de Grau da Faculdade de Direito de
Franca-SP, 1975** (Acervo da Família Volpe)



**Fotografia oficial do Dr. João Fioravante
Volpe Neto na solenidade de Colação de Grau
da Faculdade de Direito de Franca-SP, 1975.**

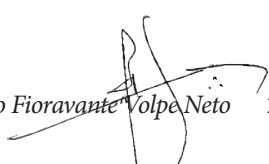
(Acervo da Família Volpe)



Diploma de Técnico em Contabilidade, outorgado pela Escola Técnica de Comércio de Franca. Fevereiro de 1962.
(Acervo da Família Volpe)



Diploma de Bacharel em Ciências Econômicas, outorgado pela Faculdade de Ciências Econômicas de Franca- SP. Janeiro de 1967. (Acervo da Família Volpe)


 João Fioravante Volpe Neto 203



Diploma de Bacharelado em Direito, outorgado pela Faculdade de Direito de Franca- SP. Dezembro de 1975.
(Acervo da Família Volpe)



Diploma de Graduação em Biomedicina, outorgado pela Unifran. Janeiro de 2005. (Acervo da Família Volpe)



**Diploma de Estudos em Direito Mexicano
Para Juristas Brasileiros, outorgado pela
Universidade Nacional Autônoma do México.
Julho de 1980. (Acervo da Família Volpe)**

João Fioravante Volpe Neto 205



Diploma de Graduação em Farmácia, outorgado pela Unifran. Dezembro de 2006.
(Acervo da Família Volpe)

*“Filhos, filhos?
Melhor não tê-los!
Mas se não os temos
Como sabê-los?”*

Vinícius de Moraes



Dr. João Volpe e Dra. Lenice Volpe com a família da primogênita Maria Paula. Mariana, Gabriel e Pedro (primeiro bisneto, filho de Mariana, primeira neta) . (Acervo da Família Volpe)



Dr. João Volpe com a filha Maria Paula e os netos Mariana e Gabriel. Último Natal. Dezembro/2024. (Acervo da Família Volpe)



**Último registro com a primogênita
Maria Paula. Uma semana antes de seu
encantamento. Março/2025. (Acervo pessoal)**

**Mariana Volpe, a
primogênita de Maria
Paula com o pequeno
Pedro. Ela é a primeira
neta do Dr. João Volpe e
da Professora Cecília e ele
o primeiro bisneto.**

(Acervo pessoal)



**Casamento de João
Henrique Garcia
Volpe e Valéria de
Mattos Alves Volpe em
27/11/1993. Paróquia
São Sebastião, Franca-
SP. (Acervo pessoal)**



**João Henrique Garcia
Volpe e Valéria Volpe
com suas duas filhas,
Izabela e Gabriela. No
colo, o pequeno João
Ricardo, primogênito de
Ricardo Augusto Volpe
e Esther Tinoco Volpe
(In memoriam).**

(Acervo pessoal)

**João Henrique
Garcia Volpe
casando sua
primogênita, a Dra.
Isabela Alves Volpe,
a única advogada da
família. Atualmente
trabalha no
escritório do avô.**
(Acervo pessoal)



**Gabriela Alves Volpe, filha caçula de João Henrique
Garcia Volpe e Valéria Volpe. Formatura em Medicina
Veterinária, seguindo os passos do pai, 2023.**

(Acervo pessoal)





Dra. Izabela Volpe com seu esposo Cleber Oliveira e o pequeno Filipe, primeiro neto de João Henrique e Valéria e segundo bisneto do Dr. João Volpe e da Professora Cecília Garcia. (Acervo pessoal)



**Casamento de Luís
Fernando Garcia Volpe e
Cláudia Ferreira Chagas
Volpe. Fevereiro de
1993, Catedral de Nossa
Senhora da Conceição-
Franca-SP. (Acervo
Pessoal)**



**Luís Fernando Garcia Volpe e Cláudia Ferreira
Chagas Volpe. Mendoza- Argentina, 2011
(Acervo Pessoal)**



Luís Fernando Garcia Volpe com sua esposa Cláudia Volpe na ocasião da formatura de Marina em Medicina Bruno e Pedro integram a foto juntamente com suas consortes. Franca - SP, 2025. (Acervo Pessoal)



Luís Fernando Volpe e Cláudia Chagas Volpe. Paris, 2024.
(Acervo Pessoal)



Casamento de Ricardo Augusto Garcia Volpe e Esther Tinoco Volpe (in memoriam). Igreja Santo Agostinho-Paróquia de Santo Afonso Maria de Ligório/Hotel Imirá Plaza, Natal-RN, outubro de 2009. (Acervo Pessoal)



Ricardo Volpe e Esther Tinoco Volpe (in memoriam) comemorando dez anos de matrimônio na Itália, outubro de 2019. (Acervo Pessoal)



**Batizado de Laura
Tinoco Volpe, Rio do
Fogo – RN Dr. João,
Laura e Esther Tinoco
Volpe (*in memoriam*)
esposa de Ricardo
Augusto Garcia Volpe,
dezembro de 2019.**
(Acervo Pessoal)

**Ricardo Volpe e
Esther Tinoco Volpe
(*in memoriam*) com
seus dois filhos, João
Ricardo e Laura -
Fortaleza dos Reis
Magos, Natal RN.
Março de 2022.**
(Acervo Pessoal)





Casamento de Renato Cintra Volpe com Danielle Lopes Volpe. Paróquia Santa Mônica, Franca-SP, setembro de 2017. (Acervo Pessoal)



Renato Cintra Volpe com sua esposa Danielle Lopes Volpe e a pequena Maria Júlia. No canto direito, Bela, a mascote da família. (Acervo Pessoal)



Casamento de Rogério Cintra Volpe e Thalita Pimenta Volpe. Mosteiro de Claraval – MG, abril de 2025 (Acervo Pessoal). (Acervo Pessoal)



Rogério Cintra Volpe, sua esposa Thalita Pimenta Volpe com suas três filhas: Maria Luísa, Maria Teresa e Maria Alice
(Acervo Pessoal)



Dr. João Volpe, Dra. Lenice Volpe e Maria Teresa, segunda filha de Rogério e Thalita. (Acervo Pessoal)



Dr. João Volpe e Dra. Lenice Volpe na ocasião do chá revelação de Maria Teresa, segunda filha de Rogério Volpe e Thalita Volpe . (Acervo Pessoal)

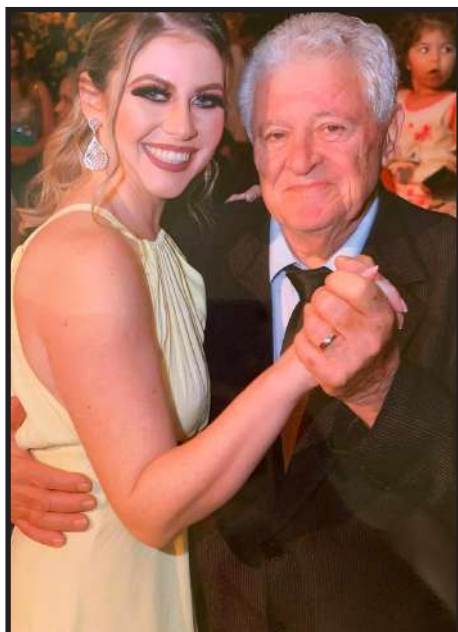


**Dr. João Volpe com
Angélica, ainda criança.**
(Acervo Pessoal)



**Dr. João Volpe e
Dra. Lenice Volpe
com a caçula
Angélica. (Acervo
Pessoal)**

**Angélica Volpe
com a sobrinha
Maria Alice. Franca
SP, 2024 (Acervo
Pessoal)**



**Dr. João Volpe
com Angélica na
ocasião de uma
das formaturas da
caçula. Franca - SP.
(Acervo Pessoal)**

A large, stylized handwritten signature in black ink, which appears to be 'João Fioravante Volpe Neto'.



Última visita ao Dr. João Volpe. Registro com a Presidente Luiza Gomes Gouvêa, a escritora Teresa Oliveira, a esposa Lenice Volpe e o Dr. Rafael Franceschini, em fevereiro de 2025. (Acervo Pessoal)



Última visita ao Dr. João Volpe. Registro com a Presidente Luiza Gomes Gouvêa, a escritora Teresa Oliveira e João Henrique. (Acervo Pessoal)

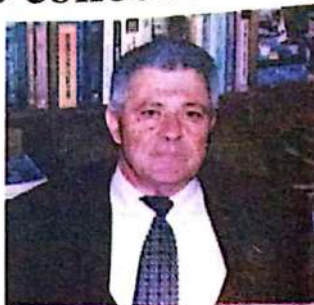


Registro feito pela Dra. Teresa Oliveira na ocasião da visita ao escritório do Dr. João Volpe, fevereiro de 2025. (Acervo Pessoal)

De frente com João Volpe

Vaidade é a principal causa das falências e concordatas

Em entrevista exclusiva para o Jornal CDI News, o renomado advogado "Dr. João Fioravante Volpe Neto", especialista em causas de falências e concordatas, foi enfático ao revelar que uma das principais causas que levam as empresas à insolvência, e a vaidade de seus diretores e proprietários. O Dr. Volpe, ao longo de seus 30 anos de carreira, conviveu com os mais diversos problemas enfrentados por seus clientes, que quase sempre se descuidaram da balança financeira de suas empresas, deixando que as despesas ultrapassassem suas receitas. Ele disse que a maioria de nossos empresários, são pessoas que iniciam uma atividade comercial e que nos primeiros indícios de sucesso, prematuramente passam a realizar suas antigas fantasias, adquirindo automóveis importados, ranchos, casas de praia e promovendo festas dispendiosas, se esquecendo que no primeiro instante de dificuldade, não conseguem



rão retornar os valores desviados, para seu local de origem, ou seja, o capital de giro, tendo a partir daí que recorrer a caros empréstimos e realizar vendas de seus produtos cada vez mais impensadas, diante do desespero. O resultado final é quase sempre o mesmo: encontrar-se à beira da falência. Veja a entrevista completa na página 5.

Crônica

Justiça e Paz

Tema de grande profundidade que aflorou na Campanha da Fraternidade deste ano de 1996. Nós, bacharéis em Direito, vivenciamos diariamente esta busca da Justiça, mas não podemos afirmar que no empreendimento do labor diário, sempre encontramos a Paz, para que a aplicação da Justiça com ela, fique irmanada. Partes se reúnem com o mediador: o Magistrado; mas são poucas às vezes, que nestas reuniões, onde se clama à Justiça, o ambiente seja de uma calma originária da Paz.

Muitas vezes, nem uma mínima frase, onde apareça o nome de Deus é expressada. Busca-se uma Justiça cega, mas esquece-se que para que a Justiça cristalina seja feita, há imperiosa necessidade da presença da Paz. Sem nos colocarmos em uma Paz absoluta, jamais conseguiremos aplicar uma Justiça verdadeira. E isso precisa ser norma cogente nos Tribunais.

Se nós, o Magistrado e as partes em cada contenda, nos armássemos com o escudo da Paz, certamente a Justiça fluiria de modo, que ao invés de deixar resquícios de mágoas, geraria o fluido benévolo do alívio e da compreensão, evitando-se os rancores que muitas vezes acompanham envolvidos até a eternidade.

E como exemplo, vou citar neste artigo, um fato acontecido em uma pendenga trabalhista, onde o Eminente e amigo Dr. Pitas, Magistrado que presidia o caso, soube aplicar com sua majestosa serenidade, em um ambiente, onde envolvidos estavam: sogro, nora, filho e cunhado; uma decisão, que no final, obteve-se a Paz em um caso judicial, onde o rancor aflorava à pele.

O Eminente Magistrado, com coragem, iniciou à sua manifestação, colocando, acima de tudo, e para que todos percebessem a presença do CRIADOR, e numa prática evangélica, fez os envolvidos perceberem que rusgas, ciúmes, dissabores, quando observados sob o ponto de vista dos ensinamentos de DEUS, se transformam em cinzas e delas surge a fênix, e dessa forma conseguiu obter uma belíssima condição, onde às partes, outra solução não restou, senão cumprimentá-lo e acatarem o que apresentada, que se levada à frente, e frise-se; se não orientada de forma evangélica como o foi, consequências drásticas adviriam.

Soube perfeitamente o amigo, e Eminente Magistrado, fazer, a Justiça, dar as mãos à Paz. Exemplo dignificante, que pelo tempo, não será apagado de minha memória. Exemplo que deve ser passado, para que por outros seja seguido.

João Fioravante Volpe Neto - Advogado

JUNHO DE 1995

CRÔNICA

Assédio Sexual

Há poucos dias veio às minhas mãos um volume do livro "Assédio Sexual-Questão de Poder". Li e achei uma arma contra essa situação que no momento demonstra um comportamento do homem e da mulher frente a uma realidade cultural erótica destes tempos, mas que na verdade é uma verdadeira violência.

Um tipo de exploração que reprime de tal monta às criaturas envolvidas, vez que, na verdade, ela é exercida por uma força quase oculta, ou seja, força de quem exerce o poder sobre subordinados, pois de forma totalmente coercitiva tentam praticar atos de libidinagem contra a vontade do assediado, eis que praticado por coerção, por ameaças e por chantagens.

Tanto para o homem como para a mulher e, principalmente para essas, é que uma situação dessa natureza, causam problemas, que podem se arrastar pela vida, que pode realizar mudanças tão drásticas que chegam a atingir conseqüências desastrosas na vivência das criaturas envolvidas, que ante a necessidade do sustento diário, mas por possuírem um corpo escultural, se vêm ante uma negativa, a coerção exercida pelos covardes que detém o poder, a modificar uma esperança de obter neste mundo cão, através do digno trabalho, um meio de sobrevivência digna e respeitosa.

Tais atos atingem com profundidade as criaturas que se vêm envolvidas, esquecendo-se os que coagem, principalmente os que estão no seio de uma família, que o reverso da moeda poderá cair sobre suas cabeças.

O prazer sempre foi conseqüência do amor e o amor conseqüência do prazer, mas ambos são de profundidade tal, que indivíduos, que de forma escusa, assediam para obter uma situação anormal do estilo amor-prazer e prazer-amor, só podem ser reconhecidos como covardes na capa do poder, eis que de forma natural, os mesmos, têm plena consciência de que são desprezíveis.

Essas atitudes pela evolução, felizmente, começam a vir à tona, e com isso, a sociedade, cada vez mais, toma partido com decisões, e com exigências de leis severas que colocarão quem assim age, no lugar merecido, e que acabará por colocar os que dessa forma procedem na inibição de tal prática, mas que, entretanto não podem receber outra alcunha, senão de covardes frios e calculistas, acobertados no manto negro do poder que detém, sobre subordinados.

A minha tristeza às assediadas.

O meu repúdio aos que assediam.

João Fioravante Volpe Neto - Advogado

João Fioravante Volpe Neto 231

Fiel depositário

Várias são as defesas no mundo moderno dos DIREITOS HUMANOS E SOCIAIS e poucos se aprofundam sobre esta arma poderosa da humanidade que começa a abranger todos os pontos, e num futuro bem próximo, as Constituições de países, que ainda não se adaptaram, forçosamente terão que fazê-lo, e muitas das arbitrariedades que nos dias atuais são flagrantemente praticadas, passarão a residir no mais profundo dos cemitérios.

Dentre os muitos casos que ainda assombram a humanidade, a figura do fiel depositário, já começa a sofrer as consequências de uma mudança radical dentro dos princípios inerentes dos DIREITOS HUMANOS E SOCIAIS.

Os permissivos legais da prisão civil do depositário infiel (no caso, artigo 1287 do Código Civil e 904 § único do Código de Processo Civil), foram revogados pela Convenção Americana sobre DIREITOS HUMANOS, que em seu artigo 7º, número 7, assim dispõe:

"Artigo 7º - DIREITO À LIBERDADE PESSOAL (...)

7º - Ninguém deve ser detido por dívida. Este princípio não limita os mandados de autoridade judiciária competente expedidos em virtude de inadimplemento de obrigação alimentar".

Aludida Convenção Americana sobre DIREITOS HUMANOS, teve sua adesão pelo Governo Brasileiro no dia 25 de setembro de 1992, tendo sido promulgada através do Decreto de nº 678, de 6 de novembro de 1992, passando a vigorar na data da publicação deste decreto, ou seja, em data de 9 de novembro de 1992.

Mencionada Convenção, nos termos de que dispõe o artigo 5º, § 2º da Constituição Federal, assim que devidamente aprovada, ratificada, promulgada e publicada, possui valor da Lei Federal Ordinária e neste sentido já se manifestou o Tribunal Pleno do Supremo Tribunal Federal, o qual em análise ao RE nº 80004, deu orientação pela equiparação dos Tratados e Convenções à Leis Federais Ordinárias.

Depois de vigente a mencionada Convenção Americana sobre DIREITOS HUMANOS, ocorreu a revogação, diante do princípio *"ex posterior derogat legi priori"*, de todas as disposições legais anteriores, no sentido de permitir a prisão do depositário infiel, uma vez que o conflito existente entre o Direito Internacional (artigo 7º, nº 7 da Convenção Americana dos DIREITOS HUMANOS) e o nosso Direito Interno (artigo 1287 do Código Civil e 904 do Código de Processo Civil), automaticamente deverá ser resolvida em favor da regra posterior, sendo de forma plena e cristalina que as "prisões civis de depositários infelís" criadas antes de 1992, foram banidas de nosso ordenamento jurídico.

Na verdade ante este novo quadro, tem total razão, o articulista Luiz Flávio Gomes: *"Sacrifica-se o bem jurídico Liberdade Individual para tutelar outros bens jurídicos relevantes como a VIDA, a INTEGRIDADE FÍSICA e a SAÚDE"*.

Tal medida, que já falecida, mas que por saudade ainda é empregada nos meios jurídicos, está sendo na verdade, representação de uma intolerável, arbitrária e desproporcional intromissão na Liberdade Humana.

Com a recente modificação no Código de Processo Civil, cuja vigência teve início em meados de fevereiro do corrente ano, e dentre elas, a liberdade do JUIZ em manter diversas de suas decisões, impedindo-as de serem verificadas por Tribunais *"ad quem"*, é hora também do Judiciário colocar sobre essa hedionda medida, às suas santas mãos, para evitar tão atrozes sofrimentos aqueles que, considerados braços da Lei, ficam com a guarda de bens materiais e sofrem com suas vidas por tão mesquinha garantia.

Acreditamos que num futuro próximo, este cadáver chamado de "FIEL DEPOSITÁRIO", seja nada mais nada menos, de que uma vulgar SAUDADE.

João Fioravante Volpe Neto - Advogado

Crônica

Estamos Aqui

Certa vez, lendo um livro, em que o autor demonstrava e procurava ensinar as formas de orações em uma das páginas, contava uma pequena história de um caboclo que residia em um lugar distante - numa pequena choupana -, com sua família e longe de lugares mais civilizados.

Lavrava a terra e dela obtinha tudo o que precisava. Os filhos cresciam somente com a orientação dos pais. Não havia naquela pequena choupana nada do que temos em nossas casas. Mas tudo era obtido naquele recanto: a água, as roupas, os alimentos e os remédios.

O caboclo sem qualquer conhecimento religioso, apenas seguia seu instinto de homem e a orientação de seu espírito. Entretanto, quando o dia amanhecia, ao sair da choupana, a primeira coisa que fazia era olhar o céu imenso e dizer essas palavras:

- SENHOR, ESTOU AQUI.

Pequeno amontoado de palavras, mas de grande significado. Tão profundo, tão evangélico que chega quase a perfeição essas palavras, quase igualando a maior forma de oração que ELE nos legou quando de sua passagem pela terra.

Maravilhosa forma de demonstrar a humildade, a crença e a vontade de estar presente no mundo do SENHOR. Maravilhosa forma de dizer que um dia seria libertado da prisão do corpo, de aceitar a existência de DEUS, de concordar que há Justiça no sofrimento, de livrar-nos dos atoleiros do mundo, de ter o mundo em nossas mãos, de ficar longe de lugares infernais e de entender que a vida tem um sentido.

Maravilhosa forma de receber as dádivas de DEUS.

Por isso, nós também, ousamos dizer:

- ESTAMOS AQUI SENHOR.

Abençoe nossa vida e nossa caminhada.

Ilumine com o fulgor de sua LUZ nossos passos, para que possamos sempre seguir os caminhos que nos levarão um dia à SUA esplendorosa morada.

João Fioravante Volpe Neto - Advogado

CRÔNICA

ALGUÉM

Aquele homem simples da lida, na mocidade ergueu os pilares de sua vida na constituição de uma família.

Esposa, filhos, trabalho.

A lida era o campo, as árvores o chapéu nas horas do sol abrasador.

Parava de vez em quando, e, via o progresso da família, o crescimento dos filhos.

Mas na vida há sombras terríveis que ceifam as criaturas e implanta o sofrimento e a tristeza. A ignorância e a ganância, essas forças trevosas que levam tantos a cometerem violência manifesta contra as criaturas que buscam da terra a seiva de manutenção de suas famílias.

E o único objetivo é apropriarem-se dessa terra que é farta, quando cuidada por mãos benevolentes, mas que em mãos ignorantes tornam-se estéréis e frágeis.

Dali, aquele pai amoroso, que conseguiu a conquista de ver com os frutos de seu amor, a família crescer e multiplicar, baixa a mesma terra onde seu corpo ceifado pela ignorância e pelo desamor, fará germinar novas vidas nas gramíneas e flores semeadas no túmulo frio.

Verifica-se, que o exemplo de um lutador da terra, volta a ela crivado de balas partidas de mãos assassinas, mãos da corrupção, mãos da ignorância que segregam e abafam os entendimentos do espírito.

Nesses reverses da vida não adianta plantar o ódio, porque ele não nasce na seara do Senhor.

E foi justamente para esse sentido que Cristo veio para atear fogo no joio que corrompe o trigo do Senhor.

Aquele camponês e todos nós, somos sementes na lavoura do Mestre, nosso jardineiro na poda desses desequilíbrios que são cultivados por imundos espíritos.

Por essa razão, e, quando essas duras adversidades acontecerem, por estarmos envolvidos na tesoura de poda que nada mais é do que amor do nosso Grande Jardineiro devemos com toda a sinceridade fazermos tudo dentro desse amor, e seguirmos o exemplo deixado por Ele, com paciência e resignação, como se não tivéssemos pai, não tivéssemos mãe, não tivéssemos irmãos, não fôssemos escravos e nem senhores, eis que na verdade somos filhos do mesmo Pai e sem exceção somos todos irmãos de Cristo Jesus, e só nele obteremos a glória da nossa submissão.

João Fioravante Volpe Neto
Vice-Presidente da 13ª Subseção

João Fioravante Volpe Neto 237

CRÔNICA

O PROPÓSITO

Qual seria o nosso propósito nesta vida.

Não temos a felicidade de Paulo, na entrada de Damasco, que recebeu das mãos sagradas do Criador a iluminação do propósito de sua vida.

Na nossa busca por Vós, está sempre o verdadeiro sentido para encontrarmos o propósito de nossas vidas incertas, errática, repleta de acidentes e de falsos objetivos.

Às vezes, parecemos sentir este propósito, e claramente visualizá-lo, entretanto na vida opressiva e cruel do dia a dia ele se perde como miragem, desvia-se do caminho certo, e nos induz aos erros da terra e da matéria.

Contudo Senhor, Vós não perdeis de vista as vossas criaturas confusas.

Sempre a nos levantar, e a nos estimular, a ir em frente pela trilha dos nossos destinos determinados por Vós.

E por ser a vida tão cheia de dor e derrotas, nos descobrimos, e lutamos pelo nosso propósito, sempre procurando Vossa Vontade, lutando pelo controle de nossos objetivos egoístas e vazios, e sempre quando isso ocorre verificamos que Vós transformastes nossos sofrimentos e fracassos em pequenos degraus.

Entretanto Senhor, o nosso propósito, das suas Santas Mãos nos dá a abençoada sensação de que, o temos dentro de nós, e descobrimos isto não de repente, mas aos poucos e em segredo.

Com isso Senhor, nossa vida tem sentido, e sabemos que este sentido vem de Sua preciosa dádiva, por mais humilde que seja nossa posição ou mais medíocre que seja nossos talentos, descobrimos que fomos destinados a ser esta pessoa, nesta época e neste lugar, e fazer esta específica contribuição ao mundo.

Obrigado Senhor, por revelar Vosso propósito a todos os que o buscam verdadeiramente.

João Fioravante Volpe Neto
Vice-Presidente da 13ª Subseção

João Fioravante Volpe Neto



INDIGENTE

Texto de João Fioravante Volpe Neto (advogado)

A palavra parece pejorativa quando dirigida a pessoas, mas tem grande significado, pois se trata de pessoas.

Representa: LET "indigens" – pessoa pobre, miserável, necessitada; são criaturas humanas, nascidas de pai e mãe como todos nós.

Mas a sociedade agressiva os transformou em indigentes.

Cresceram, nunca se sabe corretamente a forma de vida que tornaram para si, se foram à escola, o que aprenderam, seus ideais suas vontades e as razões do porquê de uma vida diferente.

Seus pés conheceram muitos locais, o aprendizado veio pela convivência do dia a dia. Aprenderam o que é bom e mau.

Entretanto escolheram uma forma de vida apática.

O lar sempre representado por uma ponte, uma construção inacabada, uma marquise.

Jamais se interessam pela moda e pelo asseio.

Um dia veio o chamado, seu corpo inerte naquele exato momento ficou no local que habitava.

Se, nada de reconhecido pelos homens fizeram, muitas vezes seus corpos são utilizados pelas universidades que estudam a anatomia humana.

Se, nada de importante, ou que deixasse seus nomes gravados em ruas e avenidas, legaram, fizeram com sua passagem para o além, a benemérita ação de deixar seu corpo para estudos.

A preciosidade desse legado merece o reconhecimento daqueles que ingressam nas áreas médicas e que, sabedores de onde vêm as peças para seus estudos, deveriam pensar melhor na pessoa do indigente, os quais podem não sido úteis durante a vida, mas o são "post mortem". Merecem essas pessoas pela sua simplicidade de vida, os aplausos pela preciosa contribuição que deixaram após a ida para o além.

Ao velho advogado

João Fioravante Volpe Neto
Advogado

MEU AMIGO.

Alega você, dificuldades para prosseguir nas atividades de seu trabalho. Mas, lá na mocidade você começou a exercer suas atividades, tomado pela causa que hoje nos irmana à frente do combate contra os sonhos da injustiça. O calor com que seu coração abraçou os compromissos assumidos, encorajou companheiros que hoje o imitam.

Os dias correram sobre os dias. Desdobraram-se em anos. Tolerou você os agressivos e as aflições das necessidades que lhe bateram à porta. Entre todas as exigências na sua vida, compreendeu que seu trabalho foi

a sua bênção e o aceitou feliz.

Quando você pôde atender aos que lhe procuraram as faculdades, o fez sem que imperasse o orgulho. No íntimo, entretanto, você sempre reconheceu que não é anjo e nem diabo. Sabe que sempre foi personalidade comum, com obrigações de enfrentar os credores no fim do mês, a fim de poder resgatar as contas efetuadas.

Todavia, hoje, se pergunta, como enfrentar o público exigente, se suas energias reclamam refazimento.

A obrigação de compreender a Lei, e servi-la constituiu o seu imperativo tão amplo como é infinita a dádiva de luz solar que envolve justos e injustos, gratos e ingratos.

Mas, de toda a sua vida, VELHO COLEGA, você aprendeu que quando atravessar o GRANDE PORTÃO DA ETERNIDADE, a medida cautelar a ser requerida por sua fulgurante pessoa, e lastreada em atos e fatos de sua vida terrena, junto ao JUSTÍSSIMO TRIBUNAL, por certo ensejará a liminar da permanência infinita na VIDA CELESTIAL.

João Fioravante Volpe Neto 243

CARNAVAL

JOÃO FIORAVANTE VOLPE NETO
ADVOGADO

Era tarde de terça-feira... O sol mantinha naquele instante pequena forma dourada entre as nuvens. Via-se da ampla janela com grandes vidros de cristais, as copas das árvores com uma serenidade angelical. Via-se também alguns passistas da fragorosa escola de samba, dirigindo-se ao local de onde participariam do último desfile daquele carnaval.

Era terça-feira de carnaval...

Logo à noite, a bateria rítmica daria aos desfilantes a forma adequada para a noite da samba... Papel brilhante... Enfeites alegres... Lantejoulas... Fantasia charmosas... Ilusões... Sonhos... Olhares que imploravam atenção... Tudo embutido naquelas roupas que pareciam transmitir uma alegria interminável...

O sorriso estampava em todos os rostos dos passistas... A multidão se contagiava... À noite célere trouxe consigo a madrugada e esta o amanhecer...

Acabou a grande festa... Mas que grande festa?

Se pensarmos nos dissabores, nas tristezas e em toda a empatia que viria após... Se pensarmos na solidão de muitos que deixaram o aconchego da família para perderem-se no turbilhão da folia. Se pensarmos nos dissabores dos abusos e na falta de compartilhar uma sagrada harmonia.

Veremos que a grande festa deixa ao acabar, um vazio n'alma... Veremos que tudo foi uma ilusão perdida... Veremos que todo aquele reinado partiu-se...

Se pensarmos...

Entenderemos que a grande festa é na verdade uma inútil fantasia...

OS POBRES

Estamos nos últimos dias vendo na imprensa falada e escrita uma divulgação de alguns políticos, e mesmo do Sr. Presidente, que é necessário acabar com a pobreza.

Como se avizinham as eleições, este tipo de alarde não deixa de ser uma isca polpuda para o peixe "voto". Mas não é tanto pela idéia política que faço a presente crônica, é mais para mostrar alguns aspectos do que é pobreza.

Todos pensam que a pobreza será erradicada se despejarmos sobre ela toneladas de alimentos, roupas e dinheiro. Isso apenas ajudaria em parte os nossos irmãos que sofrem no quadro e na situação da pobreza.

Recorda-se uma frase de Jesus: "Pobres sempre tereis no meio de vós".

Por isso há necessidade de algumas reflexões sobre a pobreza, porque ela, e a riqueza, são valores relativos.

Para ter o sentido do pobre, não é necessário que se dê parte de seu capital ou de seu rendimento. Ter esse sentido é muito diferente, é tomar uma atitude pessoal para com os mesmos.

O sentido do pobre é em primeiro lugar deixar de lado o egoísmo e colocar em seu lugar o amor fraternal. O sentido do pobre é antes de tudo um dom de Deus. O sentido do pobre adquire-se pelo esforço humano.

O sentido do pobre é em primeiro lugar a nossa própria responsabilidade em face do mesmo, porque sempre somos circundados por uma série de misérias entre nós:

A miséria da pobreza e da afeição que causa consequências desastrosas. A miséria da criança humilhada, da criança desencaminhada. A miséria da infância moralmente abandonada. A miséria do velho abandonado no poço das tristezas.

A miséria do falhado..., pobre que nunca foi bem sucedido. A miséria do vagabundo..., pobre instável. A miséria da prostituta..., desprezada. A miséria da moral. A miséria material. A miséria do pobre encarcerado..., encarcerado por sua violação às leis.

A nossa miséria em não ajudá-los a serem recuperados. A miséria do respeito. A miséria do comportamento e das vaidades. A miséria da falta de atenção e da falta de participação. A miséria da arrogância e da prepotência.

É grande o contexto de misérias que nos cerca, mas nós precisamos lutar sempre para que esse contexto seja extinto, e não devemos ficar a espera de atitudes políticas. Vamos erradicar as misérias que invadem nosso mundo interior, porque dessa forma conseguiremos praticar tudo contra a mesma no mundo exterior.

A pobreza é um bem que deve ser explorado na luz do amor.

João Fioravante Volpe Neto
Vice-Presidente da 13ª Subseção

Crônica

Nossos Dias

Nossos dias é o composto de nossa vida; e, é ela, nos dias atuais, um amontoado de violência... pobreza... fome... doenças... prostituição... falta de amor... falta de solidariedade, abuso de toda a espécie, e tantas e tantas condições, que nem conseguimos especificar com detalhes. Nos dias que vamos, de forma peregrina, compondo nossa vida, vamos tendo a impressão de que o mundo está desnortado e perplexo, e parece que há um pedido geral para que ele pare, como se fosse um ônibus... pare para que possamos saltar.

Essa penúria parece aumentar neste final de século. É uma chama enorme a nos direcionar para alguma coisa concreta e nobre, mas que infelizmente não consegue dobrar nosso orgulho. É uma penúria que também é antiga, pois assim, um filósofo grego escreveu: *"Nossos dias compõem nossa vida. Nossa vida é uma verdadeira doença. O remédio para essa doença é o sepulcro"*.

E com isso vão se passando os dias... e com eles, nossas vidas. Mas isto, só nos dá uma certeza, que nosso destino final não pode ser deste mundo.

Somos na verdade, peregrinos nessa vida. Somos cidadãos de outra pátria rumo à qual vamos indo, em cada dia que passa e, que por esta razão não sentimos a vontade absoluta de regularizar a vivência que aqui temos, porque ao pensarmos que vamos para outra pátria - a eterna pátria -, desprezamos essa pousada que nos serve de guarida no percurso que temos que cumprir, para atingirmos aquela que almejamos.

Por isso não procuramos melhorar os dias que passamos nessa terra brava e deixamos nosso interesse por ela ser apenas superficial, pois o interesse maior reside na pátria futura.

Entretanto nos esquecemos de que o bom cidadão é o que age corretamente em todo o recanto por onde passa. E por estas condições, procuremos, enquanto vamos aqui passando nossos dias, construir um reino parecido com aquele que esperamos um dia encontrar.

Vamos antecipar aqui o que pretendemos encontrar lá. Vamos nesta nossa vida terrena, semear a Justiça, a verdade e o amor. Vamos impregnar a tudo, felicidade e paz.

Somos caminheiros, somos peregrinos. Vamos em busca de uma Pátria Maior, deixemos pois aqui, um marco de verdade e bem.

João Fioravante Volpe Neto - Advogado

Crônica

Paternidade

Numa dessas tardes friorentas de inverno, compareci a uma audiência. Aliás, a última daquele processo que se arrastava há quase três anos desde seu ingresso no Judiciário. A pendenga era sobre a prova da paternidade.

Casal jovem, que num momento de ilusão e de juras falsas, acabaram por conceber uma criatura. Um garoto que contava nessa audiência com quase dez anos.

Veio ao mundo sem o carinho afetivo do pai. A mãe assumiu durante todo esse tempo o encargo laboroso de fazer aquela vida prosperar.

Notava-se no semblante da criança, um olhar temeroso e de grande expectativa, pois para ele, aquele dia, ante todas as provas feitas, seu pai, de forma amigável ou sob o peso de uma sentença, o reconheceria.

A consciência falou mais alto.

O pai, ante todas as evidências, não podia negar: aquele era seu filho. O reconheceu. Notava-se naquele homem que uma euforia exalava de seu ser. Aceitou os encargos e os direitos de um verdadeiro pai.

Prometeu ao filho, meio encabulado, as garantias que este a muito esperava, e por fim, estendeu seus braços para um afetuoso abraço. Restou farpas, porque a família não ficaria unida, mas ficou a esperança, para uma criatura que sempre almejava ter em definitivo seu pai.

O caminho para aquela criança, daquele dia em diante, seria mais amplo, pois além do pai, teria mais um avô e uma avó a aconchegar-lhe nos braços.

Foi uma acatitação que todos os presentes perceberam ser gloriosa. Foi um erro passado que ali se restabeleceu. Foi um exemplo que ficará para sempre nos arquivos do Judiciário.

Foi a satisfação de um profissional que conseguiu organizar a forma de vida de uma criatura, vinda ao mundo através de um ato inconsequente, mas que finalmente pode dizer: sou filho de pai e de mãe. Foi o começo de uma história vazia, mas que teve um fim lacrimoso nos olhos de um pai e de um filho que ingressou "in totum" nas leis brasileiras.

João Fioravante Volpe Neto - Advogado

A injustiça com as crianças

João Fioravante Volpe Neto
Advogado

Em todos os recantos da terra, verificam-se a grande injustiça... monstruosidade mesmo com as crianças... violentadas... assassinadas... passando fome e frio... abandonadas.

Parece que virou moda tal safadeza por parte dos adultos, covardes e miseráveis que atacam esses seres pequeninos, frágeis, e que buscam seu pedacinho neste mundo, do qual serão um dia os dirigentes... e que dirigentes poderão ser... se mal saem do ventre das mães, e já encontram, contra sua indefesa e sua pequenez, essa onda maléfica de atrocidades.

Por quê...? Assistimos a tamanha violência com estes pequeninos, que vêm por nós... que vêm para serem a continuidade da humanidade e que são tratados com tamanha desigualdade e com absurda falta de tudo.

Será...? que é necessário mesmo tais ocorrências animais para que os adultos aprendam o que é respeito. Será que não sabem que o amor só tem sentido puro se voltado para duas

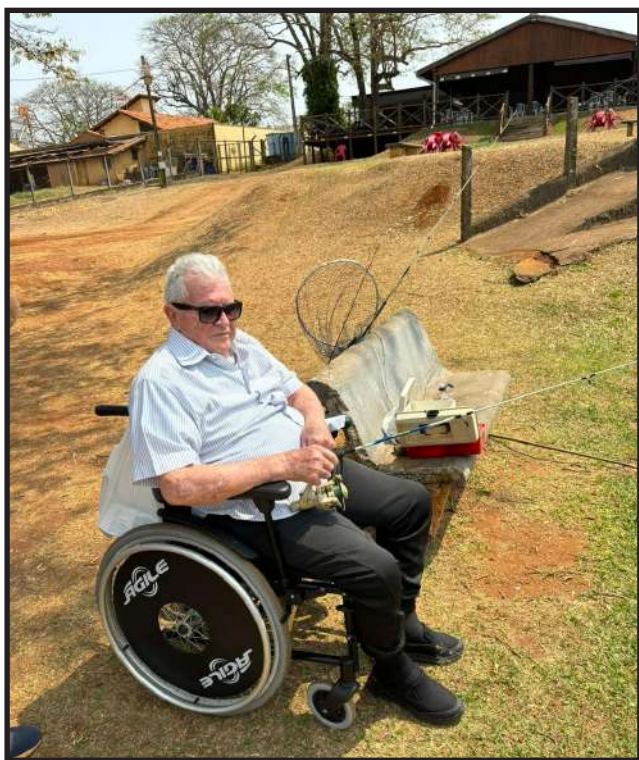
coisas... DEUS E AS CRIANÇAS... e elas merecem todo o nosso respeito e amor.

É bom examinarmos se o amor que damos à criança é sincero e puro, pois são elas como diamantes brutos que precisam ser trabalhados e polidos de forma sincera, honesta e edificante, eis que a pureza que nelas encerra é o que há de mais lindo sobre a terra.

Entretanto, não nos esqueçamos que o Grande Mestre JESUS deixou sua sincera posição de defensor dos pequeninos quando afirmou:

“Ai daquele que fizer cair em pecado, que maltratar, que espoliar uma criança, pois terá que enfrentar MEU jugo, melhor fora que lhe atassem ao pescoço a mó de um moinho e o lançassem ao fundo do mar”.

E, nos dias atuais, a humanidade não se preocupa com esta drástica advertência e sofrerá, cada vez mais, por certo, as consequências.



Pescaria em Franca-SP. Acervo Pessoal)

*“Deus nos dá pessoas e coisas
para aprendermos a alegria.
Depois, retoma coisas e pessoas
para ver se já somos capazes de
sermos alegres sozinhos.
Essa é a alegria que ele quer...”*

Guimarães Rosa

Revisão final

Fabrínia Almeida

Coordenação do Projeto

Sérgio Vilar

(Presidente do Conselho Editorial

Ariano Vilar Suassuna)

Projeto Gráfico e diagramação: Arão de Azevêdo

Imagem da Capa: Acervo da Família Volpe

Imagens e recortes de jornais: Acervo da Família Volpe

Formato: 13cm x 21cm

Tipologia: Aleo 11/14

Ilustrações: FreePik

Finalizado em maio de 2025, Campina Grande-PB

Ninguém vive em vão, mas poucos estampam capas de livro. Menos ainda têm sua vida explicada a partir de sua obra, quando o contrário é mais usual. Teresa Oliveira mergulhou no cotidiano familiar e profissional do Dr. João Fioravante Volpe Neto.

Mais que uma biografia, este livro se faz um ensaio sobre a carreira de um dos grandes advogados da história de São Paulo. Sua trajetória enquanto filho de imigrantes italianos, o brilhantismo na advocacia até o processo de demência e consequente falecimento enquanto o livro ainda estava em curso, estão relatados em uma escrita fluida e lírica.

Se biografias, em geral, são apenas as vestes e não a alma do biografado, a autora mesclou, nestas páginas, filosofia e prosa poética ao cotidiano de um homem simples, que fez de sua vida doação à causa advocatícia e exemplo de ser humano, demasiado humano.

Sérgio Vilar

Presidente do Conselho Editorial do
Instituto Ariano Vilar Suassuna



ISBN 978-65-5221-071-5

